FON
FON
ANNO XXVI —— N.º 2
Rio, 9 de Janeiro, de 1932
—— PREÇO: 1$000 ——

O conto brasileiro

NOITE DE TERROR

DE

A. MARROCOS DE ARAÚJO

A O pé de um serrote escalvado, debaixo de grandes arvores, estavam deitados oito homens. Recostados nos trancos proximos, havia alguns rifles. Punhaes longos, com as folhas mettidas na bainha, viam-se aqui e ali. Era um bando sinistro, desses que talam os sertões nordestinos. Compunha-se de oito bandidos. Tinham procurado aquelle logar deserto para, á noite, durante o somno, não serem surprehendidos pelas escoltas que cruzavam campos e mattas no seu encalço. Acordaram. Passaram então a concertar planos, discutindo o itinerario a ser observado. E depois de muitos commentarios sobre a refrega do dia anterior, puzeram-se em marcha, alta madrugada. Todos applaudiram a sugestão do *Azulão*, chefe do bando. Deveriam seguir pela larga estrada, que se desenrolava até a fazenda "Riacho das Cobras", onde atacariam a casa do vaqueiro Firmino.

O caminho que iriam percorrer tinha a vantagem de se estender por campos limpos e amplos, sem vegetação alta e sombria á sua margem, evitando assim que os soldados fizessem qualquer emboscada.

A viagem não era tão longa e deveria ser realizada antes que o dia amanhecesse.

A morada de Firmino distava apenas duas léguas do local onde tinham pernoitado. Nas proximidades de sua casa, alevantava-se a matta densa. Ahi passariam o resto do dia em logares esconsos. Assim fizeram.

A' tarde, o chefe destacou dois dos seus asseclas e mandou espreitar a habitação do vaqueiro, por entre as arvores. Com as informações recebidas, *Azulão* delineou os planos do ataque.

* * *

A' tarde, o pateo da fazenda "Riacho das Cobras" encheu-se das rezes que costumavam ali dormir. Passaram para o curral de grossos troncos de aroeira, as vaccas leiteiras, em marcha lenta, berrando pelos munjolos, que respondiam lá para um cercado.

Um toiro, com um cupim formidavel, a balançar, e pontas afiadas e ameaçadoras, rondava o curral.

Cavallos peados estacionavam aqui e ali, fartos da pastagem muito verde, que cobria os descampados.

No alpendre daquelle casarão sertanejo estavam as pessôas da familia, contemplando, sem interesse, aquella scena campestre, que todos os dias se repetia immutavelmente.

A luz opaca do crepusculo cahiu sobre aquelles sertões.

A tristeza, que sempre assalta a alma humana nessa hora de recordações, invadiu aquelles espiritos rusticos. O aboiar monotono e plangente do vaqueiro, que se achava trepado nos moirões do curral, espalhou-se tristemente pelo ambiente calmo daquella tarde, indo perder-se nas quebradas de uma serra proxima, que barrava o horizonte com seu vulto granitico. De quando em quando, lá dentro da matta, ouvia-se o berro de uma rez tresmalhada.

Sob a ramagem farta e verde de um anoso joazeiro, que ensombrava o pateo daquella fazenda nas horas ardentes do dia, uns cordeirinhos balavam, chamando as ovelhas que lhes dariam, de volta dos campos, os úberes turgidos do leite branco e saboroso. Desceu a noite...

Depois da ceia, em que foi servida a deliciosa coalhada sertaneja, que enchia grandes pratos, as pessôas daquella laboriosa e honrada familia recolheram-se aos seus aposentos, onde deveriam gozar o somno reparador das fadigas do dia.

* * *

A horas caladas da noite, quem passasse pelo largo pateo da fazenda "Riacho das Cobras" ouviria passos de alguns vultos, que, protegidos pelas trevas se approximavam da morada de Firmino. O chefe dos cangaceiros, alma satanica e ávida de sangue, mandou que os seus apaniguados cercassem a casa, e destacou o *Tempestade*, cabra forte, valente e de sua inteira confiança, para quebrar a coice de rifle a porta do casarão da fazenda.

No silencio da noite, aquellas pancadas soaram lugubremente. Firmino e as demais pessôas, que compunham a sua familia, acordaram e levantaram-se atarantadamente. Fizeram mil conjecturas e não sabiam a que attribuir tal absurdo.

O vaqueiro escondeu sua faca por baixo da camisa e, corajosamente, se dirigiu para a sala da frente, emquanto as mulheres, presas de grande susto, cahiram ajoelhadas ao pé dos quadros dos santos, que estavam pregados na parede das camarinhas. Ia Firmino articular algumas palavras, quando a porta cahiu ruidosamente.

Um cabra, agil como um gato, com um enorme punhal na mão direita e um rifle na esquerda, se approximou delle, exclamando, gritando para os companheiros:

— Podem entrar!

Sete cangaceiros de cataduras horripilantes, transpuzeram a soleira daquella casa matuta e cercaram Firmino, articulando simultaneamente:

— Queremos dinheiro!

Depois, dois se destacaram do grupo e penetraram na camarinha, onde se encontravam tres mulheres, todas irmãs de Firmino, um meninote e uma encantadora creança, de cinco annos de idade. Esses dois pequenos eram filhos do dono da casa, que, havia pouco, enviuvára. Um sicario se approximou de Rosinha, que gritava de pavor, segurou-a e perguntou ás mulheres si aquella pequerrucha era filha de Firmino. Ao ter resposta affirmativa, ordenou que todos se retirassem, lá para as mattas, pois ali não queria chôro. E accrescentou:

— Aqui só preciso desta pequena.

A encantadora creancinha, presa pelos braços, gritava como uma louca. O cangaceiro arrastou-a para a sala da frente, onde se encontrava o pae da pobresinha. *Azulão*, aquella féra com fórmas humanas, encostou-se a Firmino e lhe disse:

— Ou nos arruma um conto de réis, ou verá degolada sua filha.

(*Conclúe na pagina seguinte*)

NOITE DE TERROR (continuação)

— Não façam isso commigo! Que culpa tenho eu de não ter dinheiro? — articulou o desventurado sertanejo.

— Você tem. O que você não quer é dar.

Firmino, olhando para a filhinha e vendo-a com os pulsos apertados pela mão aspera de um bandido, pediu que lhe entregassem o seu rebento querido, pois estava resolvido a dizer onde guardava o dinheiro, que possuia e que montava a quasi dois contos. O chefe do bando acceden. O fazendeiro, então, apertou contra o peito a sua amada filhinha e apontou para um canto da sala, dizendo que, si cavassem cerca de meio metro, encontrariam um pote com a supradita quantia. Os sicarios dirigiram-se a um quarto, onde havia alavancas e enxadas e, logo depois, começaram a cavar.

O que, nesse momento, se passou na alma attribulada daquelle pae, que apertava contra o peito a sua caçulinha estremecida, não se póde descrever. Elle ali jamais guardara um real e estava apenas protelando o instante maldito em que aquelles desalmados deveriam arrancar a vida áquelle entezinho idolatrado. Na sua mente havia um turbilhão de idéas sinistras.

Azulão chamou o *Tempestade* e disse:

— Acompanhe este homem para que elle lhe entregue algumas rapaduras e farinha, afim de fazermos uma ligeira refeição.

Marcharam os dois para o interior da casa. Na despensa, pediu ao bandido que levantasse a tampa de uma mala, onde se achavam as rapaduras. E, quando elle se curvou, o sertanejo, tendo ainda sua filhinha apertada de encontro ao peito, arrancou com a mão direita, num gesto brusco, a faca da bainha e enterrou-a no dorso do cangaceiro, deixando-o immovel com a lamina mergulhada nas carnes. Um longo gemido soturno interrompeu o silencio e Firmino, em vertiginosa carreira, conduzindo seu rebento querido, sahiu pela

---

AINDA me sinto desconcertado por uma operação que vi praticar em um recem-nascido e que, segundo creio, não tem precedentes nos annaes da sciencia. Um verdadeiro milagre!

Na ultima quinta-feira, precisamente no momento em que ia renunciar a todo trabalho, vi chegar a minha casa, com o olhar extraviado e os gestos de louco, o director de um grande circo, que conheço vagamente por me haver sido recommendado por um amigo commum. O homem, offegante, se deixou cahir em uma cadeira, e, com voz entrecortada, começou a dizer:

— Por favor, senhor!... Umas linhas suas para o seu amigo senhor Paustu, e eu serei rico. Por favor: aconselhe-o a vender seu filho para eu exhibil-o em meu circo. E' uma verdadeira maravilha! Jamais encontrarei outro phenomeno igual!

O homem arrastava-se, supplicando, como um verdadeiro maluco, e eu tive que segurál-o com as pinças da chaminé para pôl-o fóra.

* * *

Ai! Minutos depois, um telegramma me confirmava a desconcertante noticia:

"Suzanna teve um monstro. Desesperado. — *Thomaz Paustu.*"

O MONSTRO

Tomei um taxi e, minutos depois, chegava á casa de meu amigo.

Paustu, prostrado em uma cadeira, balbuciava phrases incoherentes:

— Um monstro!... Um monstro vivo como nos theatrinhos de feira! Não! Não!...

Minha posição era bastante incommoda. Quando menino, me haviam ensinado o que é preciso dizer nos casamentos e nos enterros, mas não se previra em minha educação, a maneira de dar pesames nos casos de nascimentos de monstros. Assim, não sabia que attitude tomar, quando o médico da familia sahiu do aposento contiguo. Dirigi-me a elle:

— Então, doutor?

— Que quer que lhe diga e que quer que eu

SANGUE VERDE

Ruy Côrtes

Ao tremor ondulante das paizagens,
Quando o fio do vento se desata,
Ha como nótas musicaes, na matta,
E, pelo ar, polychromicas plumagens.

E, nas veias de troncos e ramagens,
Toda a força da seiva se retrata:

NOITE DE TERROR (conclusão)

mesma porta lateral da casa por que haviam fugido as pessôas de sua familia.

Os bandidos com o ruido produzido pelo bater das alavancas na terra dura, não ouviram o longo gemido do seu companheiro. Momentos depois, paralizaram o serviço e notaram que reinava grande silencio para o interior da casa.

Dirigiram-se á despensa, e lá, tomados de grande surprêsa, encontraram o cadaver de Tempestade, traspassado pela lamina assassina. Levaram para a sala o corpo inanimado do companheiro, jurando Firmino e repetindo que, si ainda o pegassem, o enterrariam vivo. Aprofundaram mais o buraco da botija sem que nada encontrassem. Aproveitaram a excavação para a cóva do companheiro e, depois de o sepultarem, lançaram fogo á casa.

* * *

A escolta policial, que andava no encalço daquelle bando de cangaceiros, encontrava-se a uma legoa de distancia do logar em que se desenrolavam tão trágicos acontecimentos.

Tendo o commandante da mesma notado aquelle grande clarão, que se espalhava sinistramente pelos sertões, espancando as trevas, para lá se dirigiu com seus soldados. Quando chegaram á fazenda "Riacho das Cobras", ainda ardiam linhas, caibros, ripas daquella habitação rústica, que sempre abrigára as almas mansas dos sertanejos bons e laboriosos. As paredes ainda estavam firmes, mas negras, lambidas pelas linguas rubras das labaredas...

O fogo já começára a alastrar-se pelas cercas, e as vaccas, num canto do curral, lançavam olhares de desespero, illuminados lugubremente pelo clarão das chammas.

Horas depois, daquelle casarão matuto, só existiam paredes denegridas e um montão de cinzas, que o vento ia espalhando com as suas repetidas lufadas...

De G. Pawlowski

faça? E' um monstro, não ha duvida, e nada se póde fazer...

E, depois de uma pausa, ajuntou, com bonhomia:

— Agora, é resignar-se. Por outro lado, o menino não poderia viver nessas condições. Vá vêl-o.

Fez-me entrar no aposento onde uma mulher cuidava do pequeno monstro, e se retirou discretamente.

Uma curiosidade instinctiva me fez aproximar-me. Que horror! Em um berço, um pequeno corpo vermelho, informe, constituido contra a natureza: os braços para cima, unidos ás cadeiras; a cabeça debaixo do ventre, os olhos situados na parte inferior da cabeça; uma bocca no meio da fronte, que se abria para cima como a dos crocodillos, e, de ambos os lados da cabeça, duas especies de salsichas que deviam ser pernas. E tudo isso chorava, berrava.... Positivamente, um espectaculo que ainda hoje me faz mal.

A campainha soou.

— E' um grande cirurgião que mandaram chamar — disse a mulher, pondo-se de pé. — O senhor Paustu não sabe em que gastar o dinheiro. Si esse medico fizer alguma coisa, será um verdadeiro milagre.

* * *

Pois bem, senhora: *esse medico* fez alguma coisa. Sem o auxilio de instrumentos, sem collaboradores, o grande cirurgião se aproximou do berço, contemplou um instante o phenomeno e, bruscamente, o levantou; deu-lhe volta, e o depositou de novo no berço, com a cabeça no travesseiro e os pés em seu logar de costume.

Acercámo-nos todos estupefactos: em vez do monstro, apparecia deante de nossos olhos um menino perfeitamente constituido.

E, emquanto semelhante prodigio nos deixava mudos de admiração, o grande cirurgião encolheu os hombros e disse, simplesmente:

— Quasi o matam!...

Que lembrança, deitar um recem-nascido com a cabeça para baixo!

A corrente sanguinea da cascata
Brilha no sangue verde das folhagens...

Rebenta a vida em tudo, alegre, aos brados,
Num turbilhão de fructos sazonados
E passaros cantando, aos mil e aos mil...

E, ansiosa, em cada valle e em cada serra,
Palpita a arder, no coração da terra,
A plethora do peito do Brasil!

O TELEGRAMMA

JOHN WARING contemplou pela janella de seu aposento de hotel a sombra da tarde triste. Alli estava, victima de uma solidão melancolica.

Lá em baixo, muito em baixo, se via uma estreita rua nova-yorkina, coberta de charcos que a chuva formava sobre o pavimento. Os transeuntes se comprimiam nos passeios, movimentando-se com as cabeças e os guardas-chuva inclinados para a frente, afim de resistir melhor aos açoites do vento. Alguns sós, outros acompanhados.

Mas, afinal de contas, fossem quem fossem e aonde quer que se dirigissem, era coisa que não interessava a John. Peor ainda. A só vista dessas pessôas intensificava a asperesa de sua soledade. E agora, nas vesperas de emprehender uma viagem, de partir para longe, sabia que, da janella de algum outro desolado quarto de hotel, contemplaria o desfile de outros milhares de formigas humanas cada uma seguindo seu proprio caminho..., e que sua solidão seria ainda maior, multiplicada enormemente, porque então se encontraria em um paiz estranho.

Rio de Janeiro! Que romantico lhe havia soado esse nome alguns annos antes. Nesse mesmo instante, emquanto Nova-York tremia sob o açoite de uma temperatura inclemente, lá se gozaria de uma amenidade de dias de sol e de frescas tardes primaveris. Mas, agora, John fugia para o sul, não em busca de um romance, mas para se livrar delle.

O sacrificio é sempre amargo — reflectiu elle. Ninguem que o escutasse e comprehendesse; quatro paredes núas e numa peça impessoal em um hotel e mil milhas de distancia entre elle e a joven que partiria com elle, sem duvida, si lho propuzesse; a joven cuja felicidade elle assegurava com sua renuncia.

John sabia que Heloisa o amava. E sabia profundamente que elle a adorava. Mas tambem não ignorava que ella seria mais feliz com o outro homem, não só porque se tratava de um bom rapaz, decente e capaz, mas tambem porque David poderia proporcionar-lhe as coisas que ella sempre desejára... e merecêra: um lar luxuoso, automoveis, viagens, joias, vestidos de Paris...

Enorme contraste entre tudo isso, e o que elle, John Waring, podia offerecer-lhe, além de uma devoção sem reservas: um magro salario, esperanças para o futuro, e, no momento, não só ausencia de coisas formosas, mas uma vida pobre. Lutára heroicamente para solucionar o problema, e, por fim, procurou um emprego no Rio de Janeiro, porque sabia que sua permanencia em Colombus, perto de Heloisa faria com que a força de seu amor vencesse a de suas outras considerações. Comprehendia que, uma vez desapparecido elle de seu scenario, ella aprenderia a apreciar o que David lhe offerecia.

Até então, Heloisa jamais conhecêra o prazer do luxo. Como esposa de David, gozaria da vida attrahente de um navio confortavel, de um hotel de primeira ordem; Os vestidos e as joias da rue de la Paix lhe pertenceriam desde que ella os desejasse.

John se afastava deixando inarticulado o pedido de casamento que ella aguardava.

Mas agora, cinco dias antes da partida, quando toda Nova-York estava cinzenta e triste, o sacrificio por elle mesmo escolhido lhe parecia irrazoavelmente duro. Pensou que não era justo que renunciasse ao maior dom que a vida póde offerecer, e, de repente, impulsivamente, se sentou á me-

De Octavio Roy Cohen

sa, procurou um caderno de papeis de telegrammas, e escreveu, com o endereço da jovem, o seguinte:

"Não posso partir sem ti. Sabendo o pouco que te posso offerecer, terias coragem de acompanhar-me? O vapor sae de Hoboken ás dez da manhã da proxima quinta-feira. Si achas que pódes fazer este sacrificio, farás visar teu passaporte e irás commigo? Eu suppunha ser forte. Mas isto o é mais do que eu. Todo o meu amor. — *John*"

Depois de redigido o telegramma, não se atreveu a passál-o sem reflectir maduramente. Resolveu esperar até a manhã seguinte, para ver si outro amanhecer cinzento lhe dava forças para proseguir com o seu s a c r i f i c i o. Deixando o telegramma na gaveta da secretária, fechou-a e sahiu.

Caminhou muitas horas e pensou milhares de coisas durante ellas. Voltou ao hotel ás tres da manhã, mental e physicamente exhausto. A's nove se levantou, tomou seu banho frio e seu café. Então, emquanto um pállido raio de sol se filtrava pela janella, comprehendeu que não lhe faltariam energias para sacrificar-se... por ella!

Fez suas malas e bandonou o hotel. Os ultimos dias, iria passal-os em Boston, onde uma familia amiga lhe alliviaria um pouco sua pena, com a amavel hospitalidade que sempre lhe dispensava.

Na quinta-feira pela manhã, regressou a Nova-York e se dirigiu para Hoboken. Ali o esperava, brilhando ao sol, o vapor que o levaria para longe do amor, para uma solidão eterna. Não poude impedir que a vista se lhe nublasse. Mas estava contente, muito contente... por causa de Heloisa.

Chegou ao cáes. Subiu a largos passos a escada, sem olhar o official de bordo, que o cumprimentava amavelmente. Seguiu o empregado que levava suas valises, sombriamente, e só viu Heloisa quando esta se lhe poz á frente, em seu caminho, e lhe estendeu os braços...

Os braços de John a enlaçaram, e seus labios procuraram os della, alheio á presença de estranhos, agradecendo, do fundo da alma, a realização de tal milagre. Apertou-a contra o peito, suffocando os soluços da moça. Lágrimas que sempre causa uma e m o ç ã o muito grande, embora esta seja de felicidade. Aquella seria sua viagem de nupcias...

* * *

No salão de fumar do Club Athletico Atlanta, tres homens conversavam. Um delles, um cavalheiro de aspecto respeitavel, alto e fino, de cerca de quarenta annos de idade, aproximou sua cadeira da cadeira dos outros, e tomou um ar confidencial.

— Tenho algo muito importante para lhes dizer — falou. — Gostaria de saber a opinião de vocês a respeito. Ha cinco ou seis dias que cheguei a Nova-York, assim por volta das nove e meia da manhã... O quarto que me deram, no hotel, não estava de todo desoccupado... Isto é: o homem que o occupava até a noite anterior partira naquella manhã e não sabiam si voltaria ou não.

Sentei-me á mesa para escrever um telegramma para minha senhora, e na primeira folha do caderno de papeis encontrei um despacho escripto por alguem chamado John, e dirigido a uma jovem em Colombus, Ohio. Vi um dilemma deante de mim. Eu nada tinha a ver com o assumpto. Mas a redacção do telegramma demonstrava que se tratava de algo de vital importancia. Levei-o á agencia telegraphica do hotel e o despachei. E desde então estou preoccupado com o que fiz. Que teriam feito vocês, no caso?...

A DANÇA DAS HORAS

(Continuação do numero anterior)

ctos. Hoje, emquanto arrumavamos a Arvore, senti-me tão desgraçado, que resolvi dominar o meu estupido amôr proprio e pôr fim a esses mal-entendidos. E foi por isso que voltei mais cêdo. Sim. Deixemos de orgulhos tolos. Quero que tornemos aos bons tempos em que você era a "bem amada" e eu o "querido". Vamos! Recomecemos a vida!

MME. (*que já deitára a cabeça no peito do marido, soluça baixinho. Falando comsigo*). — Um milagre, um verdadeiro milagre, o meu relogio parar! (*De mãos postas, para o marido*). Perdão! Perdão, meu "querido".

MONSIEUR (*estreitando-a nos braços*). — Perdão por que, "bem amada?" Pois si somos, ambos, culpados...

Escuta-se chôro de creança. Monsieur, apressado, corre uma cortina escondendo o jardim de inverno. Surge bébé, pela porta á direita. Quatro annos. Gorducho. Cabelleira loura, encaracolada. Está em roupas de dormir.

BÉBÉ (*chóra, esfregando os olhos*). — Eu quero... eu quero... a mãesinha.

Monsieur e Mme. vão ao seu encontro. Risonhos. Braços abertos.

MONSIEUR (*carregando bébé*). — Não chore, filhinho. Mamãe está aqui.

BÉBÉ (*abrindo muito os olhinhos, jogando-se para Mme., que o toma nos braços*). — Mamãe, não vá se embora, não. Fique commigo. Não quero mais a *bábá!*

MONSIEUR. — Que tolice, meu nenê! Com certeza você sonhou.

BÉBÉ. — Não, papae. Mamãe disse — "Filhinho não gosta de mim. Vou-me embora. Elle fica com a *bábá.*"

MME. (*á parte*). — Santo Deus! Elle estava acordado!

MONSIEUR (*acariciando os cachos do garotinho*). — Foi um sonho, filhinho. Mas você sonhou errado. Mamãe não se vae embora. Pelo contrario — agora, ella ainda vae ficar mais em casa.

MME. (*apertando o bébé, muito emocionada*). — Meu filhinho! Que horror si eu te abandonasse! Seria a maior das loucuras! Foi um máu sonho, amorsinho. Sou tua, inteiramente tua, para sempre, meu anjinho adorado!

MONSIEUR (*tambem emocionado*). — Só delle? Eu, tambem, não tenho direito a um pouquinho?

MME. (*em lagrimas*). — Sim; sou toda de vocês. Só agora comprehendo o verdadeiro papel da mulher. E nunca me hei de esquecer da sabia lição, que hoje recebi.

Monsieur enlaça Mme. pela cintura. Bébé passa os bracinhos pelo pescoço dos dois. Conversando, baixinho, dirigem-se para o interior da casa, pela porta á direita.

BÉBÉ — (*Já quasi a desapparecer*). — Vamos dormir! Senão Papae Noel vê a gente acordada, e não bota os brinquedos, não.

A scena fica vazia. A cortina, que encobre o jardim de inverno, abre-se lentamente. Luz azulada. Os brinquedos saem das caixas, novamente. O diabo, preso pelas molas, dá saltos furiosos. O palhaço, de longe, olha-o divertido. Depois, pisca os olhos para o anjo da Arvore, e se põe a gargalhar.

DIABO (*cheio de colera*). — Não ria assim, oh! palhaço! Olhe que estou ficando nervoso!

PALHAÇO (*sempre rindo*). — Ai! que bôa! Estupenda! Formidavel! O fim da missão!

DIABO. — Idiota! Você mesmo é que foi o culpado. Com a idéa estupida de querer tocar sem saber. Não me deixou agir como era preciso.

PALHAÇO (*zombeteiro*). — Como sou poderoso! Transtornei os planos do senhor diabo!

DIABO (*mais calmo*). — Decididamente, estou ficando velho. Falhar assim, estupidamente...

PALHAÇO. — O senhor diabo estava tão seguro do êxito, que nem via quando o anjo, dalli, (*aponta*) cochichava com as horas.

DIABO (*admirado*). — Que me diz! Então, ainda não eram nove horas?

PALHAÇO (*divertido*). — Não eram, nem são. Foi o anjo, que ordenou ás horas que se collocassem nas nove.

DIABO (*desapontado*). — Sou eu o unico culpado! Não devia ter escolhido a noite de hoje para o desfecho. Natal, presepe, anjos, são coisas perigosas. Mas, que fazer? Si o vapor partia, amanhã, de Santos, a fuga só podia ser mesmo hoje.

As horas deixam o relogio, em revoada. Fazem roda em torno ao diabo.

Excursão escolar...

De Yára do Rio

AS HORAS (*com voz cantante*). — Burlámos o senhor diabo! Burlamos o senhor diabo!

DIABO (*indignado*). — Saiam, suas serigaitas! Hão de arrepender-se! Amanhã o relogio estará desarranjado e vocês irão soffrer horrores, na officina.

AS HORAS. — Pouco nos importa o dia de amanhã. O que vale é o minuto presente. Dancemos, bailemos!

PALHAÇO (*empurrando as horas, vem para perto do diabo*). — Não sou curioso. Mas, gostaria de saber, si o senhor diabo é bastante sincero, para dizer-se vencido.

DIABO. — Vencido, eu?! Nunca! A coisa não foi como eu desejava, porém, jógo sempre de partida dobrada. Existe o outro que vae seguir para São Paulo. Sózinho. Despeitado. (*Range os dentes*). E' elle quem me vae pagar. Como o trem ainda não partiu, está esperançoso. Daqui a pouquinho, porém, estarei perto delle. Hei de atormentál-o devagarinho, ferinamente, com todo o meu prazer satânico. (*Ri estridentemente*).

PALHAÇO (*amedrontado*). — Acalme-se, senhor diabo! Está tão vermelho! E... na sua idade... não vá ter alguma congestão.

DIABO. — Que palhaço impertinente! Vae, tambem, pagar tanta ousadia. Aqui mesmo. Daqui a pouco.

PALHAÇO (*dando de hombros*). — Não sei como! Sou um sujeito calmo, solteiro, vaccinado...

DIABO. — Não perde por esperar. O castigo vem mais cêdo do que você pensa. (*A' parte*). Isto aqui está com cheiro de santidade. Vou-me embora, antes que aquelle enforcado (*aponta para o anjo*) se metta, de novo, com a minha vida.

O diabo, num grande estrondo, rebenta a mola que o prendia á caixa. Escurece a scena. Um feixe de luz vermelha desapparece pela porta á esquerda. Novamente a scena é illuminada. Luz azulada. Os bonecos olham, espantados, para a caixinha de surpreza vazia.

BAILARINA (*toda tremula*). — Por onde sahiu elle?

PALHAÇO. — Pois não viu? Pelo buraco da fechadura!

BAILARINA (*suspirando*). — Graças a Deus que se foi! Que momentos, horriveis, passei eu! Nunca pensei estar, assim, tão perto do demonio!

PALHAÇO (*todo dengoso*). — E'... o diabo foi-se embora, mas... ficou a tentação.

BAILARINA (*pensativa*). — Você acha?...

PALHAÇO (*alvoroçado*). Que, meu bem?

BAILARINA. — Que ella partia mesmo, deixando um filhinho tão lindo?

PALHAÇO (*desapontado*). — Eu só quero ver si você amanhã, ainda achará o garoto lindo. Logo você, que é feita de cêra...

BAILARINA. — Terei muito prazer em desfazer-me daquellas mãosinhas gorduchas. Si sou tão delicada, tão fragil... Antes, porém, quero dançar. Vamos, palhaço, você é o musico. (*Empurra o palhaço para perto da caixinha de musica*).

Palhaço toca, desanimado. Deitando olhares, languidos, á bailarina. Revezam-se, dançando, soldados, pintos, etc...

PALHAÇO (*movendo a manivella, olha o anjo*). — Está vendo, senhor anjo? Não me serviu o exemplo. Estou cahidinho, pela bailarina...

Surge, de uma caixa, um arlequim. Barulhento. Risonho. O palhaço faz cessar a musica. Examina o arlequim, meio desconfiado.

ARLEQUIM (*indagando de todos*). — Que foi? Que houve? Escutei uns rumores... vozes... musica... creança chorando... Aconteceu alguma coisa? Fiz tudo para desvencilhar-me dos cordões — só agora consegui.

O palhaço vae responder. O arlequim, porém, divisando a bailarina, não lhe dá attenção.

ARLEQUIM (*effusivo*). — Oh!, doce bailarina dos meus sonhos! Será possivel? Reunidos, novamente? Quizeram, os deuses, que o nosso idyllio fosse reatado. Ha tantos mezes, juntinhos, na prateleira do bazar, não era justo que acabassemos um longe do outro. E, agora, que se aproxima o nosso fim, podemos dizer: Unidos para sempre!

BAILARINA (*cambaleante, leva as mãos ao coração*). — Arlequim, meu arlequim! A felicidade é tanta, que me faz soffrer!

Arlequim ampara a bailarina. O par afasta-se, enlaçado. O palhaço, tropego, toma a caixinha de musica. As horas bailam ao som da "Dança das Horas" da Gioconda. A um canto, o arlequim beija a bailarina.

PALHAÇO (*lamuriento, olhando o par amoroso*). — Ah!, senhor diabo! Que fiz eu? Por que se vinga, assim, do pobre palhaço?!

Cae o panno, lentamente.

— Menina, si continuares muito travêssa, te encerrarei no quarto escuro.
— Melhor! Brincarei com os espiritos!

UM CORPO SOBERBO E SAÚDE MARAVILHOSA PARA AS MULHERES

QUEM DEMOLIU A BASTILHA — Foi o mestre pedreiro Palloy, que pediu e obteve permissão para isso, em 1789.

Quando estavam demolidas as paredes da celebre prisão, Palloy enviou seus operarios a diversas provincias, a fim de offereceram ás municipalidades republicanas uma lembrança do antigo edificio: eram pedras da fortaleza nas quaes fizera gravar o plano da mesma.

A fabrica de "lembranças" revolucionarias — medalhas, tinteiros, tabaqueiros, etc. — feitos com os materiaes da Bastilha proporcionou a Palloy um vantajoso negocio.

O "demolidor official", como elle se dizia, morreu aos oitenta annos depois de haver solicitado, em vão, a protecção de Luiz XVIII, Carlos X e Luiz Felippe.

•

O PLANKTON — E' uma reserva de alimentação mixta, vegetal e animal, que se encontra na agua dos mares.

São particulas viventes, em continua vibração. Para pôr esta vida em evidencia basta submetter, na camara escura, á acção de um banho de sol, um vaso cheio de agua do mar, que, á primeira vista, parece muito transparente.

Vêem-se, então, como atomos de pó illuminado, brilhar na vasilha milhares de particulas vivas.

Examinada ao microscopio, cada gotta, dessa agua apresenta um numero infinito de elementos nutritivos: plantas e animaes; foraminiferos, noctilucas, celentereas, equinodermas, junto a crustaceos infinitamente pequenos, mas tão numerosos que coloram a agua do mar de amarello ou de vermelho.

Tudo isso forma os elementos plantonicos.

O plankton, que se póde recolher simplesmente, molhando na agua do mar um fino tecido de seda, é, pois, uma gelatina vivente, em perpetua transformação interna, e na qual os animaes superiores vão buscar o complemento de sua ração alimenticia.

OS NOMES DE ALGUMAS MOEDAS — O *franco* deve seu nome a uma legenda latina *Francorem Rex* que figurava nas moedas de ouro mandadas pelos primeiros reis francos. As moedas que levavam o escudo francez tomaram o nome de *escudos*.

A *peseta* hespanhola deriva-se de *piecette*, moeda pequena.

O *florim* teve sua origem na Florencia e d'ahi provem o seu nome.

O *rublo* tem sua origem na palavra slava *rubbli*, que significa *dentada*.

Com effeito as primeiras moedas feitas na Russia tinham as bordas dentadas.

Dollar é uma deformação da palavra allemã *thaler*.

Rupia deriva do sans-krito, *rupa*, que quer dizer gado. Antigamente, na India, o gado substituia o dinheiro.

Existiam na Allemanha, em Joachimsthal, importantes minas de prata. As moedas fabricadas com o metal extrahido dessas minas foram denominadas *Joachimsthaler* e, mais tarde, por abreviação, *thaler*.

POR CAUSA DE UM SONHO

Á Raymundo de Moraes

— ERA a ultima coisa que me faltava acontecer! — exclamei nervoso, arrebatado, neurasthenico, ainda febril, ao ler, naquella manhã feia de inverno, a derradeira carta que havia recebido nesse dia. — Mas, para que demonio ella ha de me querer no interior de São Paulo? — perguntei a mim mesmo, intrigado, passeiando agitado de um lado para outro, dentro do meu apartamento.

A invernia, cada vez mais rigorosa, estragára demasiadamente a Estrada de Ferro Central do Brasil, transformando-a, segundo a opinião publica, numa "empreza funeraria de caixões baratos." Só isso constituiria um entrave á minha ida, e expunha-me, inutil, aos riscos imminentes de um pavoroso descarrillamento, á descida de qualquer rampa.

Além do mais, eu ainda me encontrava convalescendo de uma grippe que me acamou, havia mais de quinze dias.

— Emfim, trata-se de um chamado de Dulce, essa meiga e encantadora cariocazinha loira, que me ama como uma louca, — disse, reflectindo melhor, mais calmo.

Que lhe poderia eu oppôr, na minha fraqueza, para não attender ao convite? Depois, que juizo ella ficaria fazendo de meu apregoado amôr, si lá eu não fosse? Todas essas considerações foram medidas, pesadas, e concluí, contra a minha propria vontade, que não havia outro caminho a tomar. E, desde logo, a partida ficou aprazada para a noite do dia seguinte.

O chamado de Dulce era um convite disfarçado, habilissimo, cheio de promettimentos interessantes, caprichosos, levianos, em que a paixão falava com vehemencia invulgar, tentadora, offerecendo, á minha inexperiencia creóla, passeios maravilhosos, que só eu e ella teriamos o direito de gozar. Aos domingos, feriados e dias santos, montados em lindos cavallos arabes, puro sangue, iriamos, pela baixada verde dos campos, galopando ao lado um do outro, e, figurando os unicos personagens vivos desse drama sentimental de emoção e de carinho, até completar, radicalmente, a minha cura.

"Só o amôr é capaz desse milagre, e você, meu querido, tem, ao seu dispôr, a fazenda e o descampado, pelo menos um mez", — determinára ella, no final da carta. Como era amavel, entre todas, essa formosissima Dulce!... Tão amante da minha saúde, e, sobretudo, tão minha amiga!... Com que geito ella sabia me curar!...

Na casa de fazenda, — um velho solar colonial, — eu poderia gozar a mais tranquilla e completa liberdade. Não me faltaria nada, e, com excesso, eu teria muito leite, muita coalhada, muito carinho, e muito silencio. Não era possivel haver, no resto do Brasil, um lugar mais apropriado, um canto mais encantador, que melhor influisse na reconstituição do meu organismo enfermo. Tudo isso; bem examinado, determinára, na minha vontade, a victoria suprema da vontade della. Fôra o motivo mais forte, vencendo, entre o amontoado de todos os outros motivos contrarios. Como seria delicioso vivermos os dois, na mesma fazenda, um mez inteiro!... Mas... coisa interessante, — eu nunca habitára, com mulher nenhuma, em qualquer casa, por mais de um dia ou dois. E' certo que Dulce era uma mulher um pouco differente do commum das outras, excessivamente bonita, bem feita, trabalhada por um espirito finissimo, galante, cheia de recursos amorosos, e que já por duas vezes, durante "fri-

De Adaucto Fernandes

sons" nervosos, no espasmo dos intimismos, me chamára, num grunido estranho, á concha de meus ouvidos, de "charutinho doce de chocolate branco". Dulcetinha, tambem, dessas fraquezas. Mas o peor era a mania social de viver com a fazenda sempre cheia de convidados. E, si o pae — um velho fazendeiro millionario, quasi rei do café — estimava muito a filha, maior era a estima que lhe votava a madrasta, uma italiana balôfa, a quem ella se affeiçoára excessivamente.

No inverno anterior, ali, eu havia vivido verdadeiramente a vida. Uma semana inteira, em companhia de Mathilde e Lóla, duas viuvinhas alegres, admiraveis, especialistas em "flirts", além de outras pessôas, entre as quaes recordo a Sinhá, a July, o Divino e um engenheiro cearense jogador de gamão, que abusava do vicio do rapé e de sonetos mediocres, que escrevia diariamente para recital-os á noite, sem qualquer consideração á nossa sensibilidade artistica.

Na manhã do terceiro dia, em pleno rigor do inverno, cheio de lama e frio, eu saltava na estação onde Dulce me viéra esperar, sosinha, guiando a sua minuscula baratinha. E, nós dois, ao lado um do outro, disparámos pela planura, — uma bellissima estrada construida nos nababescos tempos da republica velha, — tagarelando, sem attentar na grandeza do panorama verde da mattaria baixa, flexuosa, cheia de vida e germinação, apenas quebrada, de longe em longe, pelas frondes roxas dos ipés flacidos, espalmados, tapetando de flores murchas o branco-cinzento dos lagêdos abauládos.

— Quem é que está, presentemente, na fazenda? — perguntei, curioso.

— Para falar com a devida franqueza, não temos ninguém, a não ser que você queira contar as minhas antigas Lóla e Mathilde, como pessôas estranhas.

— Ah, a Lóla! A viuvinha paraense que matou dois maridos, e ainda tem a mania do "flirt"?

— Sim, ella mesma... Mas, aquillo não é por mal. Agora, ella gosta apenas do Fernandes e do Barroso... Coitadinha! Ella merece, e, é digna da nossa estima.

— E a Mathilde, ainda namora muito?

— Qual nada... Está muito differente, socegada. Só de hontem para hoje foi que ella começou, para distração, a flirtar com o Lima, com o Djalma, com o Alberto, e com o Monte, com quem vae ao cinema, depois do consultorio. Mas, isso não tem importancia e só aconteceu depois que o Barroso a deixou.

Ultimamente, tem andado muito pallida, muito abatida, passando mal de saúde. Ainda hoje, amanheceu tomada de nauseas, vomitando, cheia de agonia e de enjôo. Faz pena!... Além dessas duas amiguinhas, não temos mais ninguem. O general Almeida, ha mais de uma semana que nos deixou com a Lourdes e a Purificação. A Mathilde cortou os cabellos. Que lindos que elles eram!... Uma verdadeira maravilha. Agora só lhe restam os olhos... Sempre os mesmos, scismadores, terriveis!... Com tudo é uma mulher bonita.

Si eu fosse homem, ha muito teria me casado com ella...

Só aquella pelle branca, macia, assetinada, vale pela pelle de todas as mulheres do mundo! Com a Lóla eu já não digo a mesma coisa. E' morena demais, caprichosa, voluvel, vontadosa, inconveniente no amôr, e tem, como a maioria das paraenses, o habito de querer falar mais alto que os outros, e ser, no final de contas, o homem da casa. Em todo caso, não é má, e possúe um fundo pra-

(*Conclúe na pag. seguinte*)

tico admiravel. Não pense que eu esteja no proposito de arranjar namorado para ellas. Ah! isso não!... Você bem sabe que eu detesto as alcoviteiras. Acho, porém, que si você conhecesse algum amigo qualquer, em condições, não seria demais que o trouxesse á fazenda...

Aqui se vive uma vida insipida, intoleravel!... Eu não sei si você já notou, mas, a Mathilde e a Lóla são mulheres completas, capazes das mais profundas sensações amorosas, e de fazer a felicidade de qualquer marido por mais exigente, com a sua excepção, caso você pretenda casar commigo, conforme me falou.

— Si você soubesse! — pensei, com as minhas recordações avivadas, lembrando-me da Sinhazinha e da July.

E fiquei firme, imaginando, quanto é differente o outro lado da vida. Concordei, afinal, com um leve movimento de cabeça, para que Dulce não desconfiasse... Mas, verifiquei immediatamente que, por causa dellas, eu terminaria estragando toda a fama da minha sinceridade.

Alguns dias depois, entre Mathilde e Lóla, eu ainda não poderia saber qual dellas me amaria mais e melhor. Dulce, guiada pela delicadeza do instincto, havia percebido tudo; mas, continuava indifferente, na sua mesma linha impeccavel, merecendo, por isso, todas as minhas preferencias. Mathilde — uma especie maravilhosa de insaciavel Magdalena Biblica — versada em todos os requintes de arte amorosa, mantinha-se deante de meus olhos cheios de aborrecimento e de cansaço, numa attitude impressionadora, reservada, tomada de malicia, com o olhar ora profundo,

Por causa de um sonho

(Conclusão)

ora leve, vertendo, á-toa, convites de amor e de peccado. Quantas vezes, eu e ella, sem que ninguem visse, ficavamos um deante do outro, formando castellos azues, povoados por sonhos côr de ouro?... Quantas!... Ainda hoje eu me lembro como ella me prendia no abysmo luminoso de seus olhos, a beber-me, offegante, o halito!...

E, eu, cheio de fraqueza, a respirar-lhe o perfume branco da carne em flôr, perdendo-me de desejos na selva cacheada de seus cabellos tentadores, annellados, curtos, lamentando, resignado, a minha desdita sentimental.

Lóla, por sua vez, era uma mulher muito mais pratica, e não tinha controle nem conveniencia... Por mais que eu procurasse disfarçar a insegurança do momento, ella, nas suas expansões, estragava tudo. Só ella falava... Só ella tinha razão... Só ella sabia amar... Só ella era bôa!... E, quando se calava, ficava ao meu lado, arfando, numa especie de dyspnéa langorosa, somnolenta:

— Por uma mulher virtuosa como eu não ha homem que se interesse... Si fosse uma Mathilde qualquer, certo que não faltariam Barrosos, — lamentava, de quando em vez.

Essa allusão se tornára um perigo armado á minha fraqueza. E sabe Deus com que habilidade eu ia contornando a aspereza que falava dessa afronta...

Uma noite — nunca mais eu esquecerei essa noite — de sabbado para domingo, tive um pesadêlo terrivel: Sonhei que Mathilde e Lóla, cheias de ciumes, me haviam, criminosamente, dado a beber, fortissima dóse de cyanureto de mercurio...

E, com que pavor eu me via tremer!... Nunca em minha vida pudéra assistir a um envenenamento tão tragico. Em contorções desesperadas, lutando contra as vascas da morte, rolando de um lado para outro, bati-me na cama até despertar, finalmente. Coisa surprehendente! Só nesse momento foi que eu verifiquei o meu engano. Estava sonhando!... Sentei-me no colchão, e fiquei certo de que estava realmente em meu quarto, na pensão. Nisso, sem que eu quizesse, ouvi um rumor suspeito, no quarto vizinho, e, a voz do Divino, a dizer baixinho para a Sinhá:

— Tudo isso aqui é teu, meu anjinho... até mesmo os hospedes. Assombroso!... Eu tambem era uma propriedade privada da Sinhá...

No outro dia, na occasião do almoço, eu falei ao Divino demoradamente, intrigado. Contei-lhe tudo que sonhei, e, receioso, disse-lhe, finalmente, tudo que ouvira. Elle não se perturbou. Ouviu calado, attentamente, cheio de uma santa indifferença... Nem parecia que fôra elle... e eu desconcertei. Tudo aquillo era um mysterio. Lóla, Mathilde, July e Sinhá... Não! Eu era o unico que estava fóra de mim mesmo.

O Divino olhou-me significativo, de um modo particular, riu amarello, ironico, meneando a cabeça:

— Sinhá!... Tem graça!... Você certamente, ainda está sonhando.

Desde esse dia, nunca mais a Mathilde e a Lóla falaram commigo. E, até mesmo a Sinhá, quando me encontra, baixa os olhos. E tudo isso por causa de um ponho...

GRACIETTE (Pernambuco) — E' com certo orgulho que dou aqui a sua missiva. Primeiro, porque é de uma coestaduana minha. Uma Pernambucana que escreve com elegancia e um delicado sentimento feminino. Depois, porque fala da minha obscura pessôa e do meu proximo livro. Pondo de lado, no emtanto, essas duas circumstancias, fica a primacial — que é o seu brilho literario.

Vejamos a sua missiva:

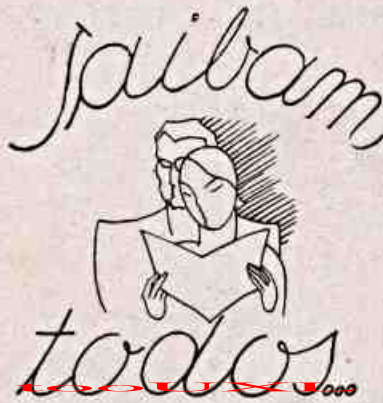
"Yves. — Felicito-o. Disse-me ela: envia-lhe minha grande saudade... Desejo de felicidades... Um beijo vaporôso... Simples... Dize-lhe — aquella dama que foi previlegiada com os meus primeiros beijos, ainda vive... Ainda soffre... Ainda sonha...

Olhei-a admirada...

Ella continuou: — Já vae longe o tempo que ele foi meu... só meu... Ainda me recordo da noite triste de nossa despedida. Foi numa noite assim... No céu não havia estrellas. Neblina que cahia... A lua perdia-se nas nuvens de côr cinza... Era tudo, tristeza. Ele tomou-me as mãos franzinas e pallidas, levou-as aos labios, beijou-as longamente, apaixonadamente. Fallou-me com uma vóz extranha. Os seus olhos lindos choravam. Eu cuidadosamente enxugava as lagrimas suas no meu lenço de sêda alva. O seu coração estava agitado. Num momento de desvario ele tomou o meu corpo... os seus labios tocaram os meus... — Um beijo... Um... só... um... Fiquei commovida. Olhei-o mais uma vêz.

— Adeus, querida. Voltarei breve... Adeus... Se feliz!...

— Adeus!...

— Foi na noite de hontem numa das ruas de nossa cidade que ela me fallou assim. Linda, loira como o sól. Alta. Delgada. Uma dama chic para um môço de bom gosto. Todos lhe chamam de leviana. Eu não falo assim... Conheço bem seu coração. Ah! Yves este século exige muita vida. Muitos beijos... Aquelles que o abraçam

chamam-no de peccadores... Levianos...

Recife abraça o seu filho ausente.

— "Uma garçonne carioca".

— Quando nos envia? Aqui está sendo anciosamente esperado o seu livro Yves. Eu irei brindal-o com uma taça de agua gelada. Darei o grito estridente que requer os meus nervos novos: Viva o poeta de "Uma garçonne carioca"... O coração falará:

— Viva.

Graciette"

F. J. DE CARVALHO (S. Paulo) — Os meus livros por ora são: "O Suave Enlevo", poema em 3ª edição, e "Uma garçonne carioca" romance, a sair até 1.º de janeiro. O primeiro, custa 4$000 na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166; o segundo, ainda não tem preço fixado.

O endereço de Gustavo Barrozo é — Redacção do *Fon-Fon*, rua da Assembléa, 62 — Rio. Elle é nosso director-literario.

Grato pelos votos de felicidade que me envia. Outro tanto é o que lhe desejo, caro senhor.

P. H. B. Q. (Goyaz) — Obrigado. Estou sciente da rectificação que fez. O resto não é possivel numa revista. A sua carta tem um caracter intimo, confidencial. E, aqui, nesta pagina...

ROQUE V. DE QUEIROZ (São Paulo) — Meu caro poeta. A sua carta é interessante. E' quasi humoristica. Consegue fazer rir. Ora, o meu dever aqui é fazer rir... com as bobagens alheias. Quando não as ha, eu mesmo tenho que escrevel-as. Desta vez, o sr. me fez esse obsequio.

Vamos, pois, á sua carta.

Eil-a:

"Yves. Respeitosos cumprimentos. Permita-me a familiaridade, porque sou muito liberal. Não daquele partido politico. Lá isso não. V. deve comprender-me.

Como vai essa geringonça ahi? A Paulicéa é uma mixordia de forrobodó de cuia. Tudo é dinamico. Até a politica.

Mas isso não tem a minima importancia, em face das cousas, que eu vou deixar por escrever.

Politica!? Nós, "poétas, que já publicamos, muitas coisas bôas; por ex: Um livro de versos consagrado pela critica e que se chama "Suave Enlevo"...

Comica?! Nem sabemos o que é, porque não ligamos; muito pelo contrario. Escarnecemos, ironisamos dos membros della. Não é verdade?

Vale mais á gente escrever qualquer coisa, por, ex: versos e cartas e mandal-os, para o Yves lêr e... atiral-os na cesta.

Isso é melhor. E' coragem, audacia. E não suicidio, covardia. Eu mesmo poderia escrever essas coisas e envia-las, para mim mesmo lê-las, e atira-las numa cesta qualquer. Mas isso é um gosto estragado. Revela fraquesa. Demonstra medo. Diante disso, a gente recorre ao Yves, o obsequio de uma critica, e em sendo elle quasi um Job, não far-se-ha de rogado.

Tenho quasi certesa disso. Mas esperemos. Porque contra factos não ha argumentos...

Do seu camarada... — *Roque Vieira de Queiroz"*

Não vá encabular com essas blagues, caro poeta. O sr. não escreve bobagens. Isso não! E o seu soneto

"Esperança morta", seria publicado si ainda não estivesse vivo... o aleijão que se lhe nota em alguns decasyllabos.

Um delles é este:

Você e eu. Eu e você. Nós dois.
[Dois...

Horrivel, esse verso. E conselheiro-acaciano... Sabe por que? Porque é claro que o sr. e ella são dois. Seriam tres, si o pae da pequena se interpuzesse entre ambos, com uma bôa e grossa bengala...

Não sei si tal aconteceu. Creio que sim. Pois o sr. mesmo confessa que teve "decepção"...

Você e eu. Eu e você. Nós dois.
[Dois...

Quantos castellos eu não fiz! De-
[pois
A final hecatombe. Decepção...

Vi que a vida era apenas utopia,
E que a esperança a formula tardia,
Para enganar um pobre coração.

F. G. CESAR (S. Paulo) — Muito bem. O sr. tambem está necessitado de ser poeta? Olhe que não é de louvar o seu mau gosto. Sim, porque ser poeta como o sr. pretende é, positivamente, possuir pessimo gosto.

Escreve o sr.

"Illmo. Snr. Yves. Saudações. Confiante na bôa vontade com que sua generosidade acolhe a todos, envio-lhe um soneto, o qual, se V. S. achar digno, publical-o-ha. E' um soneto arrancado da minha alma adolescente em um destes momentos de saudades, em que o coração se enche de nostalgia, a alma de dor, e a imaginação de poesia, mas que a minha fraca intelligencia de poeta, não o sabe descrever.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Agradecido pela atenção com que espero ser recebido por V. S., sou seu amigo. — *F. G. Cesar*"

Agora o soneto com o qual o sr. quer forçar as portas da immortalidade:

REMINISCENCIAS

Nestas serenas noites de luar
Em que pensas, querido? tu não
[sonhas
Nestas noites tão belas, que ri-
[sonhas
Se derramam nos prados, devagar?

Ora, querido, dize-me, em que so-
[nhas?
Não ficas tu acaso a recordar
Aquelles tempos idos? a lembrar
Daquelles noites poeticas, risonhas?

Eramos ambos nós então crianças,
E assim pensava eu, entre espe-
[ranças:
Tu és a deusa a quem minha alma
[anéla!

E aquele jardinzinho envolto em
[flôr,
(Lembras?) onde nasceu o nosso
[amôr,
Naquella noite de luar tão bela!

Prompto! Está o sr. "diplomado"... poeta. Não era isso o que queria?

ANTONIETA PESSÔA (Capital) — Dizemos seculo XX, porque é o seculo vinte da era christã. Quando se fala numa época anterior ao apparecimento de Christo sobre a terra emprega-se esta abreviatura convencional: "A. C." Quer dizer: "Antes de Christo".

J. M. SENNA (Capital) — A sua carta de votos de bôas festas me dá ensejo a uma resposta necessaria.

Escreve o prezado confrade:

"Rio-27-12-31. Bastos Portella. Saúde. Desejo-lhe feliz anno novo e tambem que o romance "Uma garçonne carioca" — annunciado para Natal e que até o dia 25 ainda não se encontrava nos mostruarios das livrarias — tenha o melhor acolhimento por parte do publico.

Estou curioso por saber como a sua heroina atravessou a "zona" bancaria. Seu, attenciosamente, — *José Maria Senna.*"

1º Antes de tudo: agradeço e retribuo os votos que formula na sua missiva gentil.

2º "Uma garçonne carioca" já entrou para o prelo. Infelizmente contratempos impediram que o meu romance fosse posto á venda pelo Natal. Espero, porém, que nos primeiros dias de janeiro, elle figurará nas montras das nossas livrarias.

L. FANZERES (Espirito Santo) — Caro e illustre pintor. Aqui está a sua carta:

"Meu caro e eminente amigo. O Instituto de café de minha terra fez-me presente de varias latas desse delicioso nectar da linda natureza capichaba, que é o café Capitania.

Quiz que o meu illustrado amigo compartilhasse dessa lembrança e por isso mando-lhe essa amostra junto.

Dezejaria que, após saborear o explendido café do Espirito Santo, me dissese, por escriptor, qual a sua impressão.

Enviando-lhe um abraço, fica-lhe muito grato o amigo e admirador de sempre etc."

O café é magnifico, e só pode recommendar a cultura cafeeira do seu prospero Estado.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 9-1-932

Data da consulta.....................

Nome do consulente.....................

....

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

NUCLEO ARTISTICO NICIA SILVA. — Alumnas da Prof. de canto d. Nicia Silva acabam de formar uma associação cujo fim é estimular-lhes o estudo da arte que cultivam, realizando mensalmente recitaes, onde, em grupos de 5, se apresentam cantando de accordo com as suas aptidões, conforme o gráo de apprendizagem em que se acharem, desde o curso inicial ao do aperfeiçoamento. Em homenagem á conceituada mestra, chama-se o novo gremio — Núcleo Nicia Silva. Alem da finalidade artistica, tem tambem fins de beneficencia: o N. A. S.

Teve logar a 1ª audição no Studio Nicolas, em a noite de 15 de dezembro. Acompanhados pela pianista d. Julieta Gomes de Menezes, ouviram-se os seguintes numeros: pelo alumno do curso inicial, Zacharias do Rego Monteiro, — *La vieille maison grise*, do "Fortunio" de Menager; pela alumna do curso medio, srta. Sylvia Souza — *Pensée d'automne*, de Massenet e *Berceuse*, de René Baton; pela alumna do curso superior, sra. Stella de Sá Rocha — *Arioso*, de *Deslibes* e *Romance*, de Debussy; pelas alumnas do curso de aperfeiçoamento, sra. Laís Walace — *Le bonheur est chose légére*, de St. Saens (acomp. de violino por Isaac Siddman) e *Le colibri*, de E. Chasson, e sra. Dyla Cruz — *Printemps nouveaux*, de P. Vival e *Berceuse*, de G. Fansê.

Esforçaram-se as 5 alumnas por executar, dentro das suas possibilidades, todo o programma. E o fizeram com successo, pois receberam muitos applausos da assistencia. Mas, dada a natureza do recital, o que se deve asssignalar é menos o effeito produzido pela execução das peças, do que o talento natural de cada cantora. Assim, se sob o primeiro aspecto sobresahiram as discipulas mais adiantadas, sras. Laís Wallace e Dyla Cruz, que, instadas pelo auditorio, cantaram *extra*, sob o segundo devemos destacar a srta. Sylvia Souza, que, apesar de sua arte muito incipiente, revelou bem apreciaveis qualidades vocaes. Entrstanto, abstrahindo destas preferencias, o que é de notar e applaudir é o esforço de todas em prol da sua arte. Semelhante esforço teve a louva-lo a palavra animadora e persuasiva da sra. Marcos de Mendonça, a nossa notavel poetisa Anna Amelia. No fim do recital Nicia Silva, ao lado das alumnas, foi alvo de muitos e espontaneos applausos.

ALICINHA RICARDO, VITALINA BRASIL, IBERÊ GOMES GROSSO. — A tarde do preantepenultimo jovedia, 5ª-f., 17 de dezembro p.p. surprehendeu-nos com bello concerto no Theatro João Caetano, em que se fizeram ouvir tres artistas brasileiros de reconhecido merito: a srta. Alicinha Ricardo, que cantou: — *J'ai pardonné*, de Schumann; *Les cigales*, de Chabrier; *Green*, de Debussy; *Granadina*, de J. Nin; *La Pastorella*, de Castelnuovo-Tedesco; *Canção da*

rua, de J. Octaviano; *Tilimbom*, de Strawinsky, e, como extra, a aria da "Tosca", de Puccini — *Vissi d'arte*; — a srta. Vitalina Brasil, que tocou, ao piano — *Le Bavolet Flottant* e *Le Tic-Toc-Choc*, de Couperin; *Tu es le répos* e *Le roi des avulnes*, de Schubert — Liszt; *Clair de lune*, *Danseuses de Delphes* e *Golliwogg's cake-walk*, de Debussy; — o sr. Iberê Gomes Grosso, que executou ao violoncelo: — *Sonata em sol menor*, de Haendel; *Minuetto*, de Rameau; *Kol Nidrei*, de Max Bruch; *Intermezzo*, das "*Goyescas*", de Granadi; *Valse triste*, de Sibelius.

A srta Vitalina Brasil, pianista de valor, mas que ha alguns annos não se exhibia, mostrou que era a mesma de sempre. Emocionou-nos especialmente em *Le Roi des Avulnes*, onde tudo nos pareceu primores, e ainda em *Clair de lune*, de Debussy.

O sr. Iberê Gomes Grosso brilhou sobretudo no *Minuetto*, de Rameau, em *Kol Nidrei*, de Max Bruch e no *Intermezzo* das "Goyescas", de Granados.

A srta. Alicinha Ricardo... excedeu a nossa espectativa. Não porque nos surprehendesse a sua bella arte de cantora, que estamos acostumados a applaudir, mas a sua vóz, que se revelou, o que não haviamos percebido antes, bello soprano lyrico, com volume e extensão e capazes de a tornar artista da scena lyrica. Temos ouvido muitos *Vissi d'arte*, inclusive por celebridades ;pois bem, o da srta. Alicinha Ricardo, sem attingir a esses cimos, ficou ao par do de muitas cantoras

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

de nomeada. A famosa aria da não menos famosa opera de Puccini, "Tosca", foi não só cantada mais vivida com muita arte pela joven cantora patricia. Entretanto, o que demonstra todo o valor da artista não foi a aria da opera, cantada somo extra, mas as peças delicadas e difficeis da musica de camara, que formavam o programma. Entre ellas destacamos especialmente — *J'ai pardonné*, *Les cigales* e mais que todas *Green*, que foi um primor de expressão e de technica. O publico não só applaudiu com enthusiasmo esse e todos os números, como tambem bisou alguns.

Para o exito do concerto muito contribuiu o pianista Prof. José de Souza Lima, que fez os acompanhamentos com a costumada mestria.

ROBERTO TROMPOWSKY. — Simultaneamente com a de Fujita, visitámos a exposição de pintura de Roberto Trompowsky. 30 quadros. Esses, sim, são pinturas e não apenas desenhos pintados. Ha linha e ha côr. Mais côr do que linha. Tem-se logo ao vêl-os a impressão da brasilidade do pintor, que é brasileiro, pelo forte colorido dos quadros, onde predominam o vermelho e o verde, o rubro-esmeraldino dos nossos cafesaes, a prodigiosa luminosidade do nosso sol, a verdura quente das nossas mattas. *Painel de garças* e *Painel de araras* são empolgante prova dessa exuberancia de luz e de côr.

Mas ha tambem idéas. *Amor que mente* e *Pensamento* são typos de pintura em que o poeta da fórma procura plasmar, de um lado, a versatilidade do coração humano, através de namorados que mutuamente se traihem; e do outro, a desordem cerebral, antes que se tenha produzido o equilibrio psychico pela preponderancia da imagem normal.

Reproduzindo a vida exterior, avulta a tela de grande formato, *Carnaval da Praça Onze*, inspirado na pagina homonyma da *Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha. Pena é que, mais ou menos modernista, o pintor, como seus collegas de escola, insistam em deformar a figura humana. Certo deformar é um meio de idealizar, mas só justificavel quando representa uma idéa correlata, corresponde a uma concepção similar. Será esse o caso do quadro a que alludimos, como tambem o de *Harmonia*, *Terra Brasileira*, *O beijo* — este, pintura viva, onde o amor physico sae cantando dos labios collados das duas figuras deformadas?... Não comprehendemos porque a expressão, por assim dizer, caricatural, em scenas do mais accentuado lyrismo...

Mas, apoiando ou não os processos do pintor, a verdade é que os quadros de Roberto Trompowsky lhe revelam o bello e invulgar talento. Foi justo e merecido o triumpho que obteve a 7ª exposição dos seus quadros.

O DECALOGO DA MULHER ELEGANTE E ECONOMICA

I — Não procurar o vestido que ia "tão bem" á sua amiga, mas, sim, ter sempre em vista as condições personalissimas do seu proprio corpo.

II — Na escolha das côres dos seus vestidos attender á coloração de sua epiderme, dos seus cabellos, dos seus olhos. O que vae bem a uma mulher loura, vae ás vezes horrivelmente a uma morena.

III — Não exaggerar a Moda. Lembrar-se de que os grandes costureiros que a idealisaram não o fizeram sem considerar os limites certos, compativeis com o bom gosto.

IV — Attender sempre á "opportunidade" do seu vestido. Tão deselegante é apresentar-se numa *soirée* com um vestido de passeio como fazer compras na Avenida com *toilettes* de baile ou theatro.

V — Não usar vestidos que chamem mais a attenção que a sua propria pessôa; vestido é moldura; esta deve ser bella e rica, mas não a ponto de fazer esquecer o quadro.

VI — E' sempre perigoso inventar feitios; convém lembrar-se que os profissionaes da Moda sabem do seu officio e têm todo o empenho em fazer o melhor que sabem.

Isso não exclue, entretanto, alguma ligeira modificação para melhor adaptar um feitio ás condições individuaes.

VII — Não adquirir vestidos feitos sem experimental-os detidamente e sempre acompanhada de uma amiga de gosto e.... confiança. Não confiar demasiado na impressão que lhe dá o manequim.

VIII — Não experimentar á noite vestidos que se destinam a ser usados durante o dia e vice-versa. Conforme seja a luz, natural ou artificial, as côres e nuanças adquirem effeitos muito differentes.

IX — Não ver na elegancia uma manifestação de vaidade, mas uma ptura pela fórma, da Musica pela das Bellas Artes, que partecipa da Pintura pelo colorido, da Esculharmonia e da Poesia pelo effeito que produz. E como em todo a arte, não deixar perceber o esforço empregado.

X — Ter o maximo cuidado na escolha das côres; usar sómente tecidos de côres solidas isto é, que tenham sido tingidos com corantes Indanthren e sejam garantidos como taes, pela respectiva etiqueta. Isso representa economia.

A etiqueta registrada "Indanthren" garante a insuperada fixidez de côres nos tecidos e linhas.

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Michel Zevaco.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

Fernando de Azevedo — NOVOS CAMINHOS E NOVOS FINS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 7$

O problema da educação, para o Brasil, é fundamental. O sr. Fernando de Azevedo, dos educadores brasileiros, é o que talvez tenha a comprehensão mais nitida das necessidades do nosso ensino.

E' um technico, na extenção da palavra, que já deu provas robustas da sua capacidade, imprimindo feição nova ao ensino do Districto Federal, quando o prefeito Prado teve a feliz idéa de o collocar á frente da Directoria de Instrucção Municipal.

Foram quatro annos de actividade intensa, de reformas notaveis. Não se trata de exito discutivel, mas de realidade palpavel.

Gerard Séguel, da Escola Normal de Santiago, ajuizou do trabalho do sr. Fernando de Azevedo, assim exprimindo-se: "A reforma realizada no Districto Federal não foi apenas a mais rigorosa e a mais fiel aos principios da educação nova, como tambem passou a ser o modelo para as outras."

Ferrière, director adjuncto do Bureau Internacional de Educação, escreveu: "Esta obra é certamente uma das mais notaveis de nosso tempo."

Felizmente, porém, contra os habitos do paiz, parece que a obra do sr. Fernando de Azevedo não será destruida pelo seu successor, no cargo que tanto soube honrar.

Afastado da administração, o sr. Azevedo inicia a publicidade de uma série de livros acerca da nova politica de educação a ser adoptada no Brasil.

Este primeiro volume espelha o valor do emprehendimento.

O autor discorre com absoluta segurança sobre o assumpto, chegando até mesmo a prender a attenção dos leigos.

Analysa, discute, ensina.

Basta citar os capitulos da obra, para salientar o valor da mesma:

A escola nova e a reforma; a socialização da escola; a formação do professorado e a reforma; sociologia e educação; a educação profissional e a reforma; o problema da saúde e a escola nova; a arte como instrumento de educação popular na reforma; a nossa politica de edificações escolares; a educação nacional e a reforma.

Um livro precioso, que necessita ser lido por todos os homens cultos, pelos que sonham com um Brasil grande, forte e maravilhoso.

Benito Mussolini — A AMANTE DO CARDEAL — Liv. Bertrand — Lisbôa — 1931 — 5$

QUANDO Mussolini escreveu esta novella, estava longe de suppôr que seria, mais tarde, o poderoso dictador da Italia, uma das figuras de maior projecção da historia contemporanea.

Trata-se, pois, de um documento curioso para o conhecimento intimo do *Duce*, pelo menos na sua época formativa, e isto dá ao livro especial sabor.

Como simples operario, tocado pela miseria, Mussolini foi parar á Suissa, onde aprendeu o francez, que lhe serviu para dar lições particulares, e dessa mesma Suissa foi expulso como indesejavel, indo refugiar-se na Allemanha.

Ahi, começa Mussolini a escrever os primeiros ensaios philosophicos, aliás sem successo, até que mudou de rumo, apparecendo como folhetinista no anno de 1909, em *La Vita Trentina*, supplemento semanal de *Il Popolo*.

Claudia Particella, L'Amante del Cardinale: Grande Romanzo dei tempi del Cardinale Emanuel Madruzzo produziu calafrios de emoção em uma certa camada social italiana.

A sátyra contra a corrupção do clero de ha tres seculos foi avidamente lida antes de Mussolini *ser Mussolini*, e com maior razão agora vae sendo disputada pela curiosidade do mundo, traduzida em varios idiomas.

Eis o esboço historico de Mussolini escriptor, sem qualquer referencia ao merito da obra que acabamos de lêr, com um sorriso suave...

Hoje, as preoccupações do *Duce* são mais sérias. Os negocios do Estado, absorventes, mataram o *novellista*. Porém, a vida tem caprichos e póde muito naturalmente, um dia, fazer resuscitar o folhetinista tragico, sensacional. Isto não impéde, entretanto, confessamos a nossa preferencia pelo dictador, feita a abstração do novellista, é claro.

Ribeiro Couto — CABOCLA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 5$

RIBEIRO COUTO escreveu o livro mais brasileiro do anno. O ambiente é nosso, a linguagem é nossa, as figuras tambem nossas. E o mais extraordinario é que o livro foi escripto longe do paiz, em Marselha!

Com este romance, a sua arte de escriptor attingiu ao maximo. Arte requintada, emotiva, de encantadora simplicidade. A narrativa tem a limpidez das aguas dos rios quiétos, aguas que no rolar manso reflectem as emoções da nossa vida...

Zuca, alma da selva brasileira, *bem cabocla*, é um symbolo. Caminha, de olhos fechados para onde a conduz o seu amor, escravizada pelos anseios do sangue, certa de que vae cumprir um destino fatal, infallivel.

Esse fatalismo caboclo, o escriptor aviva aos nossos olhos numa das mais bellas paginas do livro:

"Zuca pegára das minhas mãos, o peito sempre apoiado no meu hombro, a cabeça encostada na minha...

"Era suave aquella evasão para o desconhecido, com uma mulher que era minha e que ninguem escolhêra por mim: a mulher que a terra me déra, presente do matto, resumo de todas as forças de resignação e de affecto do povo rustico do interior.

"Ella dizia qualquer coisa no meu ouvido, timida, envergonhada.

"Pedi-lhe que repetisse...

"Então, chegando a bocca ainda mais perto, murmurou o seu segredo:

"— Eu sabia que você voltava.

.. ..

"Não dissera nada, confiára, fizera uma promessa a Nossa Senhora... Tinha confiança em mim e em Nossa Senhora... Si Nossa Senhora não quizesse, então morreria, morreria de pena... como morrem os caboclos quando têm magua, definhando, definhando...

" — Por que não me escreveu nunca?

Deu de hombros.

" — Adeantava alguma coisa?

" — Sim, adeantava...

" — Não, eu queria que você voltasse por si mesmo — por mim.

"E sorriu com a bocca amorosa perto da minha, os olhos baixos de pudor, o seio sempre comprimido ao meu peito, toda ella entregue á minha vida."

E a victoria de *cabocla* consumou-se, fazendo de Jeronymo, o homem da cidade, o seu feliz companheiro do sertão.

Cabocla, o melhor livro do anno.

Agora, um parenthesis...

A figura da capa do volume não é de nenhuma cabocla nossa.

Não nos parece nem mesmo uma cabocla estylizada...

Porém, o facto tem explicação. A casa editora confiou o desenho a Badenes. Este *artista*, que fez? Copiou a figura de mulher que apparece em *Caras y Caretas*, num annuncio de perfumarias, e assignou coisa alheia como propria! De onde se vê que, além da policia literaria, temos de fazer tambem a dos desenhistas...

Adelmar Tavares — Trovas — Editora Guanabara — Rio — 3$

ADELMAR é inexcedivel no genero. A philosophia sentimental das suas trovas, partida do coração e não dictada pelo cerebro, tem reflexos de belleza estranha.

Vou vivendo a minha vida,
Como Deus quer e consente.
Sou como a folha cahida,
Levada pela corrente...

A gente lê a primeira trova e não deixa mais o livro.

E' um deslumbramento!

De amor... Amor é infinito!
Do encanto do seu poder,
Tanta coisa se tem dito!...
— E ha tanta coisa a dizer...

Realmente, o amor é o velho thema, *sempre novo*, ou possivel de ser renovado pela sensibilidade dos poetas...

A Ventura que hei buscado
Pela Vida, sempre em vão,
Que vezes não tem passado
A' altura de minha mão!...

Mas, não podemos reproduzir o livro todo... que basta ser lido uma vez, para nunca mais ser esquecido, tão lindo elle é.

Benjamim Costallat — O MARIDO DE MLLE. CINEMA — Liv. H. Antunes — Rio — 1931 — 5$

É a 2.ª edição do romance que Costallat publicou primitivamente como titulo de *Os maridos*.

O querido escriptor carioca dispõe de um vasto circulo de leitores; por isso, tem a fortuna de esgotar as successivas edições dos seus livros.

Que melhor recommendação para um apaixonado e brilhante cultor das letras?!

Neste volume, Costallat desenha as figuras com tamanha precisão, que chegam a parecer photographias vivas de certos typos da sociedade frivola do Rio...

Domingos Braga Barroso — OS COMETAS. OS AEROLITOS. SELENOGRAPHIA — Typ. Minerva — Fortaleza

SÃO tres folhetos, nos quaes o autor discute, com larga erudição, as differentes theses de concurso á cadeira de cosmographia do Lyceu do Ceará. Trabalhos interessantes e dignos do melhor apreço.

M. Marian — O ROMANCE DE UM MEDICO — Flores & Mano — Rio — 4$

A collecção *Primavera* acaba de ser accrescida de mais um volume destinado, por excellencia, ao elemento feminino. Uma historia simples, emotiva, cuja leitura constitúe agradavel passatempo.

Teofilo Leal — ESQUELETOS VIVOS — Pap. Americana — Rio 1931 — 6$

O autor, neste trabalho, não quiz seguir a trilha dos dois outros anteriormente publicados. Escripto em duas ou tres duzias de dias, ao correr da penna, o livro devia resentir-se da pressa em que foram alinhados os 19 capitulos. Isto, porém, não acontece, porque o sr. Teofilo Leal conhece perfeitamente o portuguez, manejando a lingua com segurança. Apenas o autor abusa dos periodos longos, fugindo assim dos moldes modernos. Hoje predomina a linguagem synthética, que tem a virtude de emprestar maior vivacidade á composição. Mas, tambem póde ser uma questão de gosto, e gosto não se discute...

Em algumas scenas, o autor deu expansão livre ás idéas, tornando-as um tanto crúas.

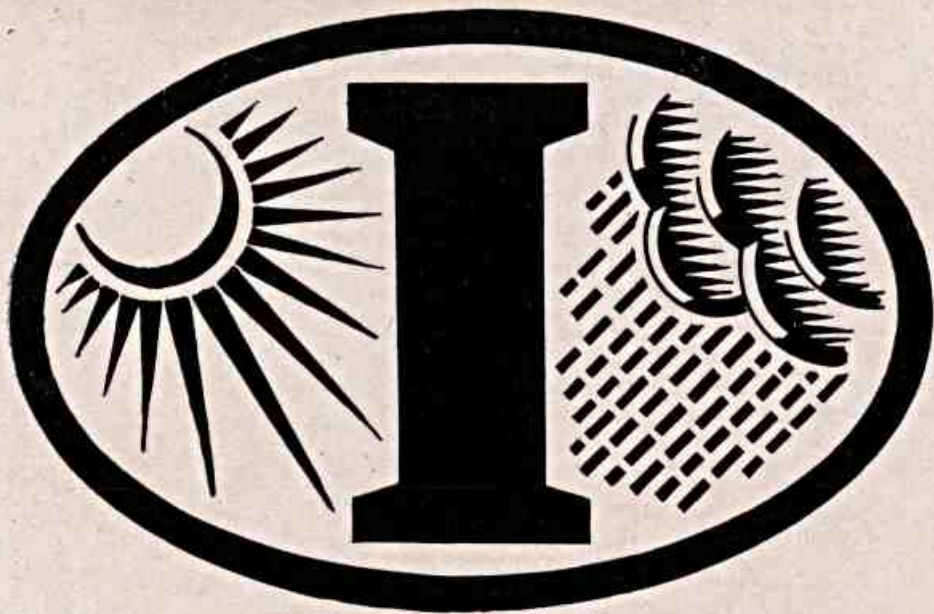
Isto, aos olhos vulgares, pois o sr. Leal affirma que as scenas estão decentemente vestidas. Realmente, tudo depende do ponto de vista em que se collocar o leitor.

Quem não fôr amigo da verdade, que se escandalize.

Nós fazemos justiça aos propositos do novellista, distinguindo no livro apenas o fundo moral.

A figura central do trabalho, *Eglantine*, move-se num ambiente de esqueletos vivos, destituidos de alma e poesia.

O autor estigmatiza os costumes corruptos da sociedade actual, salvando do naufragio a sua heroina, que abandona o marido porque ama outro homem, de quem o destino, implacavel, della o separou tambem para sempre.

O episódio é simples, o que não impéde de interessar o leitor.

Indanthren

COMPRE COM CONFIANÇA

FAZENDAS QUE NÃO DESBOTAM

verificando se ellas trazem, collada á peça,
a etiqueta acima
Essa etiqueta é a garantia de que taes
fazendas foram tintas com anilinas

INDANTHREN

e portanto que as suas côres são de
insuperada resistencia ao sol, á chuva e
ás repetidas lavagens.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 2

Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1932

Director: SERGIO SILVA

FIM DO MUNDO

O que as estatisticas indicam é exacto.

Algarismos alinhados não podem ser contestados, pois exprimem a verdade da coisa que a logica ensina estar na propria coisa.

O que póde mentir são os commentarios bordados em torno das estatisticas.

A faculdade humana, de raciocinio, é immensa...

Essa *immensidade* permitte ao homem fazer do quadrado, redondo, e tantas outras coisas patuscas.

Pura questão de palavras, e nós sabemos que estas foram inventadas justamente para vestir a mentira. Dahi apresentar-se a mentira, em publico, variando sempre de *toilette*. E, por euphemismo caprichoso, dizem que a mentira *é descarada*, quando a verdade é que anda núa.

Não desejo, porém, confessar o meu culto á Verdade...

Quero, apenas, olhar para um quadro estatistico, tentando decifrar o que elle exprime.

A estatistica diz-me que no anno findo, em S. Paulo, os divorcios cresceram assustadoramente.

Divorcios, propriamente, não. Os desquites.

A peor convenção do direito brasileiro, apoiada no sentimentalismo religioso. A formula que permitte a perpetuação da infelicidade da mulher, quando tópa em vida com um marido maroto. Ou vice-versa.

Mas, eu estava na estatistica... Temos o facto concréto: os desquites foram em numero excessivo. Agora, as razões do facto: foram elles oriundos da crise economica que avassalla o maior Estado brasileiro. Jamais soffreram os paulistas as consequencias da desordem financeira, que, afinal, vae por todo o paiz, soprando forte. Os commentadores da estatistica, entretanto, querem fazer crêr que as mulheres abandonam os maridos porque estes não lhes podem proporcionar o conforto a que estavam habituadas. Ausencia do espirito de sacrificio, por parte das esposas? Parece...

O dinheiro desappareceu da circulação, os empregos estão difficeis, o lar padece.

Por consequencia, fiquem os maridos, tambem, sem as esposas.

Quando a desgraça penetra pela porta da rua, a felicidade salta pela janella.

O simile, no caso, estará bem applicado?

Sei lá...

A bôa prudencia manda constatar o facto; nada mais. Pois, si quizermos averiguar da causa dos desquites, acabaremos em culpar a Revolução.

Sem a Revolução não haveria *crise*, sem crise não haveria tantos desquites, dirão os inimigos do regimen actual.

Palavras...

Fiquemos com a eloquencia dos algarismos.

A meu vêr, as Evas modernas resolveram imprimir feição nova ao Amor.

E os Adãos tambem.

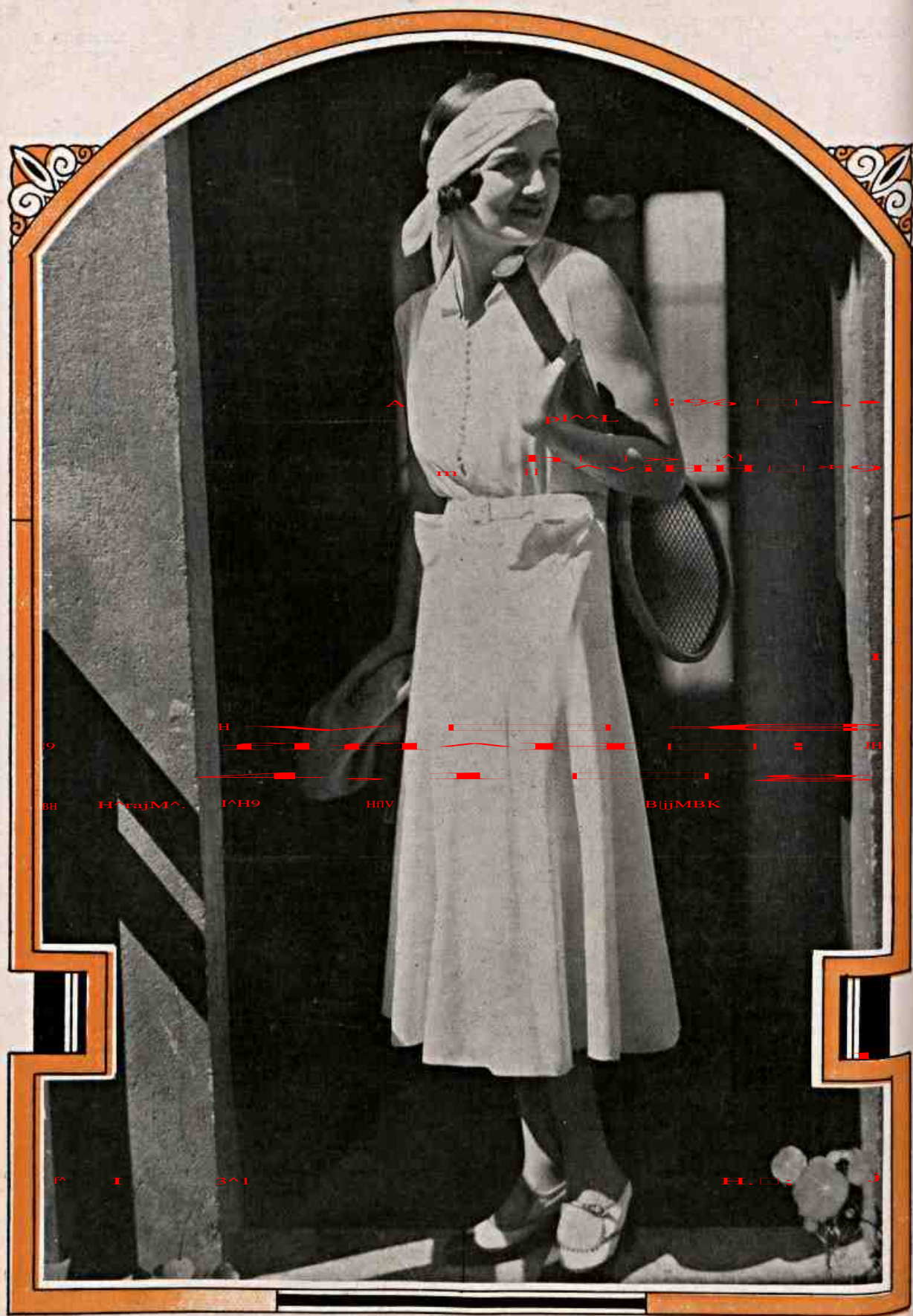
Difficil a psychologia dos aglomerados humanos das grandes cidades, que procuram para a vida um novo *sentido*.

No atavismo, na cupidez, na sensualidade da raça, deve residir a origem do mal que se procura encobrir com a colcha da crise economica.

A obliteração do senso moral só produz fructos amargos.

A dissolução da familia é um desses fructos.

Quem póde affirmar que o oiro compra a vergonha?...

MARIO POPPE

A MULHER CHIC

CREAÇÃO JEAN PATOU

ROBE DE TENNIS EN JYRÉ CRÊPE BLANC.
(Photo especial para FON-FON)

PULO ERRADO

— Ah! "seu" Praxiteles! O senhor veiu mesmo pela mão da Providencia! Imagine que nós queriamos ir ao cinema e estamos desprevenidas.

— Ora! Isso não tem importancia. Eu previno ás senhoras que as senhoras estão desprevenidas.

A tua fala tem Feitiço

Fala!
Fala baixinho assim, assim...
Que ninguém ouça aquillo que é prá mim!

Fala, que a tua fala tem quebranto;
Dize alem do que deves. E eu desêjo ainda mais...
Pois ninguém como tú sabe dizer com encanto
As palavras de amor mais triviaes.

Fala, que a tua fala tem um que
Da raiz
Da tua alma machucada a cheirar...
Nenhuma outra no mundo diz o que ella diz
Quando quer me agradar.

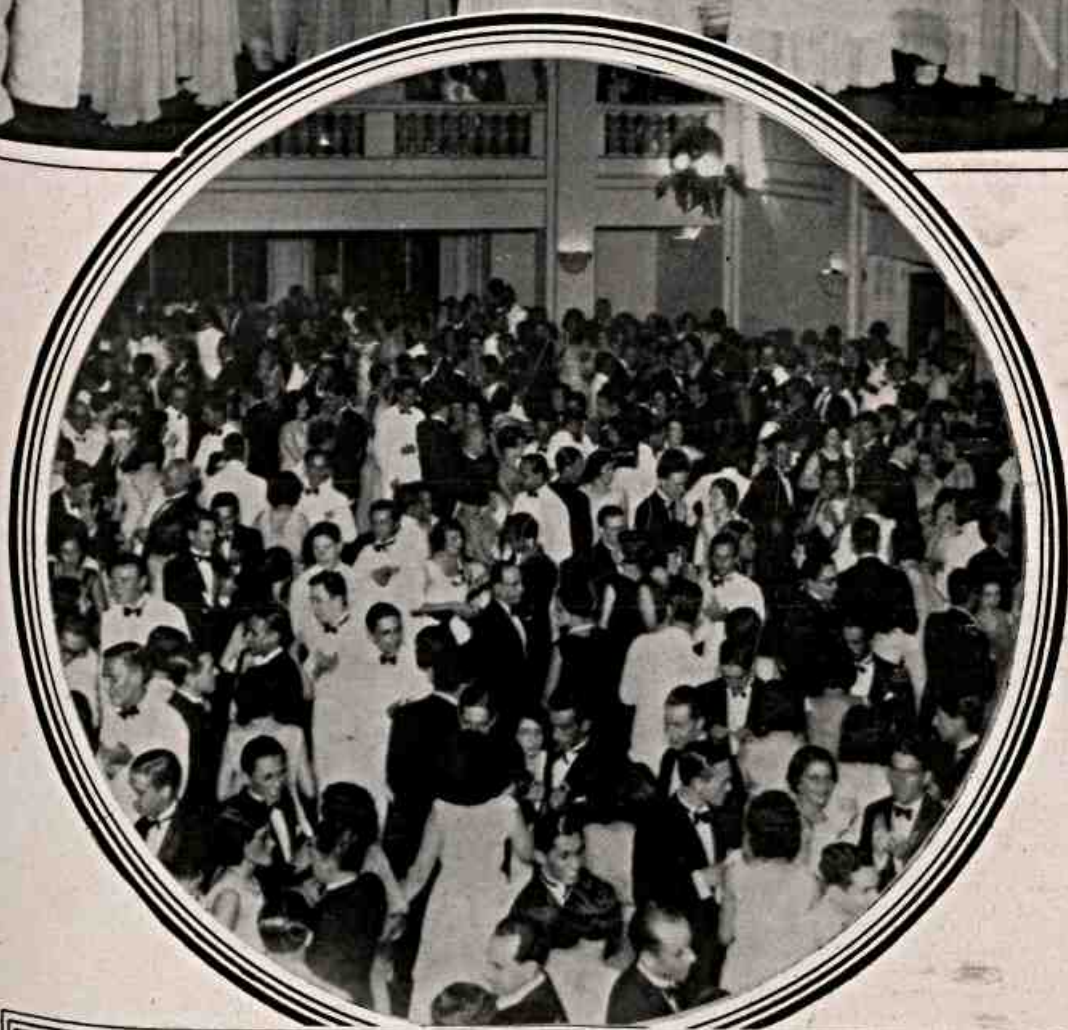
Fala, que a tua fala, acarinhando,
Desperta em mim estranho sentimento...
Lembra um sino de ouro badalando
Na torre branca
Do meu pensamento.

Fala, que a tua fala tem mysterios,
Que eu não desejo nunca descobrir...
Sêja, talvez, por isto o meu enlêvo,
E eu não me canço, nunca, de te ouvir.

Fala, que a tua vóz velada e quente
Dentro da noite que a frieza irriça,
Tem arrepios de plumas do Oriente
E um calor voluptuoso de peliça.

Fala, que a tua fala me acarinha,
Tem forma e côr,
Se móve no ar, tacteia...
Parece uma aza tonta de andorinha:
Pousa nos meus sentidos
Me estonteia.

Fala, que a tua fala tem feitiço.
Tento fugir-lhe ao sortilegio, em vão...
Põe tonturas de morte
Na minha alma,
Desassocêgo no meu coração...

PALMYRA WANDERLEY

O Botafogo F. C. como nos annos anteriores, festejou a entrada de 1932 com um elegantissimo «reveillon», que constituiu uma nota de grande brilho mundano. Nos lindos salões do querido club se movimentaram as figuras mais expressivas do «set» carioca. São flagrantes dessa encantadora «soirée» que estampamos nesta pagina.

MAHATMA GANDHI

Gustavo Barroso

A 11 de setembro deste ano, o Mahatma Gandhi aportou a Marselha no paquete Rajputana. Dirigia-se á Inglaterra, onde devia participar da segunda conferencia da Tavola Redonda a reunir-se em Londres. Quando abri, em Paris, onde me concentrava, os jornais desse dia e do seguinte, pude acompanhar a viagem desse formidavel conductor de massas, cuja ação tem abalado nos seus fundamentos o poder inglês na India e que, modestamente, declarou á imprensa considerar-se como um simples prisioneiro voluntario da sua doutrina de não-violencia que os elementos mais avançados do seu país já não querem aceitar, pretendendo recorrer ás armas.

Gandhi é um asceta, o que está no genio da sua raça. Levanta-se em terra ou no mar ás quatro horas da manhã, reza, quebra o jejum com um pouco de leite e tamaras e, depois, se põe a fiar. Mais tarde, anda e conversa. Janta frugalmente. E, quando o sol se deita, recolhe-se.

Seu sequito compunha-se de dois homens e duas mulheres, uma a poetisa indú Narodi Naiju, outra uma inglesa da alta roda, sua fiel secretaria, Miss Slade, filha do almirante do mesmo nome, que renunciou á patria, á religião e á familia para se entregar de corpo e alma ao gandhismo.

O embaixador de muitos milhões de indús que vivem na miseria e morrem de fome, pleitêa a liberdade de seu povo, tendo por unicas armas «a verdade e a não-violencia» e daí sem duvida a força moral de suas reinvindicações. Em Marselha, os estudantes fizeram-lhe grandiosa manifestação. Atravessou a França no rapido de Boulogne sem parar e saltou em Folkestone no dia 12. Levado para Londres de automovel, para evitar a multidão que o esperava na estação de Vitoria, foi entusiasticamente ovacionado na Sala dos Quakers, onde o escriptor Lawrence Housman o apresentou á assistencia.

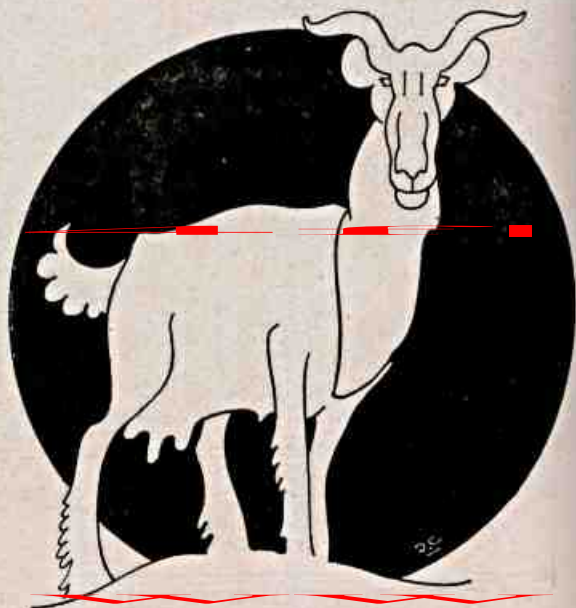
A Europa é uma velha conhecida do apostolo oriental. Ha quarenta anos, Gandhi esteve na Inglaterra, onde estudou e se formou em leis. Em 1892, com a carta de advogado no bolso, passou-se para a Africa do Sul, fixando residencia em Johamerburg até 1913. Nesse tempo, não andava como hoje, embrulhado num pano de algodão, com as pernas nuas e os pés em sandalias. Vestia fraque e usava botinas. Tinha vinte e dois anos, mas detestava o vinho, as carnes e as mulheres. Magro, escuro, ascetico, vivia trabalhado por um frio amor dos homens e pelo gosto inato da infelicidade. E foi nas terras da atual União Sul Africana — revela Max Massot — que ele ganhou seus galões de odio contra a Grã Bretanha.

Nesse tempo, aliás como ainda hoje, os indús não podiam, individualmente, nessa colonia, possuir terras nem casas, nenhum bem de raiz, mas podiam viver constituidos em sociedade, sobretudo anonima. Disso resultavam demandas e questões no fôro. Gandhi nelas ganhava a vida. Uma feita, entrou de turbante, para defender um cliente, no tribunal de Durban. O presidente ordenou-lhe que se descobrisse ou se retirasse. E ele saiu sem dar uma palavra.

Em Pretoria, comprou um bilhete de primeira classe para ir a Joharmesburg e sentou-se junto dum inglês. Imediatamente seu vizinho se levanta e sáe. Voltou em companhia do chefe do trem que lhe ordena juntar-se aos de sua raça, aos mestiços e aos negros no derradeiro carro de terceira. Gandhi recusa-se a obedecer. E o empregado o atira á plataforma da estação, com a sua única valise, emquanto o trem parte sem ele.

O indú recorre a uma diligencia e ocupa o unico assento livre da imperial. Daí a pouco, um branco dele se aproxima, mostra-lhe o caximbo e faz sinal que precisa do lugar para fumar. Ele nem responde. Então, o bôer segura-o pela gola e com um sôco lança-o á estrada.

Em Joannesburg, nenhum hotel o quis receber e ele assim viu que, entre os brancos, um indú, embora doutor em leis, nunca passa dum negro. Era o bastante para qualquer outro ir embora. Ele ficou e agiu em favor das pretenções dos seus irmãos de côr durante a guerra do Transvaal, não obtendo grande cousa porque teve pela frente um homem da tempera de Lord Milner. Entretanto, mais adeante, o general Sonuts o recebia e, graças a ele, se modificava em favor dos indús o estatuto de imigração da União Sul Africana.

Dela Gandhi foi para a India e dezoito anos após se sentava num tapete verde em face do Vice Rei para com ele discutir a situação do país, de igual para igual. Emfim, a Inglaterra recebeu com palmas e flores, mostrando-lhe a miseria dos seus sem trabalho, para que dela se

Foi assignado o accôrdo commercial entre o Brasil e a Austria, realizando-se a cerimonia no palacio do Itamaraty, sabbado ultimo, com a presença dos ministros Afranio de Mello Franco e Anton Retschek, representantes officiaes dos dois paizes, e de altos funccionarios do Ministerio das Relações Exteriores. A gravura acima fixa um aspecto dessa solennidade diplomatica.

apiedasse, esse negro que não podia usar seu turbante nos pretorios de Natal, não podia viajar com os inglêses na primeira classe dos trens e não conseguia hospedar-se nos hotéis dos brancos.... E tudo isso sem um canhão, sem uma espada, sem uma bala pela força invencivel das suas idéas!

Como se deve rir, no intimo, o Mahatma Gandhi, da estulta pretenção dos brancos...

O Club de Regatas Guanabára festejou a entrada do anno novo com um deslumbrante baile á fantasia, que decorreu no meio de grande animação, prolongando-se brilhantemente por toda a noite de 31.

O RETRATO DE GUSTAVO BARROSO NA REDACÇÃO DE "FON FON"

A galeria illustre de retratos do *Fon-Fon* conta, agora, mais uma figura de destaque: Gustavo Barroso, nosso director-literario. Está elle entre as effigies notaveis de Gonzaga Duque e Mario Pederneiras, dois espiritos de escol, que passaram pela nossa redacção. Entre as photographias dos seus antigos proprietarios — Gasgaroni e Fogliani — avulta a do nosso director, sr. Sergio Silva. A de Gustavo veiu agora ampliál-a.

Foi acto de justiça, uma divida de gratidão que se pagou ao eminente escriptor e academico brasileiro, que tantas obras valiosas tem dado ás nossas letras e tanto fulgor tem emprestado ás paginas irrequietas de *Fon-Fon*.

A cerimonia foi simples. Os seus companheiros de redacção, aproveitando a passagem do seu anniversario natalicio, no dia 29 do mez findo, encheram-lhe a secretária de flôres e collocaram a parede da nossa sala principal a sua elegante silhueta, entre as daquelles mestres das bôas letras. Depois, houve os discursos de praxe. Elcias Lopes, nosso companheiro e outro espirito de *élite*, falou em nome de todos nós, tributando a homenagem a João do Norte.

Disse elle:

"Gustavo:

Ha um anno, ha pouco mais de um anno, era a tua palavra, commovida e sincera, que se fazia ouvir aqui, nesta mesma tenda de trabalho, onde, diariamente, amassamos o pão, sempre fresco, do nosso espirito.

E a palavra do Mestre, nesta colmeia do espirito, ouvimo-la nós todos, tocados pela mesma communhão de sentimentos e de affectividade.

Prestavamos, então, a homenagem dos nossos corações a Sergio Silva — o bom e nobre amigo de todos nós, inaugurando o seu retrato na sala de redacção do *Fon-Fon*.

Exprimindo a significação da prova de apreço e justa consideração que tributavamos ao illustre e querido director desta revista, disseste-lhe que a inauguração de um retrato nem sempre envolvia um acto de bajulação porque, muita vez, como naquelle momento, reflectia a expressão sincera e forte de uma manifestação da mais alta e leal estima.

Na homenagem de hoje, a ti prestada pelos teus companheiros e amigos de *Fon-Fon*, tambem não ha a eiva, a jaça de qualquer proposito bajulatorio. Simples e espontanea expressão da nossa affectividade e da nossa estima ao amigo, e da nossa admiração pelo teu grande e culto espirito, sagramos em ti, com esta modesta homenagem, um nome, já integrado, pelo seus proprios meritos, no patrimonio da cultura e da civilização brasileira contemporanea.

Fon-Fon, porem, devia-te esta manifestação do carinho e do elevado apreço em que te tem: és um dos seus veteranos; vens da "Velha guarda" que primeiro fez a avançada magnifica das victorias que esta revista vem marcando ha quasi um quarto de seculo.

Ha mais de duas décadas o teu espirito irradia belleza e saber nas paginas de *Fon-Fon* e, ha 16 annos, como seu redactor-chefe, és o coordenador e o orientador do dynamismo espiritual de quantos aqui, desvanecidos, trabalham ao teu lado, num convivio carinhoso e bom, num ambiente de distincta camaradagem, que o teu *charme* pessoal, através da fidalguia do teu trato, faz tão grata ao nosso coração e ao nosso espirito.

Escolhemos para esta festa de corações amigos em redor de ti, o dia do teu anniversario. Aos 43 annos de idade recebes esta homenagem, que não será a maior, mas que não será tambem a menos sincera que tens recebido:

Aos 43 annos, já déste ao Brasil, ás letras nacionaes, 45 obras, 45 volumes que são a gloria do teu nome, a consagração do teu valor mental e cultural, a affirmação magnifica da potencialidade do teu espirito e da tua admiravel capacidade de trabalho.

Obreiro incansavel da tua propria gloria, erigiste o pedestal da tua ascenção, levantando, um a um, com o teu silencioso e pertinaz esforço, os degráos da escada de Jacob do teu sonho interior, — o grande sonho da tua espiritualidade victoriosa.

Muito, decerto, ainda farás, sempre a elevar-te, sempre a ascender, sem nunca recuar. Na altura a que chegaste, porem, já não te attingirão as pedras arremessadas pelos zoilos, pelos iconoclastas de toda natureza, pela sanha vã dos simples despeitados.

Ante a tacanhice das suas investidas impotentes, já tens o direito de sorrir. De lhes sorrir e perdoar, porque, perdoando, ainda mais te collocas acima de toda maldade.

Gustavo: teus companheiros de *Fon-Fon*, não sei bem porque, me escolheram para interprete dos seus sentimentos, nesta festa "em familia", toda carinho, toda affectividade, toda cordialidade. Talvez

pela equivalencia das edades, ou por sermos filhos da mesma terra, do nosso sempre querido Ceará; ou porque, entre nós, seja mais antiga, mais velha a camaradagem que vem dos nossos tempos de estudantes. De qualquer modo, sinto-me honrado e desvanecido com a incumbencia de que me desobriguei mal, talvez, mas com o orgulho da minha sinceridade, e o carinho da minha estima.

Gustavo: nós todos do Fon-Fon, a começar por Sergio Silva, cumprimos um dever e honramos o merito, com a homenagem que, de coração, te prestamos, neste momento, inaugurando o teu retrato, nesta sala."

Gustavo Barroso, agradecido, respondeu:

"Amigos:

Toda vida é uma trama de alegrias e dores. Da minha não escapa á regra geral. Mais ou menos vinte annos, metade, decorreram nesta casa. E posso assegurar-vos que, no tecido de minha existencia, cada um delles foi um fio de prazer. Aqui, nunca tive desgostos. Aqui, nunca experimentei o menor soffrimento. Desde que, emigrado da minha patria, me acolheu a terra carioca, tão acolhedora e tão querida, conheci a gente de Fon-Fon e comecei a collaborar com ella. Ainda alcancei o seu primeiro redactor-chefe, Gonzaga Duque. Ainda convivi longo tempo com seu successor, Mario Pederneiras. E o destino quiz que eu conhecesse a herança de ambos.

Em vinte annos, o habito crystalizou definitivamente uma amizade que tanto é mais solida quanto mais se alicerça na gratidão: nas horas más da minha carreira, tudo me tem faltado — homens e cousas — menos o apoio moral e material do Fon-Fon. Quando as intrigas, as invejas e as ingratidões da politica me expulsaram de posições honestamente conquistadas, aqui continuei a ser o que sempre havia sido. Quando acontecimentos recentes fizeram com que sobre mim se desencadeasse a injustiça, aqui continuei a ser o que sempre havia sido. E a manifestação que me fazeis neste momento prova o que acabo de affirmar e, mais ainda, a generosidade do vosso coração.

Alliás, pelo coração é que esta casa tem vivido, a casa da intelligencia que illustra e nobilita. Evoquemos, ao lado dos talentos de Duque e Pederneiras, a bondade e a [illegible] de Gasparoni, a lealdade e a fidalguia de [illegible] Ilha. Mostremos, junto do brilhante grupo de poetas e prosadores como Capistrano e Poppe, Elcias e Porteia, o grande cora-

ADORAÇÃO DOS MAGOS

(Especial para FON-FON)

Pela immensidão da noite
Illuminada,
Ouve-se uma canção
Alegre, que, em surdina, vem
De muito longe,
Acordando
O silencio dos caminhos.

Guiados pelo brilho da Estrella
Mysteriosa,
Que tem naquella noite
Uma belleza estranha e um esplendido
Fulgor,
Os tres Reis Magos chegam
Cantando
A' terra de Belém.

Descem harmonias do Céu
Pelo sorriso branco
Dos astros,
Quando Gaspar, cheio de fé
E reverente,
Perfuma de incenso a Mangedôra
E o leito de Jesus.

Escutam-se arias quasi apagadas
De harpas dolentes,
Que vêem de distancias perdidas,
Quando Balthazar faz a offerenda
Da Myrrha pagã
E Melchior do Ouro soberbo,
Tudo para a gloria de Jesus.

Mas ha, naquelle instante, lagrimas
Silenciosas
E soluços disfarçados
De uma côr extraordinaria:
E' que Maria,
Ao beijar Jesus Menino,
Descobriu, na luz do seu olhar
Sereno e cheio de doçura,
A tragedia
Brutal da Noite do Calvario.

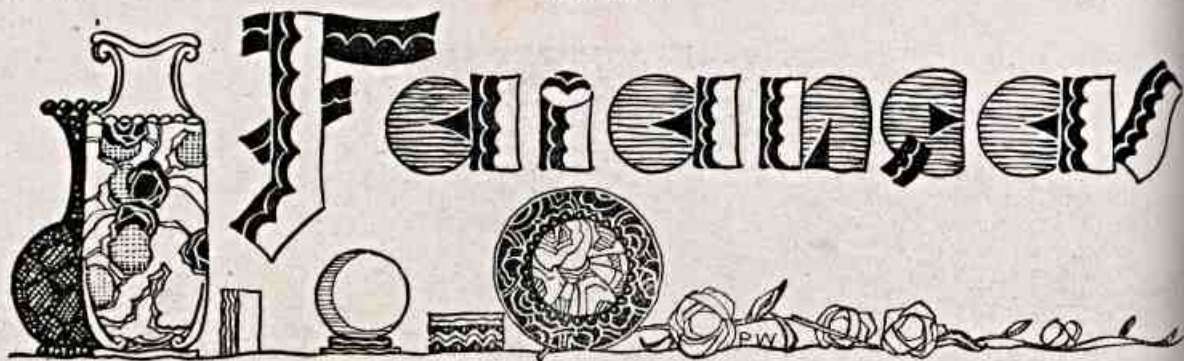
BENEDICTO LOPES

(De «Poemas de Amor»).

ção de Sergio Silva. E convenhamos que poucas serão as familias jornalisticas mais notaveis do que a nossa e raras as casas de jornal mais felizes do que esta.

Avesso a manifestações, sempre as repelli de mim por todos os meios. Secretario de Estado, Deputado Federal, Director de Repartições Publicas, Membro da Academia, viajante para o Norte e para o Sul, para a Europa ou para a America, tenho tido todas as occasiões propicias para receber discursos e brodios. Entretanto, nunca fui victima das canetas de ouro nem dos banquetes. Somente não escapei aos retratos. Em 1929, quando visitei pela ultima vez o Ceará, lá o puzeram um grupo de moços enthusiastas no palco do Theatro José de Alencar. Outra vez, no Museu Historico, alguns funccionarios, mais amigos do que funccionarios, inauguraram-no na Sala da Directoria da casa que fundei. E, agora, vós entendestes de pendural-o entre os dos meus antecessores que ornam estas paredes, todos elles mortos, com excepção do nosso querido chefe, todos elles meus amigos, meus companheiros de muitos annos, cuja saudade enche estes ambitos e cuja vóz ainda parece resoar aos meus ouvidos.

A sinceridade do meu agradecimento não pode ser menor do que a sinceridade da prova de consideração e affecto que me daes, todos. Acceito o que fazeis de todo o coração, porque sei que é á minha desvalida pessoa que a fazeis, e só a ella, e só por ella. Não tenho no momento graças a distribuir. Antes pelo contrario. Sou pobre como rato de igreja e vivo no meu paiz quasi como um estrangeiro, arredado de tudo. E, de envolta com a minha gratidão, permitti que vos mostre um pouco de orgulho: um retrato nesta sala é algo mais do que no salão dum ministerio ou de qualquer edificio publico. Ali, quando morre ou sáe do cargo o manifestado, a effigie vai para o porão e outra a substitue. A's vezes, na mesma moldura. Ali, quando a colera popular agitada pelas illusões collectivas rompe os diques, qualquer salafrario os despedaça e atira pela janella. Aqui, não ha taes perigos. Os que substituem aquelles que se foram cultuam a memoria da sua intelligencia e da sua arte, miram-se no exemplo do seu trabalho e da sua obra, e sabe que cada nome illustre do passado é um titulo de gloria literaria para os dias do presente. Aqui, não ha interesses, ambições e intrigas contra os vivos e, muito menos, contra os mortos. Aqui, reina o coração.

Obrigado, pois, pelo presente de Natal."

AS RAZÕES DO CORAÇÃO

CLÉO sorriu, tristemente:

— Mas, não, caro amigo. Você está enganado. Acha então que me vou humilhar a esse ponto?...

Edmir estranhou:

— A esse ponto? Não entendo.

— Sim... A esse ponto... Isto é, acceitar as pazes que Helio André me offerece... depois de insultada por elle, duramente...

— Quando ha amôr, nada é feio, nem bonito. Porque tudo é só, pura e simplesmente — amôr. Quem diz amôr — diz — heroismo e covardia, fidalguia e baixeza, vôos e quédas, luz e sombra, alegria e pranto... Emfim, todas as coisas razoaveis e absurdas, logicas e illogicas, rectas e tortas. Contrastantes, decepcionadoras, surprehendentes...

— Já sei, — atalhou ella. — Mas comprehenda você que Helio-André é um homem de espirito. Um escriptor. Não tem o direito de agir como qualquer "terre-a-terre..." A sua mentalidade deve pairar acima das chatezas da vida... O seu caracter não lhe permitte descaidas ridiculas. E, assim...

Deteve-se na reticencia. Edmir, o grande amigo e confidente de Cléo, suspirou, como si quizesse dizer: "Você nada sabe da vida, e muito menos das razões do coração humano..."

E falou:

— Cléo — você é ingenua. Asseguro-o. Restringe toda a historia amorosa, todos os grandes dramas das almas passionaes, num simples e banal episodio da sua vida sentimental de borboleta inquieta, que se debate, estonteada, no vidro da janella do amôr. Quer entrar — mas não sabe como, nem o que deve fazer.

E depois de concentrar-se um momento:

— Está disposta a ouvir um ligeiro relato de uma vida amorosa?

Curiosa, Cléo juntou as mãos sobre o collo e, numa attitude de collegial que espera uma lição proveitosa, annuiu, com um gesto breve de cabeça:

— Sim.

— O rei Francisco I, — contou então, Edmir — offereceu, certa vez, a condessa de Chateaubriand — no tempo em que ella era sua amante — varios braceletes de ouro, onde se gravavam expressivas legendas de affecto. A duqueza d'Etamps substituira Mme. de Chateaubriand no coração do monarcha voluvel. Enciumada com as divisas dos adereços da outra, manifestou ao rei o desejo de possuir as taes joias...

Cléo sobresaltou-se:

— E o rei teve coragem de exigil-as de Mme. de Chateaubriand?

— Immediatamente!

Cléo não se conteve:

— Rei selvagem! ... Mas, continue, Edmir...

E Edmir:

— Sabe o que fez a dama, justamente offendida?

— Não deu attenção á exigencia do rei! Aposto! — gritou ella, vibrando.

— Pois está enganada. Nobre, como era — nobre pelo espirito — que é a mais pura de todas as nobrezas — Mme. de Chateaubriand mandou a ourives reduzir os braceletes a peso, isto é, a um simples bloco de ouro, e devolveu-o ao seu ex-amante real, com a seguinte mensagem: "Le poids y est tout entier. Quant aux divises, elles sont gravées dans mon coeur, et c'est lá qu'il les faut venir prendre".

— Bem feito! — exultou Cléo. — Ella teve toda a razão! E agiu com uma grande belleza.

Edmir sentenciou:

— Todos os tres agiram com inexcedivel belleza. Ella — portando-se com a elegancia de uma mulher que deixou de ser amada por um rei poderoso; a outra, procedendo, egoisticamente, em defesa de uma grande conquista; e o rei ouvindo as razões do

A senhorita Dulce Vieitas, que sempre se distinguiu como alumna intelligente e applicada do professor Camargo Guarnieri, no Conservatorio Dramatico e Musical de S. Paulo, acaba de concluir o curso de piano naquelle estabelecimento, de onde têm sahido varias das nossas mais festejadas artistas.

coração: — esquecendo Mme. de Chateaubriand, e querendo homenagear a outra, com a humilhação da primeira. A maior das homenagens.

E depois de uma reflexão:

— Como vê, em amôr tudo está muito certo. Tudo está direito. Mesmo as coisas que caminham por linhas tortas.

Duas lagrimas constellaram os olhos escuros de Cléo.

YVES

Muito brilhante foi, sem duvida, a solennidade da declaração dos aspirantes a official da administração, da turma de 1931, a qual se realizou na Escola da Intendencia á Avenida Pedro II. Houve, nessa occasião, a entrega das espadas, pelo chefe do governo provisorio, que se vê na gravura de cima, no acto da ceremonia. Em baixo, apparece um grupo dos noveis aspirantes. A essa festa compareceram altas autoridades e distinctas familias.

A dôr inutil

conto de Bastos Portela

ANDRE' LUCIO entrou no edificio da agencia do correio, um pouco desorientado. Avançou para o caixilho envernizado, onde se lia em letras brancas e largas: "Cartas".

Antes, porém, de expedir a missiva, — um enveloppe azul, perfumado, que acabára de sellar, parou, nervoso e triste, deante do collector. Inquietos, os seus olhos releram, mais uma vez, o que elle escrevêra áquella mulher leviana, que fôra o céo côr de rosa e o inferno tragico da sua alma.

Repetiu, mentalmente, alheio ao movimento circumdante:

"Corina. Esta carta, sendo de evocação e de dôr, é destinada a te fazer soluçar. Sim. Sou dos homens ingenuos que ainda crêem que uma mulher bonita possa soluçar por amor... De certo, seria infinitamente feliz, si soubesse que ella teve a grande força de arrancar-te lagrimas de remorso.

Na dôr, todas as almas são irmãs — disse Serão. Si soffreres commigo, sei que, pelo menos, as nossas almas estarão irmanadas numa hora de desencanto e amargura.

E' um consolo egoistico, não o nego; mas, com elle, sempre será menor o meu padecimento sem termo.

Lembras-te? (E é aqui que desejo pôr toda a dramaticidade recordativa do nosso amor em agonia...)

Nos primeiros tempos, vinhas para os meus braços escaldantes, como para uma festa longamente esperada. E tudo, para nós, eram surprezas e alegrias. Os proprios logares communs, que trocavamos, tinham um vivo sabor de novidade. Uma novidade que equilibrava harmoniosamente as nossas forças intimas congraçadas.

A's vezes, em demorados enleios, que se vestiam, ao entardecer, com as sêdas dos crepusculos de inverno, caminhavamos, devagar, pelos jardins solitarios, apagados na penumbra subtil, esfarrapada, ou ao longo das praias de areias alvacentas, ou á margem das dócas.

Em tudo havia um motivo de arte. Um forte motivo de arte que nos attrahia e maravilhava os sentidos — povoando de sonhos bellos impossiveis, irrealizaveis, as nossas horas de extase. Nos jardins, admiravamos o bello "aplomb" das flores civilizadas e o frio perfil das estatuas. Tinhas, nesses momentos, grande pena de que os olhos dos marmores e dos bronzes não pudessem vêr aquellas bellezas esparsas sobre a terra... Ingenua! Nas praias rasgadas em colleios o que mais nos encantava não era o rolar monotono do mar; era o horizonte de perola, á distancia — imagem vaga da felicidade que foge, quando tentamos tocal-a. Nas

docas, tu gostavas de vêr o socêgo dos cargueiros mendigos, sujos, andrajosos — pobres navios em cujo bôjo dormia a saudade escura e modesta dos marujos que amavam em outras terras, por traz de outros mares...

O nosso amor era uma camaradagem vadia, feliz, peccaminosa, intellectual. Não conhecia outro interesse que não fosse aquella bôa alegria de viver "as nossas horas de communhão amorosa", — num "tête-a-tête" intelligente e discreto.

De repente, veiu o desencanto. De quem? De mim? Não. De tua parte. Filha, o desencanto no amor é a mais terrivel das molestias da alma. Participa de todos os sentimentos negativos. Vae da renuncia á decepção, do ásco frio, incoercivel, angustiante, ao desagrado, ao desinteresse, ao rancor. Um descanto é uma fórma facil do espirito se enfastiar para sempre. Acarreta todos os pessimismos e todas as desillusões sentimentaes. Por isso, eu soffro. Soffro em silencio, o que é soffrer duas vezes.

Desejaria fazer-te comprehender que, si soffresses comigo, eu seria feliz... Si, ao lêres esta carta de louco, pudesses conceder-me uma lagrima, em homenagem á minha dôr sem remedio, certamente teu desencanto seria bem menor. Talvez ainda me fosse dado ver-te sorrir, novamente. Sorrir numa renascença do amor que se extingue, e numa penitencia voluntaria, a alma submissa, docil, macia, feliz com a covardia da tua altivez machucada... Talvez, sim, ainda pudesse suscitar-te esta exclamação expontanea: "Meu amor... Meu..."

Uma vóz conhecida festiva, cantante, clara, misturada a um riso breve e tilitante chama-lhe a attenção preoccupada.

André Lucio interrompe a leitura. Volta-se para vêr. Uma sensação estupida, electrizante, rude, brutal, o sacode.

Pállido, transfigurado, a face se lhe contráe num nervosismo áspero, numa dôr traiçoeira, que o colhe de improviso.

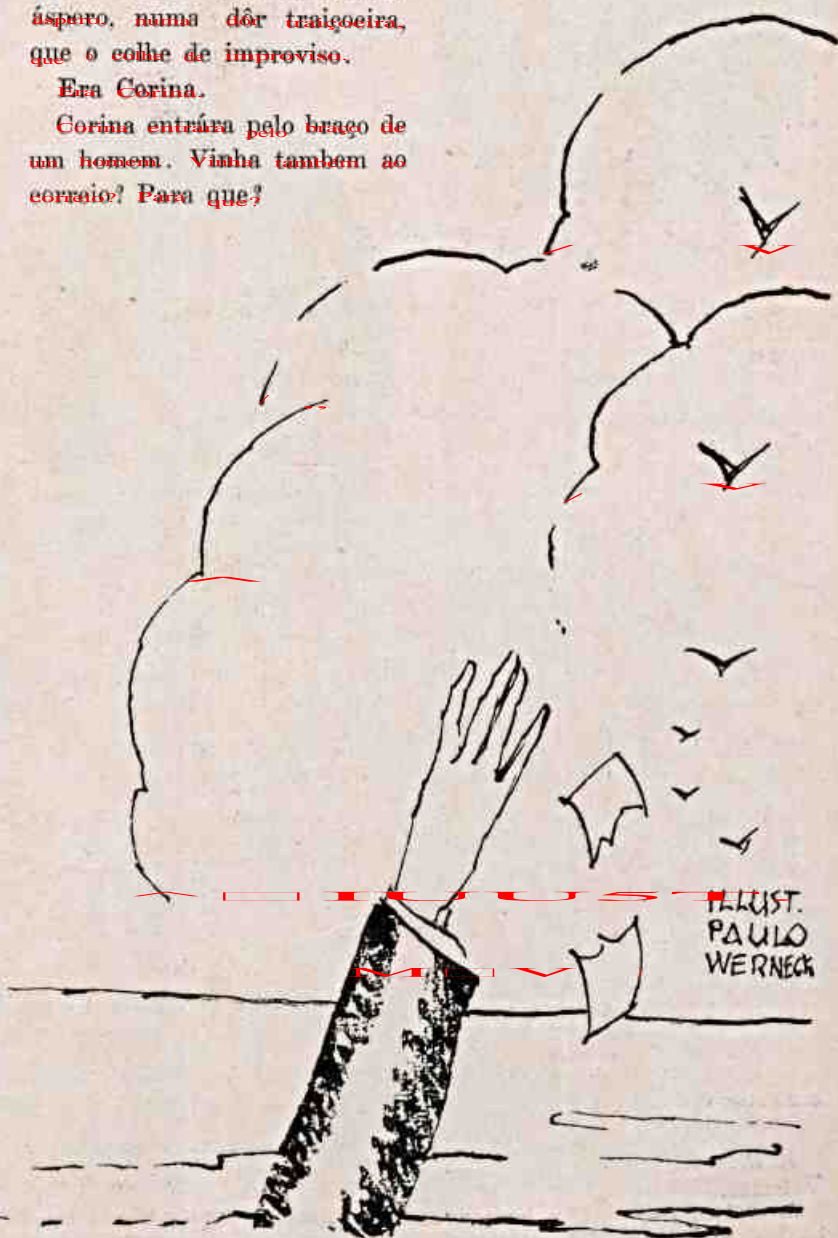
Era Corina.

Corina entrára pelo braço de um homem. Vinha tambem ao correio? Para que?

A André Lucio o resto não importava. O que o constrangia, e o desesperava, e, para elle, era tudo, — era a decepção daquelle encontro.

E só.

Hábil, rapido, elle ainda teve tempo de furtar o seu embaraço humilhado aos olhos da coquette perjura. Num gesto que concentrava todas as dôres do mundo, o moço dilacerou a carta azul, perfumada. Voluptuosamente...

E sahiu a recalcar, com pudor, a sua dôr inutil.

Ivan e Celio, dois interessantes filhinhos do sr. Annibal Rodrigues e de d. Laura Toledo Rodrigues.

PALAVRA que não conseguimos decifrar a charada!

Em plena avenida Atlantica, *madame* encontrou outra *madame*, e, sem maiores explicações, tomé gurda chuva...

Duello feminino, *gozado*, que em pouco prendia a attenção de reduzida assistencia. Mas, inesperadamente, surgiu o marido de uma das contendoras, e metteu-se no meio, separando-as, carregando, por fim, com uma dellas para logar ignorado.

A assistencia ainda mais *gozou* a fita, vendo a cara apalermada da que ficou sózinha em meio da calçada, até chegar um *taxi*, providencial, no qual ella se metteu, alliviada do olhar curioso dos espectadores.

Por que o duello?...

Por que não appareceu mais um marido, para completar o *fourt*...

Num jogo de tabefes, a *trinca* era pouco, e o *four* talvez não fosse demais...

Four, não.

Dois pares de *damas* e *valetes*, manejando guarda-chuvas ao ar livre, é que seria uma *novidade!*

Quem quizer que decifre a charada, pois nós apenas conseguimos constatar o facto...

DE tão amiguinhas, até parecem irmãs.

Ao vêl-as, na praia, á hora do banho, sempre juntas, sorrindo, palestrando, gozando ambas a delicia das lindas manhãs de sol de Copacabana, quanta inveja em torno!...

Mas, quando uma dellas falta ao banho, como é delicioso ouvir os circumstantes analyzarem o que os olhos vêem cheios de malicia!

Oh!, a psychologia das amizades fraternaes!...

Quando uma dellas falta, o marido parece que encontra maior encanto no banho de mar.

E' que a amiga da esposa se multiplica em attenções, em carinhos...

São gestinhos no rosto em plena praia e mergulhos demorados nas ondas que espadanam as brancas espumas numa apotheose ao amor livre...

Depois, voltam á praia, deixando-se queimar pelo sol, e quando aquecidos os corpos, outra vez um mergulho no mar.

Cdimir, filhinho do casal O. de Abreu. E' fluminense de S. Fidelis e não tem mêdo de caretas...

Assim as horas se escôam e a outra, que ficou em casa, não percebe nada, nem siquer que o marido toma um banho mais prolongado, quando a amiga está com elle...

Que patuscada!...

A *garçonnière* viveu um dos seus grandes dias de agitação festiva. Para ella correu o mundo elegante, sedento de novidades. Ambiente requintado. O dono da casa é um cavalheiro encantador, que sabe receber os seus convivas.

Ficou-lhe o habito da vida de casado... Agora, que está só, envida esforços para manter a mesma *coterie*. E vae conseguindo tudo, com relativa facilidade, segundo as melhores informações que temos acerca do brilhantismo das festas que offerece aos amigos.

A ultima reunião foi devéras notavel. As damas, sentadas nas almofadas espalhadas pelo chão, saboreando as taças de chá ou fumando cigarros loiros, sentiam-se perfeitamente á vontade, commentando a nota bizarra que era aquella recepção, em meio á pacatez burgueza da cidade.

Aquillo, sim!...

Até fazia lembrar Paris!

As tardes *chics* de certos recantos doirados de Neuilly...

Emfim, era preciso gozar a vida, e todos elogiavam o bom gosto do cavalheiro que sabia reunir, em torno á sua elegantissima pessôa, tantas creaturas amaveis, jovens, interessantes.

Qual não foi, porem, a surpreza dos convivas, assistindo á nota imprevista, inédita, da reunião, que ficou na memoria da assistencia envolta no mysterio de uma interrogação, nota proporcionada por *mademoiselle*, que traz no sangue a marca de sua ascendencia illustre.

Pois foi um espectaculo estupendo! *Mademoiselle*, abandonando o macio das almofadas, de pé, no salão, produziu um discurso eloquente, vibrante, uma verdadeira apologia das suas convicções communistas!

Apenas edificante, para uma sociedade frivola, aquella nota rubra, sahida de uma garganta feminina...

A *garçonnière* fechou as portas, os elegantes partiram commentando o *pequenino* escandalo.

Positivamente o Rio civiliza-se!...

Duas bonecas e um sorriso... Lena Lassance Bulcão Vianna, filhinha do dr. Clovis Bulcão Vianna e de d. Lourdes Lassance Bulcão Vianna, «posou» esse quadro para commemorar, amanhã, o seu segundo anniversario.

A mulher em Paris usa...

—com todos os seus vestidos de sport, boinas de tricôt de linha ou de lã, com a beira revirada em torno da cabeça, e de côres claras e alegres.

—para o jantar, um vestido de renda fina com um corpete em fórma de blusa, bem cingido ao corpo.

—em todos os seus vestidos matinaes de passeio, guarnições de fustão branco em fórma de gola, de bordados ou de debrum.

—em todos os seus vestidos simples de tarde, golas brancas de cambraia, organdy ou crêpe-georgette, finamente trabalhadas em pequenas pregas e guarnecidas de rendas de Valencia ou de tulle tusganté.

—na cidade, chapéos cloches, de abas regulares, levantadas do lado esquerdo do rosto e feitas de picot.

PRECE DE ANNO BOM

De Murillo Fontes

Quando vier rompendo a madrugada,
Morna, amorosa, lúbrica, encantada,
Abre a janella com satisfação!
Deixa que o Anno-Novo, bemfazejo,
Venha alcançar-te no primeiro beijo
Para a alegria do teu coração!

Leva cantando os filhos á janella
E aponta aos dois esta visão singéla:
— D'um Anno-Bom, nascendo da esperança...
São nossos filhos, Annos-Bons da vida...
Mostra-os ao irmão que vem, minha querida,
Pois o Anno-Novo também é creança!

E assim nós vamos pelo mundo a fóra...
Morre o dia... chega a noite... rompe a aurora.
— Trezentos e sessenta e cinco dias! —
Esperanças, promessas, devaneios,
Vigilias, amarguras, mil anseios
E a vertigem fatal das alegrias!

Abre a janella, sorridente; entrega
Toda a tu'alma esperançada e céga
A' luz desta manhã cheia de brilhos...
E pede a Deus que nossa vida toda
Seja uma eterna, uma festiva boda
Para a ventura destes nossos filhos!

Anno-Bom 1932.

—á tarde, vestidos com mangas curtas ou meias mangas, e luvas de suéde, bem compridas, para cobrirem os braços nús.

—com seu elegante costume de tarde, negro, uma bolsa ornada de piqures e da mesma côr clara da blusa e do mesmo tecido — crêpe setim ou crêpe georgette.

—á noite, vestidos cobrindo as espaduas, com véos, berthes, etc.

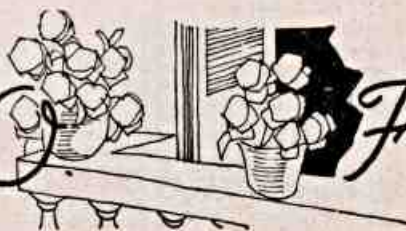
—sapatos extremamente decotados, de verniz preto, para o dia, e sandalias de lã, velludo ou crêpe-mat, para a noite.

—com um vestido negro ou branco, bem decotado, um unico broche grande e brilhante, preso do lado do corpete ou na cintura.

Eis a verdadeira moda de verão em Paris, em 1931.

L. Desmurs

Tambem o Club Gymnastico Portuguez commemorou a noite de Anno-Bom, offerecendo aos seus associados um baile que se revestiu de muito brilho mundano, e do qual focalizamos um detalhe na gravura acima.

Balcão Florido

PARA A PRINCEZINHA QUE NÃO VEIO...

ESTE anno, ainda são para você, minha princezinha distante, as primeiras flores do meu balcão.

Sua figurinha de sortilegio e de

A gentil senhorita Margarida Alves Lopes, da alta sociedade cearense, que acaba de fazer, com brilho, o 8.º anno de piano do Instituto Nacional de Musica. Mlle. Margarida A. Lopes é filha do coronel João Baptista Lopes, capitalista e grande industrial em Fortaleza, e sobrinha de nosso querido companheiro de trabalho, dr. Elcias Lopes.

sonho vem para mim, doce, suavemente, a buscar, na paz repousante das sombras agazalhadoras do mundo do meu encantamento, o que falta á sua e á minha vida para que ambos pudessemos ainda ser felizes: um grande amor de *Mil e uma Noites*, tão grande, tão forte, tão profundo e, tão fóra, mesmo, dos limites de toda contingencia humana, que ultrapassasse o sentido e a expressão da vida vivida, da realidade das coisas, e penetrasse, victorioso e triumphal, os dominios mysteriosos da morte, para se tocar de eternidade, divinizando-se.

Então, o seu e meu amor, minha princezinha distante, não seria apenas um amor *fort comme la mort*, porque teria vencido a propria morte, no seu anseio de perfeição e de eternidade. E teria contido e jugulado e neutralizado a força mesma, inelutavel e impiedosa, do destino, desse destino que, mais que a morte, nos intimida e estarrece, de vez em vez, fazendo-nos estacar, todos os annos, cada vez mais, mais cansados e mais desilludidos, á margem da estrada longa da nossa vida.

Ao entrar este anno, curvado deante desse novo ponto de interrogação que o tempo collocava á frente do nosso destino, recolhi-me, concentrei-me, e, deante do altar da Esphinge imperturbavel da Felicidade, ainda encontrei em mim força de fé bastante com que formular e elevar uma prece.

Força de fé, minha princezinha distante?

Com o seu scepticismo, com a sua afflicta e angustiante descrença, você, certo, dirá que eu continuo a ser a mesma creança de sempre, porque teimo em procurar illudir-me continuada, constantemente, chamando "força de fé" o que é apenas o eco doloroso e profundo de todas as minhas decepções, de todos os meus gritos de revolta e desespero, de todo o surdo clamor da minha silenciosa

O dr. Sergio Augusto Boisson, que terminou o curso juridico na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, é uma figura brilhante da turma de 1931, e tem qualidades preciosas para vencer na árdua carreira que abraçou por legitima vocação.

e torturante inquietação interior.

E talvez tenha razão, ao menos em parte.

Se você, porem, pudesse comprehender o que ha de sobrehumano nesse formidavel trabalho emocional a que me entrego, de espirito e de coração, para transformar em "força de fé" ou da...

O pequeno João Carlos Barth, que conta apenas dez annos de idade e é filho do sr. Carlos A. Barth, acaba de concluir brilhantemente o curso de aperfeiçoamento da Escola Royal, sob a direcção de Mme. Possolo.

illusão tudo que é soffrimento e desencanto na minha vida, então, você, minha princezinha distante, comprehenderia claramente que "não sou feito dos sonhos que tenho sonhado", como tantas vezes já lhe fiz sentir.

Não sou, porem, apenas um homem que busca illudir-se para poder supportar o fardo pesado da vida, creiam. Porque tenho alma ainda para, com os preprios filamentos da dor que faz o meu soffrimento interior, e desencadeia as tempestades do meu espirito, e os gritos de meu coração, poder tecer um sorriso de bondade, de feliz resignação, para os que, como você me julgam pelo que apparento ser e não pelo que realmente sou — o éco surdo de uma vida, de muitas vidas, talvez, a repercutir, no presente, a angustia de um destino que se não realizou... que nunca se realizará...

HELIANTHO

FLAGRANTES INTERNACIONAES

O dr. Belot, que é um dos mais reputados scientistas francezes, está explicando ao ministro da Saude Publica da França como funcciona o seu novo apparelho de Radiologia, invenção que tem chamado a attenção de todo o mundo scientifico e que vem revolucionando a radiologia medica naquelle paiz.

Teru e Taka, as duas filhinhas do imperador do Japão, no Jardim Zoologico de Tokio, em companhia de outros pequenos japonezes, apreciando os animaes que alli fazem a delicia da garotada plebéa e nobre...

(Photos do serviço especial de FON-FON em Paris).

A RUA

NEM de proposito. Eu ia andando distrahido, a sonhar, dentro do mundo de ouro das estrellas... E numa especie assim desses poetas que se alimentam de chimeras, que têm os bolsos enxutos de nickeis, sem camisa para vestir, emquanto a outra está sob o cruel supplicio de uma taboa de lavadeira — desses poetas que são felizes dentro da sua propria tortura...

A rua é, quasi todos os dias, o asylo de alegrias perennes, e é nella que o homem vem buscar a saúde d'alma. Haja vista os gavroches, Mario Pederneiras...

Na rua a gente quasi esquece que tem um filho doente a chorar; e tambem, ás vezes, as chagas com que o destino nos feriu em sangue... A gente esquece porque é preciso. O "struggle for life". Si estivermos presente, vendo o olharzito enfermo do nosso petiz, cheio de ansias e começando a querer mal, inconscientemente, á primavera da vida, decerto succumbiremos de dôr.

E' por isso que, em muitas occasiões o homem não pára em casa. A rua, quanta vez é um anesthesico! Muitos nem n'a sabem julgar de fórma nenhuma, indifferentes a ella propria, a si proprios, á propria sorte do lar, ás seducções a que outros encantos nos arrastam dentro ou fóra de casa... Ha desses typos acovardados, fracos, que trocam o segredo abemçoado e puro de sua alcova pela miséria interesseira, mentirosa, de ephemeras e peccaminosas felicidades...

Todavia, ha os que, na maior parte, vão para a rua estrangular, de modo moral desbalizado, a tristeza sem igual do seu tedio quotidiano...

Eu amo a rua e comprehendo-a. Temo-a para meu filho, que os primeiros contactos são os mais nocivos, porque são os mais inéditos, os mais profundamente enamorados... para sempre.

Mas a rua, como eu a entendo, é, para os homens, supportavel.

Quando o dia se abre como a bocca radiosa de uma flôr de sangue de rosa, a gente toda vem para a rua, formigando, a enchêl-a com seus passos e para encher-se de bons proveitos ou de desillusões e infortúnios...

Passa por nós um cavalheiro feliz, esta-deando na almofada de seu luxuoso automovel. Esse não vae principiar a luta. A sorte colheu-o pela mão. E' o patrão. Dirige-se unicamente a outros que estejam firmes para a luta.

Adeante, vê-se um sujeito que está mal enroupado, collarinho humedecido e empoeirado, a barba por fazer, ha dias, e hostil, que lhe dá quasi o aspecto de um ex-homem...

Esse é o que odeia a rua...

Passam moçoilas, bando alacre de bor-

Os alumnos do prof. Estelita Lins, que terminaram o curso de urologia, renderam ao conhecido clinico uma expressiva homenagem, que se realizou num dos laboratorios do seu instituto urologico. No grupo apparece o dr. Estelita Lins, cercado dos seus discipulos.

Enlace da senhorita Imanda Montenegro Maciel, professora municipal, com o sr. Reynaldo Noll, celebrado nesta capital, onde residem os [illegible]

Gersey Ribeiro da Silva e Yvonne Bicudo de Almeida são duas applicadas alumnas do Grupo Escolar Cesario Motta, de Itú, no Estado de São Paulo, que, no concurso da «Semana dos Bons Dentes», recentemente realizado naquelle estabelecimento, conquistaram os premios denominados «Synorol» e «Calceon».

Enlace da senhorita Francisquinha Cintra com o sr. Armando Vieira Santos, prefeito da cidade pernambucana de S. Bento, onde se realizou a cerimonia.

Flagrante de uma «soirée blanche» nos salões do Carangola Club, na cidade deste nome, no Estado de Minas Geraes. A festa, que foi linda e brilhante, traduziu uma homenagem da sociedade local á prestigiosa figura do dr. Jonas de Faria Castro, grande filho e grande bemfeitor de Carangola.

boletas, que, lindas, graciosas e futilmente, vão ás lojas adquirir um carrinho de linha, exhibindo-se em elegantes vestimentas que provocam um olhar de inveja á uma pobre e fatigada operaria, á sahida das fabricas...

A rua é assim.

E eu, que assim a entendo, achei interessante mostrar mais um traço do que se passou nas arterias onde se ama, com o olhar, com as mãos e.... creio bem, como o dinheiro...

Quando vagueava, distrahido a sonhar entre as estrellas, um dia destes, achei uma carta na rua. Apanhei-a. O enveloppe em branco. Abri-a.

Era uma apaixonada humilde que se desabafava... O amor em scena.

Leiam mesmo na singular expressão de uma grammatica pobrissima — a dos que não a estudaram, a sincera expressão de um affecto mal correspondido.

Leiam:

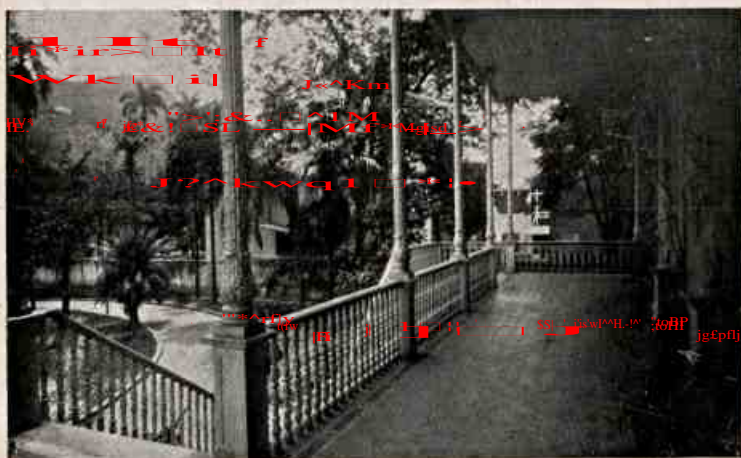
"Querido anjo de Minha alma çaudação.

Querido há! momentos na vida em que o meu coração tranferido da mais profundissima tristeza do mais profundissimo sentimento é o que me aconteci agora ssm eu te falar sem eu colher de teus labios as doçes palavras de amur! ha! eu não duvido por ventura já esqusceste o nosso amor. Naturalmente devis deter esquecido porque já tens outra mais suficiente do que eu vi na nuiti do baile as fitas i os paceios de braço pela çala ella podi a luvá a deus eu não ter ido dançá que eu tinha gusto de acabar um leque na cinvergonha da cara delia eu fiquei muita contrariada por coiza dessas fitas que fizesti com ella mais nem tanto eu não me incommodo estou bastante sentida por ainda não ter falado comtigo des que fustis para belem pesote que venhas falar commigo sem falta termino recebi beijo i abraços Desta tua fiel sabis quem é 20.10.3"

Digam-me agora si a rua não é tudo: até o cofre anonymo de tudo, até das proprias illusões perdidas...

EDGARD PROENÇA

Os membros da Quarta Conferencia Nacional de Educação, que ultimamente se reuniu nesta capital, em visita á Escola Superior de Agricultura e Veterinaria do Estado de Minas Geraes, com séde na cidade de Viçosa, aonde foram a convite da directoria daquelle estabelecimento.

INSTITUTO LA-FAYETTE

Para alegria das creancinhas e da juventude do curso preliminar, o predio lindo da rua Conde de Bomfim n. 296 abrir-se-á no anno corrente, como Departamento Preliminar do Instituto La-fayette. Dependencia do Departamento Feminino, certamente, a nova creação pedagogica será uma surpresa agradavel para os paes, e sobretudo para os pequenos frequentadores do Jardim da Infancia e menores do curso preliminar. Não só varandas largas e extensas, destinadas ás aulas ao ar livre, mas salas tambem, com janellas rasgadas para parques amplos e arborizados, regorgitarão alegres com a frequencia da infancia estudiosa e cheia de alacridade.

Não mais salas acanhadas e sem luz onde se reuniam creanças sob a disciplina severa e irreductivel de mestres inaccessiveis. Aulas ao ar livre, com installações modernas e adequadas, num ambiente agradavel, creou de ha muito o Instituto La-Fayette, sobretudo agora, com o apparecimento do Departamento Preliminar.

As varandas amplas e extensas, cercadas de arvores e de flores são os logares proprios para o Jardim da Infancia. Todos os salões e salas de aula têm as portas abertas para as varandas extensas e amplas.

Cada um procurava ser-lhe mais agradavel.

Dezoito annos depois, Rosie, a criança abandonada, era uma linda moça. Kaplan desejava que ella se casasse com Moe Levine, um agente de seguros, e O'Grady, ao contrario, desejava ver Rosie como esposa de Terry Calaran, um boxeur.

Havia frequentes brigas entre os dois rivaes. Rosie poz termo á contenda dizendo qual delles a deveria levar ao baile á fantasia em Bebster Hall, declarando, porem,

Paternidade Complicada

Producção da Columbia

Direcção de BERT GLENNON — Interpretação de:

George Sidney, Joan Peers, Charlie Murray e Larry Kent

Duas terriveis pantheras.

O velhote era um babão.

O'GRADY, um policia irlandez, e Kaplan, um judeu, dono de uma loja, eram amigos desde muito tempo. Uma noite chuvosa, encontraram uma criança abandonada á porta da loja. Decidiram ambos cuidar do recem-nascido.

que os dois a poderiam levar...

A festa estava no auge, quando Tomy Sainclair passou por alli. Entrou no salão de baile e concluiu que lhe seria divertido tomar parte naquella alegria. Notando que as pessoas presentes

O ciume do outro «par» era terrivel.

á festa estavam todas fantasiadas, trocou as suas roupas com as do chauffeur.

Não foi preciso muito tempo para Tomy descobrir que Rosie O'Grady era a mais linda pequena do baile. Não encontrou difficuldade para se tornar conhecido della, porque Moe e Terry estavam occupados em comprar-lhe uma boneca. Quando Moe e Terry voltaram, ficaram furiosos. Surgiu uma rusga e dahi, o que se póde dizer, uma luta livre para todos.

Kaplan, O'Grady, Terry e Moe resentiram-se do progresso de Tomy. Elle não parecia um chauffeur e todos suspeitavam de que o rapaz estivesse praticando alguma pirataria. O'Grady descobriu quem elle era, e foi, em companhia de Kaplan, visitar o velho Sainclair e dizer lhe como as coisas iam. Quando o pae de Tomy lhe propõem a alternativa de ou abandonar Rosie O'Grady ou romper as relações com a familia Sainclair, o rapaz se decide pela segunda.

Tomy prepara os seus planos immediatamente. Offerece uma bolsa de cinco mil dollares para uma luta de box que póde ser promovida entre elle e Terry Calahan.

Isto vem revelar que Tomy enxerga tambem um pouco de box. Tomy vence. Tomy, que recebera ordem de jogar a fortuna dos velhos em Calahan, havia apostado tudo em Tomy, ganhando 25 mil dollares. Em vista de toda essa fortuna, Kaplan e O'Grady recebem Tomy como seu genro...

Um presente do ceu.

Acabou vencendo.

Infiel e ingrata.

O PRISIONEIRO DE STAMBUL

Super producção da UFA

com Heinrich George — Betty Amann — Trud Hesterberg — Paul Hoerbiger — Direcção de scena: Gustav Ucicky

UM aventureiro turco, chamado Thomas Zezi, havia vivido 18 mezes na cadeia, por ter passado varios contrabandos; mas, apesar de ser um caracter escravo das paixões, tinha um coração bem formado, tanto que soubera guardar segredo sobre os seus cumplices. Cumprida a pena imposta pela justiça, Zezi dirige-se para a sua residencia, em companhia de Vlastros, seu fiel servo, cuja argucia pudera, a tempo, salvar das garras da policia, não somente a residencia do patrão como alguns objectos de valor. Em sua casa, porem, de regresso da cadeia, tem a grande surpresa de encontrar sua amante Dolly nos braços de um homem, de nome Manopolus, companheiro de aventuras do referido contrabandista.

Era um amor sincero.

Profundamente magoado com tamanha ingratidão e sentindo vivamente o gesto traiçoeiro que os dois entes lhe haviam proporcionado, Zezi, num momento de odio, põe fóra de casa o par de intrusos.

Momentos depois uma moça bate á porta e offerece mercadorias, á commissão, como unico meio de vida que lhe restava, depois que o infortunio se acercára da sua existencia. Hilde Wollwarth, joven e bella e seductora, mais uma vez tivera a desillusão de ser expulsa por um creado de casa e tão precario era já o seu estado de saude que, alli mesmo, cáe ao solo, vencida por uma enorme fraqueza organica. Fôra assim que o destino atravessara na vida de Thomas Zezi uma mulher que, um dia, se tornaria sua esposa. Nos primeiros tempos, comtudo, Hilde e Zezi viveram como amantes até que certa vez, usando de suas caricias de mulher e dos bons propositos de Thomaz, Hilde consegue que Zezi lhe prometta casamento. A necessidade de arranjar um passaporte falso que o fizesse passar como solteiro leva Zezi á presença de antigos companheiros de aventuras que, em conversa, contam a Manopolus a intenção do ex-contrabandista, agora sujeito a uma vingança do amante, apanhado em flagrante e, brutalmente, posto na rua. Manopolus, sabedor de que Jola, a primeira esposa de Zezi, seria um bello instrumento de vingança, corre a contar-lhe os propositos de Zezi, que, dessa forma, seria obrigado a comprar por bom preço o silencio de uma mulher cujos direitos conjugaes ainda se conservavam de pé sobre a pessôa de Thomas Zezi. No mesmo dia em que se realizara o casamento de Hilde com Zezi, este recebe um telephonema de Jola, que, mediante ameaças de um grande escandalo, pelos jornaes, consegue attrahir seu marido á sua residencia, emquanto ella mesma vae á casa de Hilde para amargurar a pobre moça, victima de sua

bôa fé e escrava de uma sorte ingratissima. De volta dessa visita constrangedora, Jola encontra-se com Zezi e, instigada pelos falsos amigos e exploradores de seu marido, exige do antigo inimigo da lei não somente vultuosa somma, como todas as joias que elle possuia, a troco de uma declaração em que ella se fazia de accordo com um divorcio immediato. Hilde, entrementes, despedaçada em sua alma sonhadora e apaixonada, comprehende a grave situação que creara ao seu esposo e, num momento de desespero, resolve suicidar-se.

Tranca-se na cosinha de sua residencia, calafeta todas as janellas e portas e, a seguir, abre as torneiras do fogão de gaz. Pouco a pouco, perde os sentidos e, por fim, está quasi sem vida quando, afortunadamente, Zezi chega a tempo de salval-a de uma morte ingloria. Não obstante tantos golpes traiçoeiros, desferidos contra os dois amantes pelos maus fados, esses corações apaixonados conseguem, afinal, entrar numa nova phase de esperanças, em que a vida lhes sorri para todo o sempre

---

*** E' interessante observar as coisas que despertam de preferencia o interesse das pessôas proeminentes que visitam os studios cinematographicos em Hollywood. Alguns se interessam mais pelos detalhes technicos da producção sonora que pelas estrellas e astros, o contrario occorrendo a outros. Muitos demonstram particular interesse em vêr os seus artistas favoritos; e ha ainda outros que gostam de explorar os studios até achar alguma coisa que lhes attraia especial attenção.

Quando Calvin Coolidge, o ex-presidente dos Estados Unidos, foi a Hollywood, teve convite da Metro-Goldwyn-Mayer para visitar os seus studios. O que mais lhe interessou nesta excursão foi a captura de um urso amestrado que havia fugido do scenario do "The singer of Seville", o film mais recente de Ramon Novarro.

O ex-presidente esqueceu-se das celebridades da téla, que havia conhecido, deixou escapar o seu primeiro sorriso ao vêr uma duzia de homens que perseguiram e finalmente pegaram o recalcitrante urso.

Winston Churchill, o famoso estadista inglez, teve a maior surpresa da sua vida no mesmo studio, quando ouviu repetido pelo alto falante um discurso que acabára de pronunciar e que houvera sido registrado sem que elle tivesse percebido, através de um microphone escondido da vista dos presentes.

Quando o joven barão de Rotschild visitou recentemente a installação da M-G-M, interessou-se vivamente pelo "modus operandi" da impressão do som, e passou varias horas examinando o mecanismo, mediante o qual são photographadas as vibrações sonoras.

Richard Bonelli, o famoso cantor da opera, metteu-se num canto a conversar a respeito de assumptos de pesca com Lon Chaney. Chaney e Coolidge tambem compararam as suas notas acerca do methodo que usavam para a pesca de trutas.

Apesar de não ser regra geral admittirem-se visitas aos studios, sempre que chega á California alguma personalidade de famosa, sempre recebe convites para visitar os diversos studios.

Era uma vida de loucuras.

Emquanto «elle» soffria na prisão.

TEIA DE ARANHA

"TEIA DE ARANHA" é o livro que Elcias Lopes, o elegante Max Linder de *Fon-Fon*, acaba de lançar nas livrarias.

Elle diz, modestamente, que "Teia de Aranha" é, apenas, uma apresentação, para "A Ultima Encarnação de Adão e Eva", seu proximo romance.

No emtanto, enfeixando algumas das suas brilhantes chronicas já publicadas no *Fon-Fon*, Elcias Lopes nos dá não só um magnifico livro de leitura leve e agradavel, mas tambem um livro bem acabado, caprichosamnte illustrado por M. Constantino e Paulo Werneck.

Elcias Lopes tem algo de irreal e de immaterial, quando escreve.

As suas chronicas, ainda mesmo aquellas que tratam de coisas actuaes, reflectem um espirito mystico, um sonhador incorrigivel, um estheta que se contorce nas teias emmaranhadas de fantasias loucas...

E' um profundo sentimental, o nosso Elcias.

Ha, em "Teia de Aranha", trechos tão lindos, tão sinceros, tão sahidos do coração, que a gente é obrigada a sympathizar com o seu autor, é obrigada a querer-lhe um grande bem...

"Fim de Anno... Minha Filha..." é simplesmente encantador.

Si o escriptor nos conquistou com o seu estylo, com as suas *blagues*, com as suas originalidades, o pae amoroso e bom que deve ser Elcias acaba de conquistar-nos a ponto de divinizál-o.

Reproduzo, aqui, um dos lindos trechos de "Fim de Anno... Minha Filha...":

"Paesinho, gosto de alguem com quem quero casar-me e peço o teu consentimento..."

"Minhas primeiras emoções, depois que advinhei tua carta através as minhas lagrimas, quanto soffrimento me trouxeram! Era a revelação de já ser mulher aquella que eu julgava ainda a minha querida criança, a filhinha innocente e ingenua que ouvia, de olhinhos espantados, as historias maravilhosas que eu lhe dizia.

"Vou ao espelho. O tempo... como passa depressa! Sinto-me, no emtanto, tão novo ainda, apesar dos primeiros fios de prata, apesar de todos os soffrimentos e de todas as decepções...

"Eu, sogro, já, ha poucos dias? Eu, avô, talvez, dentro de um anno mais — eu, que ainda não vivi, que ainda vivo a procurar um sentido, uma expressão para a minha vida?

"E tu, mulher, tu casada, tu... mãe, dentro de mais algum tempo..."

E termina:

"Marejam-se os olhos da "creança grande" que sempre foi teu pae, que vive tão só e, hoje, se sente ainda mais infeliz e mais só, porque já não tem uma filha pequenina..."

"Minha Terra, Minha saudade" é outro poema de exaltação sentimental.

Seguem-se com o mesmo successo, "Maquillage", "Semeador de Felicidade", "A luta dos Sexos", "*Lorsque tout est fini...*" "Sorrindo" e muitos outros.

Referindo-se ás mulheres, Elcias Lopes é um benevolente, um ironico. Benevolente, porque a sua mão está sempre prompta a abençoar, porque a sua alma está sempre disposta a agazalhar e dar pousada a outras almas, porque os seus labios têm, sempre, uma palavra de perdão, uma palavra de consôlo para os que soffrem. Ironico, quando, abandonando as suas attitudes patriarchaes, abandonando o Evangelho que parece trazer sempre comsigo, se põe a chamar as mulheres de "Macaquinhas" ou de "gatinhas que têm um ron-ron de beijos na garganta..."

Apesar de tudo, elle comprehende muito bem, muito bem mesmo, a melindrosa, a sonhadora, emfim, a mulher.

"Teia de Aranha" não é uma apresentação como o deseja o seu escriptor, o qual já é bastante querido e bastante admirado em todos os meios, para precisar de uma apresentação.

Quem não conhece o suave Helianto do *Balcão Florido?* Qual a "bonequinha *maquillée*" que ainda não se debruçou nesse balcão para sonhar?

Moderno a seu modo, Elcias é um antiquado do amor, um sentimental do seculo passado, que se lê como uma reliquia nesta época de futuristas e de literatura maluca.

Lendo-o, a gente fecha os olhos para ser, mais facilmente, transportada ao mundo das fantasias azues e das mentiras de biscuit que se usavam antigamente...

"Teia de Aranha" não é, pois, uma apresentação: é uma consagração.

CONCHITA CID

A Academia Franceza acaba, actualmente, o seu diccionario; para tanto 3 reuniões se fazem por semana. Nos principios de novembro, os 20 membros da commissão, reunidos, regeitaram, unanimemente, o vocabulo "*parution*", excluindo-o da lingua franceza!

Appareceu na Inglaterra, com o titulo "Full Circle" e ao mesmo tempo nos Estados Unidos com o novo titulo de "Gin and Bitters", um livro de Elinor Mordauinte, que obteve enorme exito de livraria. Esse exito acaba de ser augmentado com o processo que vem de mover contra a autora, por diffamação, o celebre romancista Somerset Maugham, que se reconhece em um dos personagens do livro.

Esta semana, com grande successo, acaba de apparecer "*Métamorphoses d'Ovide*", illustradas pelo maior pintor vivo de Paris — "Picasso". — A casa editora Albert Skira levou 2 annos de arduo trabalho para editar tal obra, cuja primeira edição 300.000 exemplares, foi comprada in-totum pela America do Norte.

Maximo Gorki acaba de deixar Leningrado para fixar residencia na Sicilia, devido ao estado de fraqueza de seus pulmões e exigencias medicas.

A Academia Franceza achava-se em guerra aberta contra o Museu do Louvre. A questão parte da celebre *porta* que dava accesso á sala de sessões da Academia, no Museu "Des Archives Nationales". A Academia havia reclamado tal porta, do governo, que já estava disposto a entregal-a, quando o Museu do Louvre achou que ella fazia parte do patrimonio historico da França e tambem a reclamou. A questão foi levada ao Conselho Nacional dos Museus para ser julgada.

Foi distribuido pela Academia Franceza o novo fasciculo do seu grande diccionario, contendo 192 paginas e attingindo da lettra C a D. Eis as palavras que figuravam na ultima edição, e que agora foram supprimidas da lingua (!): *Czar*, *Czarine*, *Capitan-pacha*, *Caraque*, *Carbonaro* e *Carbonarisme*, *Damoisel* — e *Demoiselle*, *Caveau* (no sentido de café litterario). Entre os termos novos figuram todos os concernentes a "Automobilisme", taes como: *Capot*, *Carburateur*, *Capoter*, etc., bem assim: *Capitaine-aviateur*, *Capitaine* (onde havia antes *Capitaine de Carabiniers*), *Coup-circuit*, *Daltonien*, *Daltonisme*, *Dactylographe*, *Dactylographie*, *Coupe-papier*. *Capitalisme* (*ensemble des capitalistes*) *Caporal* (fumo), *Cendrier*. Si a palavra *Chahuter* não foi admittida, em compensação a Academia adoptou *Chahut*, declarando-a já muito familiar para ser recusada. O decreto mandando reconhecer o novo fasciculo da Academia como introduzido "en reforme" na lingua franceza, deverá sahir por estes dias proximos.

O editor Arman Collin vem de lançar com enorme successo uma nova collecção intitulada "Ames et visages" (*biographie romancée*). Os dois primeiros volumes apparecidos são: "L'Education sentimentale de Goethe", por Robert d'Harcourt, e "Baudelaire", por Ernest Seillière, que obtêm um ruidoso exito de imprensa e de venda.

Uma grande casa de antiguidades de Londres annuncia a venda, brevemente, em leilão, de um manuscripto de Byron. Trata-se de 16 poemas feitos pelo grande poeta inglez no dia em que soube da abdicação de Napoleão, em 1814. Esse mesmo manuscripto foi vendido já em leilão, em 1910, pela somma de 320 libras, a um americano.

Acaba de morrer em Paris Victor Bérard, considerado o maior traductor, em lingua franceza, da *Odysséa*, de Homero.

Livros que acabam de apparecer

— «Zorka», de Franz Toussaint. (Alb. Michel, edit.).
— «Seul sous la terre», de Victor Goedorp. (Editions Porteques).
— «Les Metamorphoses», de P. Very. (N. R. F., ed.).
— «Le dernier feu», de Marie Borrely. (N. F. F., ed.).
— «Le Crime d'un Fiancé», de Pierre Mariel. (S. E. T., editor).
— «Amour de poëte», de Jean Mauclaire. (S. E. T., editor).
— «L'amoureuse masquée», de Marcel Priollet. (S. E. T., editor).
— «Carmen vendue», de Marcel Priollet. (S. E. T., editor).
— «Princesse du cinema», de Marcel Priollet. (S. E. T., editor).
— «La Chaumière aux caresses», de Marcel Priollet, (S. E. T., editor).
— «Le Quai d'Orléans et L'Ile Saint Louis», de Marius Borsiou. (Firmin Didot et C., editores).
— «Borgia», de Klabund. (Flammarion, editor).
— «Comme un homme», de André Salmon. (Falguière, editor).
— «La maison des Confidences», de Henri Duvernois (successo, — E. Flammarion, editor).
— «La Guerre vue par un paysan», de Albert Jamet. (Albin Michel, editor).
— «Petard», de Henri Lavedan (grande exito. Albin Michel, editor).
— «Vie prodigieuse de Victorien Sardou», de Georges Mouly. (Albin Michel, editor).
— «A la derive», de Léo Perutz (traduc. — Albin Mitchel).
— «Le Carnet d'un soldat russe», de Oskine. (Albin Mitchel, editor).
— «Contes pour eux», de Annette Godin. (Ed. Renaissance P.).
— «Poemes a l'etrangère», de Henri Mugnier. (J. Budry & C.°, editores).
— «Zouaves», de René Clozier. (A. Redier, editor).

Mme. Adrienne Thomas, uma allemã do antigo "Reichsland", acaba de publicar, em Berlim, um livro que é dado como continuação do A Oeste nada de novo, intitulado *Die Katrin wird Soldat* (Catharina soldado), e que, segundo a imprensa allemã, attinge a maiores proporções de venda que o romance de Remarque. Essa obra já foi adquirida pela Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha.

Merrimée, o celebre escriptor francez, manteve, no periodo de 1837 a 1857, correspondencia com Mme. Delessert, sua amiga intima e confidente. Os biographos do grande escriptor affirmavam que essa amizade não teve consequencias. Em vão, por toda a França essas cartas foram procuradas, chegando-se á conclusão de que tinham sido devolvidas ao seu autor e que se haviam queimado em um incendio occorrido em sua casa. Conclusão advinda de uma carta de Merrimée á condessa de Montijo encontrada ha pouco. Agora, com grande surpreza para o mundo literario francez, Pierre Loewel acaba de encontrar uma dessas cartas, em que se descobre que Mme. Delessert chamava Valentine; era filha de um "aide de camp" de Louis Philippe e membro do Instituto, pelos seus notaveis trabalhos de archeologia e que foi, verdadeiramente, amante, de Merrimée, nunca lhe tendo devolvido taes cartas. Lowel conclúe que Merrimée mentiu devido á situação de sua amada!

Shelley escreveu, de uma feita, não um poema mas um pamphleto politico relativo á Irlanda, que tinha o seguinte titulo: "Propositions pour une Association des Philantropes qui, convaincus que l'etat moral de l'Irlande ne correspond pas á son état politique et ne peut produire par consequence les bienfaits qu'il est neanmoins possible d'obtenir, sont desireux de s'unir pour accomplir sa régéneration". Esse pamphleto foi apprehendido e mandado destruir pelo governo. Até hoje só se conheciam 2 exemplares existentes, salvos da catastrophe. Um outro vem de ser descoberto na Irlanda.

Comptom Makensie, autor de varias peças de grande exito em Londres, foi escolhido pelo governo inglez para realizar uma obra dramatica em que o principal personagem seja Walter Scott, cujo centenario de morte será commemorado este anno, na Inglaterra. Essa peça será representada no Grande Theatro de Edimburgo e faz parte do immenso programma de festejos que realizará o governo inglez.

E' sabido que, durante a retirada da Russia, em 1812, Stendhal perdeu um grande volume de manuscriptos e notadamente um importante fragmento do seu "Journal Intime". Annuncia-se, agora, que Vinogradow, homem de letras, acaba de descobrir, nos archivos de policia, um embrulho contendo um grande numero de manuscriptos de Stendhal, relativos á campanha franceza na Russia, no tempo de Napoleão. Esse embrulho, affirma a noticia, foi perdido em 1812, por occasião da retirada, mas, nunca os historiographos russos quizeram admittir que os escriptos de Stendhal haviam sido perdidos na Russia. Esses manuscriptos serão publicados pela imprensa official do Estado Sovietico, em dois volumes, primeiramente no original francez e, depois, em uma traducção russa.

Organizou-se na Polonia, sob a presidencia do millionario e professor de letras classicas Ziolinsky, uma sociedade que se propõe promover o emprego do latim como lingua internacional para a politica, a sciencia e as relações intellectuaes dos povos.

Livros que acabam de apparecer

— «Le Fauteuil de Clemenceau», de Madelin et Chaumeix. (Plon, editor. Successo).
— «Quand Israel aime Dieu», de Jean de Menasce. (Plon).
— «Une blanche chez les noirs», de Madeleine Poulaine. (Tallandier, editor).
— «Heures Andalouses», de Marguerite Bolanachi. (Baudinière, editor).
— «La guerre des ailes; leur dernier vol», de Jacques Mortane. (Baudinière, editor).
— «Les mots inutiles», de R. L. Levêque. (A. Messein, editor).
— «Indiscretions et curiosités sur l'Italie», de Henry Aubert. (A. Messein, editor).
— «L'Evadé», de Stephane Manier (Denoel et Stelle, editores).
— «Henri III», por Guy de la Batut (collecção «Os amores dos Reis de França contados pelos seus contemporâneos). — Successo. — (Edições Montaigne).
— «L'Amerique inattendue», de André Maurois. (Grande successo. — Edições Mornay).
— «Les réprouvés», de Ernst von Salomon. Traduc. (Plon, editor).
— «L'Art cosmique et l'œuvre musical de Rita Strohl», de Carlos Larronde. (Denoel et Stelle, edits.).
— «Mes cahiers» — 4.º tomo, 1904-1906, de Maurice Barrês. (Grande successo. Plon, editor).
— «A bord du Goeben» (1914-1918), por Georges Hopp (traducção do allemão. — Payot, editor).
— «Les coureurs de mers», por M. E. Keble Chatterton. (Payot, editor. Trad. do inglez).
— «A Travers L'Indo Chine», de Hermann Norden. (Traducção do inglez. Payot, editor).
— «L'Oscillation Cellulaire», de Georges Lakhovsky, medico. (G. Doin, editor).
— «La Paix en Peril», de Jacques Kayser. (Gallimar, editor).
— «La nuit du 12 au 13», de André Steeman. (Masque, editor).

A MORTE DE NORA

BATERAM na porta. Era o mensageiro.

— Telegramma!

O despacho dizia:

"Nora morreu. Ambas te maldizemos, miseravel!"

•

EM Moscou, no appartamento de Eugenio Eugenievi, reinavam majestosamente o mobiliario de luxo, uma ordem severa e o silencio. A primeira das habitações era destinada ao studio, e o conjuncto dava a impressão de um lar installado em toda a regra para uma familia de bôa posição social e gostos caseiros.

No studio, a secretária estava collocada sob o *abat-jour* de bronze, que derramava uma suave claridade. Sobre a mesa havia um esplendido tinteiro, em fórma de naiade, tambem de bronze. No divan estylo "Paulo I", transformado em cama, agonizava Nora Grigorievna. As cortinas protegiam o silencio. Outra luz ardia em um candelabro artistico, junto ao divan, entre frascos de remedio. Além disso, no mesmo logar, ostentava seu fino trabalho de arte uma campainha do tempo de Alexandre I.

Nora Grigorievna estava, só. Havia fechado os olhos. Um tranquillo silencio pairava sobre o studio, na noite immovel. Nora Grigorievna estava tambem immovel, bella, tranquilla. Lentamente, extendeu um braço, poz a mão na campainha e, com grande esforço, a fez soar, sem abrir os olhos.

Sofia Grigorievna entrou, nesse momento, na cámara, procurando abafar o rumor de seus passos. A irmã mais velha parecia muito mais extenuada e agitada do que Nora.

— Chamaste? — perguntou.

— Sim. Estou morrendo, Sofia. Sinto que a morte me penetra.

A vóz de Nora era como um profundo murmurio que sahia de seus labios entreabertos.

— Já não sou deste mundo — ajuntou. — Penso sem emoção que foi esta a ultima vez em minha vida — repetiu a palavra com intenção — em minha vida, que toquei a campainha.

O rosto de Nora permanecia sempre sereno. Não abria os olhos. Apenas movia os labios.

A irmã não respondeu. Dobrou o corpo e retorceu a bocca, de dôr. Depois apagou a luz do candelabro, e a suave claridade do *abat-jour* aprofundou ainda mais o sereno rosto da moribunda. Nora sorriu imperceptivelmente.

— Chama Eugenio — sussurrou — Sinto que chegou.

— Não não está — respondeu Sofia. — Partiu para Colonia a negocio.

Sofia desviou a vista do rosto da enferma, e deu alguns passos pelo recinto, demonstrando o mais intenso desespero. Dirigiu-se á mesinha dos remedios, pondo em ordem alguns frascos, recommendados com maior urgencia pelo medico. A um novo murmurio da enferma, voltou a occupar seu logar junto ao leito. Aproximou o ouvido dos labios de Nora, que então sorria... A moribunda falava com vóz que mal se ouvia:

— Tudo é terrivel a primeira vez. Estás me ouvindo, Eugenio? Foste tu quem o quiz. A culpa é tua. Que fizeste, Eugenio, que fizeste? Não me amas. Poderias, acaso, amar-me?... Envergonho-me deante de Sofia. Envergonho-me deante do mundo inteiro. Dormias e eu te despertei, depois de te haver chamado longo tempo...

Sofia aproximou ainda mais o ouvido. Nora delirava:

— Tu, Eugenio, dizias que a virtude, a fidelidade, a justiça, tudo precisa de sentido deante da morte. Não. Enganavas-te perante os vivos, perante Sofia e teus filhos. Foi uma infamia o ter confiado em ti. Bem conhecias meu mal; sabias que era incuravel. Commetteste uma villania, Eugenio, meu amor! E' uma infamia que eu ainda pense em ti. —

Sofia exclamou:

— Estás delirando, Nora! Que disparates estás dizendo!

Nora abriu os olhos. Seu olhar era tranquillo, seguro, penetrante.

— Não. Não deliro, Sofia — disse, com vóz firme e dura. — Morro, Sofia, e não deliro. Ontem, Eugenio Eugenievic se apoderou de mim. Agora imaginarás o que quero dizer. Não me enver-

Primeira dactylographa. — Que tal é o novo chefe?
A segunda. — Ai, querida! Si ouvires o barulho de dois cachorros brigando, é elle que ri...

DE BORIS PILNIAK

gonho por mim. Eu terminei. Receio por tua vida, Sofia, por tua honra. Elle é um malvado e um ladrão. Dize-lhe que é um miseravel. Receio por ti. E's tu quem fica em perigo.

Nora fechou os olhos, perdendo a respiração. Na meia noite não se ouviu o mais leve rumor. A luz do *abat-jour* espalhava uma claridade de além-tumulo. Nora havia morrido. Sofia reclinou a cabeça sobre o peito da irmã, que não mais fallaria.

* * *

Quando Sofia recuperou o dominio de sua vontade, resolveu, antes de tudo, passar um telegramma, que redigiu e levou pessoalmente á agencia telegraphica. Fóra, cahia a chuva, o asphalto reflectia as casas e deante desse reluzente espelho Sofia tinha a impressão de que deslisava entre sombras de outro mundo. A chuva, cada vez mais copiosa, envolvia Moscou em uma cortina de agua. Os alto-falantes cantavam com som estridente um hopak russo.

A morte! Havia cahido em suas garras um delicado ser humano, que fôra noutro tempo a pequena Norinha, alumna depois do Lyceu, do Conservatorio de Moscou, applaudida actriz de theatro. Infancia feliz, juventude virginal! Aos dezesete annos cahiu Nora Grigorievna nas garras da Morte! Obtivera a medalha de ouro no Lyceu e fizéra o melhor exame no concurso de admissão do Conservatorio. Commoveu no theatro desempenhando papeis de primeira actriz, e conheceu a embriaguez dos primeiros applausos.... Depois lhe occorreu o inevitavel: o primeiro beijo, o primeiro abandono... Tudo, tudo isso já não era nada...

E quando um ser humano morre em Moscou, é levado ao Convento Novo Dievici, em Vagankovo, onde se lhe da sepultura, ou o conduzem ao Convento Doukoi, onde o incineram no forno crematorio. E' ali, no crematorio, que o ser humano deve fazer as ultimas contorções. A dois mil gráos Reaumur, as pernas se retorcem, sobem as mãos ao pescoço, a cabeça se volta para as costas.... Si um vivente olha o effeito que produzem os dois mil gráos Reaumur, cedem seus nervos, os cabellos se lhe arrepiam...

Nora Grigorievna foi levada ao Convento de Vagankovo. Era uma bella flôr humana! Primeiramente uma criança, depois uma joven, uma mulher, a actriz Nora Grigorievna, que personificava a alegria deste mundo, o triumpho da vida, a belleza, a graça!

AS ULTIMAS INNUNDAÇÕES — Aventura galante de um carioca amavel...

O SABIÁ' DE YTAPEMA

Conto de

Alberto Carlos de Assumpção

QUEM passasse, de agosto a dezembro, pelas margens silenciosas do rio Tietê, no estirão das vaúnas, onde a agua parece dormir sempre sob as copadas amarelas dos ingazeiros em flôr devia ouvir, no alto da colina que lhe fica á cavalleiro, um canto de inexpremivel doçura, mixto de queixas e madrigaes, de supplicas e promessas... vózes que se assemelhavam a soluços mas que falavam á alma como melodias em concentos de anjos pelos céos. Era o canto do famoso sabiá do Ytapema.

Desde annos que andavam por lá em romaria, com todos os apetrechos que a perfidia humana engendrou, na sua faina de lograr e seduzir, para uso e gozo de seu famigerado egoismo, turmas e turmas de caçadores impiedosos, que a viva força queriam encarcerar em uma misera gaiola o mavioso cantor daquella encantadora colina. Mas, mercê de Deus, tudo conspirava contra esse attentado inaudito, pois o cantor do Ytapema não era como os demais sabiás, rixoso e ciumento de seus dominios.

Qualquer peito vermelho podia por lá passar, estar á vontade, cantar até, sem soffrer por parte de seu nobre morador o menor constrangimento. Dahi a impossibilidade de caçál-o, porque nunca se aproximava de uma negaça. Cantava, cantava sempre, para ogerisa de seus perseguidores impenitentes e para a justa alegria dos que, como nós, sentiam todas as delicias em ouvil-o, mas lá mesmo, naquella matta banhada dos ultimos raios de sol, quando ja as sombras da tarde envolviam o silencioso estirão.

Nessa hora, absortos, enlevados na contemplação daquelle panorama, ouviamos a melodia de tão extraordinario canto, recostados nas poupas das canôas presas nos remansos, entre murmurios leves de agua e sussuros de azas de beija-flôres e abelhas que se recolhiam dos ingazeiros em flor.

E foi-se dilatando a fama do Sabiá do Ytapema, em torno do qual se formaram lendas que tinham cada uma a vida intensa de seus grandes quadros de dôres e martyrios. A que mais impressionava nos foi narrada, uma vez, pela velha Lucrecia, antiga escrava daquella fazenda, e que então habitava uma cabana, restos de antiga senzala, e que assistira, cheia de piedosa consternação, ao desmoronamento do velho solar dos seus antigos senhores:

"Esse não é sabiá cumo os otro não, meus Branco., mais é a alma de Sinhasinha, filha de Sinhô Grande, que anda pelo mundo pra cumpri um fadario. Essa menina, — continuou ella, na sua lingua caracteristica, — morreu num dia de grande festa que Sinhô deu pra esperá o noivo della que vinha do Rio de Janeiro.

"Sem se sabê pruquê nem di quê, a menina, que tava tão alegre, tão contente, pegô si q... de um dô di lado. ... mais garrô chorá, de c... ro virô em grito, e ... hove geito nem arru... ção — ante da noite ... xá Sinhasinha tava m... ta. Foi um dia de ... meus brancô; Sin... descabelado, feito lo... abraçado na filha. C... rava como um perdi... Nois tudo chorava, ... tos e brancos, em ro... da cama de Sinhasinh...

O Dôto, quando chef... ja era tarde. Elle só p... guntô o que é que e... teria comido ou bebi... ante de ficá doente, d... ccnfiado que não fos... prahi algum vene... Nessa hora, Joaquin... mamã da menina, um... peste de negra (que De... me perdôe!. .magino q... a casião era bôa de bo... no fogo uma pobre rap... riga de nome There... mucama da caza, só pr... que Sinhô tinha manda... do corrê os pregão do c... samento della cum rapa... de nome Julio, page ... estimação da fazenda, ... que a diaba da negra v... se gabava (não fartan... o respeito de vois mice... que era o malungo dell...

A fiticêra foi arran... escondido suas coisa... di noite chamô sinhô... levou devasinho na sa... zala di Thereza. Entr... na cusinha, levantô o ... lão e mostrô um ma... de foia seca, mistura... cum aza de bizorro, ... co de tatú-etê, barb... bóde preto e uma pro... de mandinga que a p... mesmo tinha butado ...

"Sinhô, o pobre ...

era máu de tudo, mas não tinha estudo, era muito atrazado e naquelle desespero, não entrô em mais indagação. Mandô logo butá no tronco aquella infeliz, tão bunitinha e tão bôa, chamô pra carrasco um negro beiçudo por nome Timoteo, que tinha o pescoço e as munheca que nem toro, uns braço que nem minjarra de engenho, e encommendou cinco dias de castigo, 25 açoite de menhã e 25 de noite! Calcule Voismicêis a dor, a vergonha, os padecimento dessa pobre rapariga, tão briosa que nunca tinha mostrado as perna nem prum branco, soffrê aquelle castigo descomposta adiante de um negro catingudo quinda por riba estraçaiava o corpo della sem dó nem piedade! No fim de quatro dia de tronco, ninguem ovio mais os grito di Thereza quando apanhô de minhã, e quando foi di noite, regulando hora de ceia, vieram chamá Sinhô que a pobresinha tava pra morrê. O véio ficô que nem uma frô de argodão, e correu na sala do tronco. Chegô na porta tremendo. Timóteo tava di pé cos braço cruzado e o bacaiáo impastado di sangue pendurado das munheca.

Thereza então falô baixinho cumo quem já falava da sepultura. "Sinhô! eu morro innocente cumo Deus tá nu céo! Se não acredita em mim nem na hora de minha morte, escuite o canto do Sabiá da larangêra. Elle vai cantá e quem ovi o canto delle com o coração em nosso Senhô Jesus Christo, ha de tê uma lagrima pra pobre di Thereza que tanto padeceu innocente."

Nessa hora de uma noite tão escura, o Sabiá principiô a cantá, primero, baixinho, e foi crescendo e foi crescendo... ói, meus brancos, — disse Lucrecia, emocionada, — quando u sabiá parô di cantá, nois tudo tava di juêio, rezando, e quando Thereza deu o ultimo suspiro, Sinhô deu um grito, e cahiu por riba do corpo daquella mucama que elle não sôbe defendê da peste de Juaquina. Carregaram o véio no canapé da sala grande, tudo sujo do sangue daquella criatura de Deus, e pincharam os caco di Thereza tão linda, tão boasinha, no fundo de um banguê e mandaram no mais pro sumiterio! Quando foi regulando meia noite desse dia tão triste, o Julio, que tava pra casá cum Thereza, e mais os dois irmão della, o Gerlado e o Valentim, amarraram o Timoteo cca Juaquina no portão do terrêro, encastuaram bem a boca di zele pra não gritá, e surraram cum bacaiáu de arame inté matá. Quando a barra do dia vinha vindo, garrarum o mato e nunca mais si sobe dos rapais.

"D'ahi pra cá, fais mais de quarent'ano que o resto dessa fazenda de tanto baruio, tanta riqueza, tanta escravatura, é uns esteio tudo penso, e aquelle rancho escorado e esburacado de sua negra véia Lucrecia, mas n'aquelle capuerão que mecêis tão vendo lá em riba, canta até hoje tudas as Ave-Maria que Deus dá, esse que tudo o mundo cunhece por *Sabiá do Ytapema*."

CARTAS EM GREGO

DE ADONAI DE MEDEIROS

Minha amiga. — Conta Malba Tahan a pilheria levada a effeito por certo murgo-mestre com humilde frade, mui piedoso e credulo da affirmativa *um minuto para Deus equivale a cem annos para nós mortaes*, tendo, para esse fim, aproveitado a ausencia do pio ecclesiastico e a visita de amigos seus ao castello para, escondendo-se e aos seus, dar feição nova ás salas e á indumentaria dos actores. Volta o sacerdote e, pasmo ante tudo novo para elle, ao mesmo tempo considerado estrangeiro para os novos habitantes da fortaleza, ajoelha-se, dando graças ao Altissimo pela mudança passada. Tal foi o sentimento de que se possuiu, que os personagens da brincadeira, attonitos, correram á cata do senhor do feudo. Para esse arrogante e increu a phrase se consummára, durando a farça o periodo de um seculo! Elle estava encanecido!

E' mais ou menos assim a lenda. A memoria foge-me.

Pois, minha amiga, sua carta veiu lembrar-me esse episodio, o qual julgo passado commigo, tal a semelhança do intento irmanando a minha pessôa á do altivo proprietario feudal. As cans vieram pratear-me os cabellos e a clemencia divina, poupando-me, veiu dar-me ua morte acabrunhante; e você, o bom religioso, genuflexa ante a grandeza e gloria de Jehovah, entôa hosannahs a Elle por lhe ter dado o magico encontro de uma creatura desconhecedora do genio saxão dos donos de burgos da Idade Media...

Essa a fatalidade de quem brinca com o Amor... A mim, cigano, me está reservado o vagamundear... e seguirei o meu destino. A você carinhosa, o lar, um amantissimo esposo e aquillo que a burguezia classifica de ventura: os filhos. Neste ponto sou aristocrata. A luta pela vida ensinou-me o egoismo; não quero que outros venham soffrer a delicia da minha miseria. Ha na nossa descrença no destino a intenção de lhe confiarmos o futuro. A certeza é a maior duvida que nos suggere o isolamento. Quando sós é que mais nos sentimos acompanhados, emquanto que uma companhia sempre nos isola. Nada mais triste que a Felicidade, minha amiga; a sua ainda o é mais que a da sua amiga, invejosa, e eu, cujo incerto porvir me obriga á aventura sorvendo o Amor dos chafarizes publicos, considerado um miseravel, sou mais feliz do que si tivesse conhecido a Felicidade. Ha quem, prendendo-se nas teias do casamento, abra as portas da liberdade... Ha quem, liberto das tramas do Amôr, morra preso ás suas cadeias. Você me cortou as correntes que me prendiam, e eu fiquei preso aos grilhões do seu sacrificio. Sendo sublime o gesto, é odioso o resultado. Rica de virtudes como é, você mostrou-se pobre de idéal. Eu, mendigo de carinhos, exhibo-me rico de desprezo. A creatura que encontrou no auge do seu enthusiasmo não a veria em occasião outra. Essa a verdade...

A licção das coisas aproveitamos nós na velhice; emquanto moços nos é licito o praticar loucuras e muitas tenho eu feito, para um arrependimento tardio. O que lhe fiz, nada foi ante as consequencias que hoje as pago com maior juro e menor credito...

Nós temos na existencia uma coisa inexoravel, dentro do relativo do juizo: é o nosso *Eu*, que não é a propria pessôa, mas o conjuncto de circumstancias que a envolve.

De tudo isso resalta, flagrante, que quanto mais procuramos o Amor, mais delle fugimos, e quando batemos em retirada vamos atraz delle.

Eu estou no caso...

Beijo-lhe as mãos, admirador.

O que se deve saber

A COCAINA

Se as grandes descobertas que nos beneficiam não tivessem o seu reverso prejudicial, a missão do investigador, do sabio, seria cheia somente de encantos. Infelizmente, assim não acontece. Nobel, inventando a dynamite, tão util nas explorações mineiras, na abertura de tuneis e canaes, contribuiu tambem, com o seu genio, para o poder destructivo e horrivel das guerras modernas. A chimica, que tão maravilhosas e uteis creações tem realizado, creou tambem os odiosos gazes asphyxiantes e, em suas applicações therapeuticas, alguns alcaloides, hoje insubstituiveis e efficacissimos na luta contra a dor, mas que deram origem a novas pragas, a novos vicios da humanidade, como o cocainismo, o etherismo e o morphinismo.

E' assustador o coefficiente de seres embrutecidos, imbecilisados e inutilizados por tão terriveis vicios.

A cocaina estende seus tentaculos por todas as classes sociaes, graças a uma infinidade de pessoas sem escrupulo que fazem della um lucrativo e criminoso commercio, espalhando o "pó da morte" entre os viciados, apesar da formidavel campanha que em todos os paizes se vem fazendo contra esse perigosos traficantes.

A cocaina é um alcaloide extrahido das folhas de um arbusto cultivado, actualmente, em grande escala, no Perú e na Bolivia, cujos indigenas usam essas folhas como estimulante, sempre que teem de fazer grandes caminhadas.

Apsar de ser a America seu *habitat* original, esse alcaloide é, hoje, extrahido em grande maioria de uma variedade de coca procedente de Java, que, junto á cocaina, contem outras substancias que facilmente se podem nella transformar. A substancia basica é a ecgonina, inoffensiva em si e que se transforma em cocaina por um processo que, em chimica, se conhece por metrilação e benzoilação.

Applicada na anesthesia local, a cocaina é uma droga bemfazeja e, graças a ella, as extracções dentarias se fazem sem dor alguma, e outras operações de pequena cirurgia podem realizar-se sem soffrimento para o paciente.

Recentemente introduziram-se no mercado alguns substitutos da cocaina, a preço mais baixo do que esse producto natural.

Os symptomas pathologicos produzidos pela cocaina nos viciados manifestam-se, a principio, por excitação nervosa, hypertremia, impotencia mental e completa abulia. O enfermo manifesta uma actividade desordenada e grande loquacidade, escrevendo de um modo diffuso e incoherente. Perde as noções mais elementares de asseio e regularidade na conducta, abandonando o trabalho e chegando á mais completa miseria. Oscilla, então, seu caracter entre uma alegria sem limites acompanhada de irritabilidade e de uma secreta angustia com relação aos sentimentos moraes.

A ULTIMA FALTA

A conducta de Felicia teria que determinar, fatalmente, a resolução tomada pelo marido: o abandono do lar. Nem mesmo a existencia de um filho conseguiu refrear o procedimento da adúltera. Os annos decorriam e Felicia, á proporção que o filho crescia, mais e mais se habituava á vida de desregramento a que se entregára, indo de quéda em quéda, até o olvido de tudo.

.. ..

Vinte annos são passados e a creança se fizéra homem. Vamos encontrál-o em plena Faculdade de Medicina, cursando o ultimo anno.

Estudante distincto, desfructando grandes amizades no seio da alta sociedade, o doutorando sentia-se diminuido ante si mesmo, todas as vezes que se lembrava do proceder indigno de mãe. A conducta desta era um sério entrave á realização completa do ideal de Pedro, que, não raras vezes, se sentia humilhado quando alguem lhe perguntava por sua mãe. Tal situação não podia continuar sem graves prejuizos moraes e materiaes para o doutorando, pois os commentarios desfavoraveis se avolumavam dia a dia. Foi examinando a sua posição deprimente ante os collegas e pessôas de suas relações, que Pedro resolveu tomar uma attitude energica e resoluta, capaz, por si só, de terminar de uma vez para sempre com aquella situação desairosa e aviltante.

Naquella tarde, terminados que foram os seus affazeres, dirigiu-se immediatamente para casa. A sua chegada áquella hora, contra os seus hábitos, despertou a attenção de Felicia, que, julgando-o enfermo, foi logo ao seu encontro, assaltando-o com um milhão de perguntas.

Pedro, respondendo quasi irritado, recolheu-se ao seu aposento, trancando a porta por dentro, immediatamente. Essa atitude poz Felicia em sobresalto, pois nunca o filho tivéra um gesto que não fosse gentil, meigo.

Depois de longa meditação, a sós, o joven resolve que seria naquella mesma noite que elle faria ver á sua mãe o quanto o humilhava e prejudicava o seu proceder incorrecto.

Isso deliberado, faltava-lhe, entretanto, uma opportunidade para tratar do assumpto, pois se sentia sem coragem para abordál-o: além de escabroso, era tambem delicadissimo, dada a sua condição de filho e filho unico e querido.

As torturas moraes por que passou foram indescriptiveis, pois sentia que, si o amôr filial era grande, grande tambem era o dever, e, sobretudo, a necessidade que tinha de acautelar o seu futuro, cujo successo poderia periclitar, si perdurasse aquella situação vexatória.

Revestindo-se, porém, de uma coragem superior ás suas forças, Pedro chamou a mãe ao seu quarto, e, logo que esta o attendeu, entrando, elle trancou a porta. Felicia, que havia accorrido, pressurosa, ao chamamento do filho, ao defrontál-o, estacou. Elle se apresentava pállido, trémulo, numa agitação febril, que denunciava o seu soffrimento. Ao vêl-o nesse estado, ella, tomando-lhe as mãos, perguntou-lhe, afflicta:

— Tú soffres, meu filho?

— Sim, minha mãe, e muito...

— Quem te faz soffrer, filho querido?

— Tú, minha mãe!...

— Eu, filho?!...

— Sim, minha mãe; mas, é melhor conversarmos, pois te chamei para tratar do motivo que me causa tamanho soffrimento. Senta-te aqui, nesta cadeira, bem junto a mim e ouve-me sem me interromper.

— Minha mãe, eu te devo a vida, o que sou e o que serei dentro de breve tempo. Foste tú, tú só, que me criaste e me educaste. Foi graças a ti, ao teu esforço pessoal, que eu consegui chegar até o ultimo anno da Faculdade de Medicina. Não conheci meu pae e tú sempre me disseste que elle morreu quando eu era ainda pequenino. Ora, minha mãe querida, isso não é verdade. Perdôa-me a franqueza com que te falo, mas, a tanto sou obrigado. Meu pae não morreu, como disseste; elle te abandonou, porque tú não te portavas bem. Segundo estou informado seguramente, continúas a proceder desse modo, enganando-me quanto á procedencia das tuas rendas. Sabes, minha mãe, da posição que desfructo na Faculdade, entre os meus collegas e mestres, e mesmo fóra della, entre as pessôas de destaque social. Tenho observado, com pesar, que nunca me pedem que te leve ás festas e reuniões para as quaes sou constantemente convidado. Isso, evidentemente, tem uma causa por certo grave, e, esta é, sem duvida, o teu proceder incorrecto. Sei do muito amôr que me dedicas, capaz até do maior dos sacrificios. Pois bem; é em nome desse mesmo amôr, que te peço, genuflexado aos teus pés, que abdiques dessa vida de vergonhas e de humilhações; que te entregues exclusivamente ao culto do amôr que me

Orlantino Loredo

consagras e ao governo da nossa casa. A partir deste instante, quero eu, sozinho, encarregar-me de todas as despesas; o que eu ganho com as minhas lições e com o internato na Casa de Saúde dá perfeitamente para os nossos gastos, modestos, como somos.

Felicia, durante todo o tempo em que o filho falou, conservou-se callada, mas, ao cabo de alguns instantes, as lagrimas corriam-lhe pelas faces, augmentando quando Pedro, entristecido por lhe ter falado assim, a beijou demoradamente.

Não foi sem grande custo que Felicia poude responder, dizendo-lhe:

— Pedro, reconheço que tens razão e é justo que eu attenda ao teu pedido. Nem de outro modo poderia eu proceder, em se tratando de ti, vida da minha vida! O meu grande amôr por ti, filho querido, não mede sacrificios e, si preciso fosse, daria a minha vida em holocausto, para seres feliz... E' facto, meu filho, que, por tua causa, para poderes ser feliz um dia, eu tenho levado a vida triste que tu sabes. Nunca dei margem a que o suspeitasses, para evitar-te um desgosto, para que não soffresses... Já agora, que tudo sabes e que me falas dessa maneira, eu te prometto, tambem, de joelhos, meu Pedro adorado, que serei a mais honesta das mulheres. Serei digna do teu amôr, saberei honrar o futuro medico que vaes ser...

As ultimas palavras, Felicia pronunciou-as entre soluços e banhada em lagrimas copiosas.

Pedro, tambem visivelmente emocionado, ergue-a do chão e, abraçando-se á sua mãe, beijou-a sem pronunciar uma palavra que fosse.

Decorridos alguns minutos, ambos se encaminharam para a sala de jantar, e tomando logar á mesa, tentaram comer, o que não conseguiram. Os dias decorreram e, pouco tempo depois, Pedro se viu a braços com serias difficuldades para obter a sua these, que se achava a imprimir, e sem a qual não poderia collar grão.

Depois de innumeras tentativas infructiferas, recebeu a mesma da typographia, sem a menor despesa. Surpreso com essa attitude inexplicavel do proprietario da typographia, que, na vespera, se recusava attendêl-o, Pedro foi procurál-o e quiz saber quem havia pago a impressão do seu trabalho.

Declarou-lhe o negociante que a pessôa que havia ordenado a entrega do serviço exigira de sua parte absoluto segredo.

Pedro insistiu e, a muito custo, obteve a promessa de que, após a sua formatura, saberia quem era o protector anonymo.

No dia designado, o rapaz collou grão, havendo, para commemorar tal acontecimento, uma festa que os novos medicos organizaram.

Em meio da festa, Pedro descobriu o dono da typographia e, incontinenti, dirigiu-se a elle, accentuando-lhe que já estava formado e que, de accôrdo com a promessa feita, era chegado o momento de saber quem havia pago a impressão da sua thece.

O negociante tentou ainda esquivar-se ao assumpto, mas, deante dos termos categoricos de Pedro, não teve outro remedio sinão dizer-lhe a verdade. Esta foi tão dolorosa, que o joven se tornou pallido, e por pouco não desfalleceu.

Recobrando o animo, Pedro abandonou a festa sem mesmo se despedir de qualquer pessôa, e rumou para casa.

Quem o visse durante o trajecto, julgal-o-ia um louco, tão desordenados eram os seus gestos, tão esquisita a transfiguração do seu rosto...

Chegado á casa, Felicia, que já se encontrava recolhida ao leito, despertou, mal ouviu o filho, e foi ao seu encontro, alegre, procurando beijál-o.

Pedro, com um gesto brusco, repelliu-a e soltou uma imprecação...

Felicia experimentou a sensação de uma descarga electrica e apenas poude exclamar:

— Pedro!...

Este, num impeto, atirou-se á mãe e, segurando-a fortemente pelos hombros, perguntou-lhe:

— Lembras-te do juramento que fizeste? Que valor tem elle? Promettestes-me que serias honesta, que me saberias honrar, e, agora, no momento em que chega a hora triumphal da minha alegria, tú, miseravelmente, reeditas o teu passado asqueroso, volves á lama em que viveste longos annos!... Julgas ainda que eu sou um menino?...

— Meu filho, soubeste, não por mim, que, por tua causa, para te criar e te fazer homem, eu fui uma mulher deshonesta... Foi o meu grande amôr por ti que me forçou a tanto... Ainda agora, depois de jurar que me regeneraria, — o que, de facto, fiz — precisei ir em teu auxilio, sem o que não poderias ter defendido a tua these...

— Por isso commetteste mais outra falta?...

— Foi a ultima falta, meu adorado Pedro!...

CÃES

De MICHEL ZAMACOIS

A scena se passa no dia de recepção da sra. X...

Sra. X. — Oh! Trouxe o seu amor de luluzinho da Pomerania?... E' uma gracinha!

Sra. Y. — Não acha? Chama-se Bridge. Trouxe-o para que faça uma visitinha ao seu amigo Spott... Onde está elle, entretanto, querida amiga, o seu encantador fox-terrier?

Sra. X. — Mas está na Exposição Canina!

Sra. Y. — Que horror! Como? Consente sepa rar-se do seu animalzinho, enviando-o para essa horrivel exposição?

Sra. X. — Oh! Está com a sua Miss., que não o larga!

Sra. Y. — E' o mesmo; nunca me resolveria a ver o meu Bridge desencaminhar-se entre uma sucia de cães a tôa!

Sra. X. — Mas saiba que a Exposição Canina é o que ha de melhor! Spott tem por vizinho de gaiola o havanez da marqueza V..., o cãozinho japonez do grão duque M... e o galgo russo de um addido da embaixada japoneza.

Sra. Y. — E' possivel querida, mas você esquece que possa haver talvez na sua frente algum cão de fila dos matadoures da Villette, ou algum cão de pastor sem educação!

Sra. X. — Que quer? Não devemos ser mais difficeis para nossos tótós que para nós mesmos! As novas condições da vida social não nos obrigam nós mesmas a frequentar algumas vezes salões onde encontramos uma sociedade de preferencias misturada?

Sra. Y. — Ao menos, a sua miss tem instrucções severas?... Parece-me que não poderia viver com a idéa que de meu *bridge* voltasse com bichinhos... Apre! Que horror!

Sra. X. — Tranquillize-se, querida amiga. A gaiola de Spott é cuidadosamente desinfectada e sua almofada batida conscienciosamente todas as noites... De quarto em quarto de hora, ella mesmo é vaporisado com agua mentholada e, de noite, quando regressa, é esfregado com espuma de sabão de alcatrão e seu couro examinado pelo veterinario.

Sra. Y! — Oh! Respiro! Uma infelicidade chega tão depressa!... Não tem medo que elle sinta frio? Esta primavera está tão inverosimilmente feia... a temperatura tão incerta!

Sra. X. — Sua miss tem ordem de me informar de cinco em cinco minutos, si não sente frio nas queridas patinhas e recommendações para não tirar seu paletozinho quente sinão na passagem do jury.

Sra. Y. — Recommende muito tambem a sua miss que desconfie dos visitantes criminosos. No seu logar, temeria que dessem ao meu tótó alguma coisa que lhe fizesse mal, que o envenenasse...

Sra. X. — Faz-me medo! Vou telephonar para a companhia de seguros pedindo um agente a paizana, que tomará cuidado da gaiola de Spott.

Sra. X. — Pelos tempos que correm as precauções nunca são de mais. Mas qual a vantagem para fazer correr tantos perigos ao Spott?

Sra. X. — Jura nada contar? Pois bem, eis: quero que Spott tenha uma medalha de honra. Comprehende que começo a me amolar de ouvir a sra. D... falar sempre em minha casa, com affectação, da medalha de ouro do seu horrivel cão; a condessa L... aborrecer-me com os diplomas de honra dos seus cãezinhos ruins; a princeza Z... faz ver com... por acaso, a cada uma das suas visitas, a medalha de prata do seu basset ridiculo, e o barão N... affronta meu marido com a medalha vermelha da sua horrivel matilha de corredores! Como todos esses sujeitos animaes não chegam aos pés de Spott, no ponto de vista de intelligencia, imagine como me aborrece! E' por isso que decidi a enviar meu querido á Exposição! Conheço dois membros do jury; Spott terá uma medalha e todos esses bons amigos ficarão furiosos!

Sra. Y! — Acredita que ficarão? ... Vou expor Bridge no proximo anno.

(*Traducção de Elio*)

A SUFFRAGISTA

— O feminismo, para mim — e não acheis graça — disse Henrique, sacudindo a cinza do charuto — é um problema masculino. Nada de paradoxo. E' um problema que foi inventado e creado pelos homens. Primeiro, um problema de livros escriptos por sabios apaixonados por uma logica igualitaria, para os quaes os exemplos da Historia Natural e da Historia Humana não representa nada, e, depois, um problema de escassez de maridos. Um novo Aristophanes poderia tirar facilmente, desse assumpto, alguma comedia do genero da *Lysistrata*. Uma sociedade baseada na superioridade do varão e na potestade marital é obrigada a subministrar maridos ás mulheres. E' natural que, quando não póde fazêl-o na medida sufficiente, as mulheres protestem e proclamem a quebra de um estado de coisas que não cumpre seus compromissos.

"Mas, crêde-me, si algum dia se chega á plena emancipação feminina, á igualdade social dos sexos, esta revolução se fará pelo homem e em beneficio do homem, que hypocritamente apparentará dar liberdade á mulher para livrar-se elle proprio das cargas alheias á supremacia varonil, como os amantes enfastiados abandonam suas ex-amadas, sob o pretexto de que não querem ser mais um obstáculo para seu futuro.

"Mas o prestigio do varão no espirito da mulher — prestigio moldado durante longos seculos, como o que vem da selva primitiva, da aurora pré-historica, e custará muito em desapparecer. Os idolos têm a vida dura e resistente. Mesmo depois que deixamos de crer nelles, a crença passada de muitas gerações e infinitos homens os cerca de uma aureola supersticiosa. A fé os imantou de divindades, os tornou divinos. Vi um exemplo nessa questão da mulher.

"Foi em Londres, em Trafalgar Square, na immensa praça onde Nelson, em bronze levantado em sua columna, ouviu impassivel o rumor oceanico das multidões. A curiosidade moveu-se a presenciar uma manifestação de suffragistas. Das apparencias ridiculas da scena se tinha uma impressão dolorosa. Naquelle tropel de mulheres alvoroçadas, a maioria era de feias, velhas, pobremente vestidas. Adivinhava-se nellas a amargura das vidas fracassadas, o rancor pelo homem, que não lhes déra o amor sonhado e pela sociedade, que tambem não lhes déra um lar, um *home* seguro e confortavel.

"Alguns *policemen* pesados e herculeos procuravam reduzir as excitadas suffragistas, e de vez em quando prendiam alguma que se mostrava mais ruidosa, e a levavam mesmo protestando, gritando, agitando-se em inutil resistencia contra seus capturadores. Alguns rapazes de claros olhos, onde se reflectia uma alegria infantil da vida, provavelmente estudantes, assistiam com pilherias á scena e, ás vezes, se interpunham entre as mulheres e os policiaes, recebendo, impassivelmente, os rudes empurrões que estes lhes davam para fazêl-os circularem, como si fizessem alarde da resistencia de suas costas de gladiadores, e tomassem aquillo como improvisado sport. De repente, a pouca distancia de um pequeno grupo de suffragistas, que batia, prudentemente, em retirada, desceu de um automovel um homem de porte altivo, elegante, senhoril. Não era muito moço, mas andava erguido, arrogante, deixando adivinhar a forte musculatura sob o *complet* elegantissimo, com a sénie e soberba elegancia ingleza. O crystal do monoculo accentuava a expressão desdenhosa da sanguinea e barbeada face, que respirava saúde e energia.

"As mulheres o reconheceram. Era Joe Grey, o grande Joe o famoso ministro, odiado pelas suffragistas por causa da ironia com que falára na Camara sobre as reivindicações femininas, recordando ás mulheres as tres *kkk* germanicas: a igreja, os meninos e a cozinha (*Kirche, Kinder Küche*), e aconselhando-as a se adaptarem a esse modesto ideal domestico. Do grupo feminino sahiram vózes irritadas e alguns insultos. Uma das suffragistas avançou, iracunda, para o homem, brandindo o guarda-chuva, transformado em espada das reivindicações feministas. Era a atrevida uma mulher de cerca de vinte e cinco a trinta annos, pállida delgada angulosa, de cabellos côr de linho e olhos de um azul descolorido. O guarda-chuva apenas chegou a roçar o chapéo de copa de Joe, que segurou o braço da aggressora e cravou nella o olhar imperioso de seus olhos claros e profundos.

"Uma onda rosada de rubor subiu á face exangue da suffragista, que, deante do gesto varonil e do olhar do homem, se poz a chorar, confusa e envergonhada, como si aquelles olhos que a penetravam a houvessem surprehendido núa. Era o imperio secular do homem que renascia naquelle momento, em que a suffragista admirou e talvez tenha amado o desdenhoso Joe como a um deus antigo, formoso e forte. Foi coisa de segundos. Vinham já correndo alguns *policemen*, mas Joe Gray os deteve com um gesto, quando iam prender a mulher. Houve breves explicações: "Não foi nada; deixem-na". E o homem continuou, sereno e indifferente, seu caminho, emquanto a suffragista o olhava afastar-se com olhar indefinido". — ANDRENIO.

TRANSAÇÃO

MANOEL NICOLAU, descendente de familia abastada, vive em certo Estado do interior desta encantadora terra de Santa Cruz.

Fôra estudante, por signal, vadio; pois a fortuna dos paes sorria-lhe como garantia do futuro. A mocidade, as alegrias de viver no fausto jogaram o estudo ao desprezo; por isso não conseguira o ideal, que não era seu senão dos paes, um diploma qualquer de escola superior.

Passam os tempos. Os velhos inclinam-se á lei infallivel, universal; e elle, ainda bem môço, sobraça o grande diploma de sua liberdade!

Gozar a vida é para muitos o supremo ideal, embora mais tarde e ás vezes ainda em tempo, á porta lhes venha bater o arrependimento. E dizia elle de si para si: "sem grandes gozos, a vida é simplesmente um *paço* que nos passam ou um bonde que nos vendem!"

E enveredа pelas farras e vae indo caminho da perdição. A fortuna herdada dos paes segue de sua vez a vereda do desapparecimento.

Entre outras coisas de sua herança, figura ainda um vasto sitio; e, como herança de maior estima, um amigo dedicado, o velho João, crioulo de nota pelo seu negrume e pela fidelidade aos amos nos tempos negros da escravatura. E o velho João e *inhô* Manezinho estimavam-se de veras. De quando em quando, Manoel fazia as suas confidencias ao preto velho e ouvia-lhe quasi sempre os conselhos. Não era raro dizer-lhe o velhote: "*Inhô Manezinho! Inhô Manezinho! Não tá dereito! Vamicê oie bem! Arrepare!*"

Muitas vezes, retrocede Manoel em suas tentativas por ter em mente os avisos do velho. Não obstante os conselhos diarios do amigo, nosso heroe gastára demais e perdêra a fortuna, restando-lhe apenas o sitio e o velho companheiro.

Folgazão, como soe ser qualquer rapaz de seu tempo e de sua condição de vida, Manoel amára, conquistára lindas meninas, loiras e morenas; porem, por voto do "recebo a vós", não se embrulhara. Solteirão, pois, pensa um dia em morar numa cidade onde o campo seja mais vasto, para lhe dar mais expansões ao genio irrequieto.

Pensa e resolve positivamente. Não ha conselhos que o demovam de passar a residir em linda e grande

O CRIMINOSO

DESESPERADO de poder obter do réo, em resposta a nossas multiplas perguntas, outra coisa além de seu absoluto silencio e o gesto de indifferença com que nos recebeu, tentamos uma *punhalada a fundo*:

—E si o infeliz era innocente... por que o matou?

O delinquente interpõe, em geral, entre sua *desgraça* de recluso, e a sociedade e a policia, num labyrintho de falsidades, amarguras e, ás vezes, odios, difficil de transpôr, tanto mais contando para isso com escasso tempo e no proprio logar onde expia seu cirme. No emtanto, é possivel, em alguns casos, chegar até a alma do preso, sacudil-a e recolher vibrações espontaneas, que, ao trahir seus propositos, descubram seus segredos.

—Innocente?!... — ruge tremulo de indignação.

Seus olhos pequenos diminuem ainda mais e quasi desapparecem atraz das sobrancelhas enegrecidas, que parecem duas pinceladas de alcatrão sobre seu rosto barbeado.

Deante da phrase inesperada e que fére o tremendo argumento com o qual se defende de sua consciencia de humano, o réo apathico se metamorphoseou. Perdeu o controle sobre si mesmo.

Seu odio, contido durante annos e annos pelo regimen carcerario, que faz do homem um autómato, sáe em palavras sem illação e ás vezes até sem sentido, por sua bocca deformada por um tic nervoso.

—Innocente, elle?... Innocente tamanho monstro?... Quem disse isso?...

Erguido sobre a ponta dos pés, tremendo de raiva, nos desafia a repetir o que, para elle, é um sarcasmo.

—Eu o vi, sim; como me ouvem! Eu mesmo o vi, com meus proprios olhos!... E, por isso, o matei!...

Vacilla, pensa que acaba de nos confessar seu segredo e se arrepende. Mas, de repente, reage. Para occultál-a mais?...

—Sim! Por isso, o matei! Porque era um canalha!... Um verdadeiro monstro. Enganou-me como um infame!...

Cala-se novamente. Olha fixamente para um recanto de sua cella. Pregado á parede, adornado com caprichosas orlas de papel de jornal, distinguimos um retratinho de mulher.

Pobre altar, ao pé do qual julgamos ver aquelle peccador ajoelhado, dedicando a seu idolo fervorosas orações, em noites horrivelmente silenciosas!

—Enganou tambem a ella!... Fiz bem em matál-o. Mas devia tel-o feito soffrer mais. Que pagasse mais caro sua infamia! Foi muito bom! Resultado: para mim já havia terminado tudo!... Canalha!... Era meu amigo. Meu amigo de confiança! A mesma hypocrisia de sempre...

O peso do infortunio o esmaga. Vacilla e se deixa cahir sobre a taboa que lhe serve de mesa e de leito.

Mergulha sua cabeça entre os braços, e soluça.

—Perdi minha liberdade! Perdi meu lar, minha mulherzinha tão bôa... tudo! Agora sou um criminoso vulgar... Uma calamidade! E tudo por causa delle... E ainda dizem que é innocente!... Si cem vezes o tivesse de novo ante de meus olhos, cem vezes o tornaria a matar! Mas devagarinho. Pouco a pouco... Fazendo-o soffrer. Eu era bom. Não fazia mal a ninguém. Trabalhava dia e noite para que em minha casa não faltasse nada. Vivia para minha mulher... Coitadinha!... Ella o

De Hormino Lyra

cidade, talvez a capital da Republica; mas acompanhal-o-á o seu fiel João. Venderia o sitio, o ultimos dos bens immoveis que lhe resta. Os oic, *arrepare* do João, não triumpham desta vez.

Annunciam os jornaes desejar certo inglez adquirir uma chacara que tenha bom éco.

Lê Manoel o annuncio e formula o projecto de lograr o londrino. Chama o fiel companheiro e logo o instrúe acêrca do caso, ensinando-lhe o meio de o auxiliar na venda do sitio. Aquelle recebe a lição. Esta é simples: consta de se esconder o velhote lá nos fundos do sitio afim de repetir o brado que o amo solta cá do alto da vivenda.

E brada Manoel:

— Uai!

E João ecôa o brado:

— Vai!

Satisfatorio o resultado da experiencia, tudo certo, ao inglez dirige-se o nosso figurão e contracta a venda da chacara, garantindo-lhe a repetição do som pelas ondas sonoras. Para prova da affirmativa, convida-o a ver e examinar tudo no local.

Acceito o convite, vae o pretendente ver de perto o sitio e examinar as possibilidades da compra. Manoel Nicolau estava radiante de contentamento, pois ia lograr o bife, como dizia elle a si proprio. Confiava no velho camarada por quem a lição havia de ser perfeitamente executada.

Chega o inglez. João occulta-se. Trocadas as amabilidades das palavras cortêzes, as saudações, percorrida a casa, vão á prova das ondas sonoras; e contente Manoel e, sem levar em conta a privação de intelligencia do preto velho, ao invés de por só em pratica o que havia ensaiado, brada com todos os pulmões:

— *Uai!*

E repete o preto lá dos fundos:

— *Uai!*

Para maior prova, grita em seguida:

— O' João!

E, com vóz respeitosa de crioulo velho, responde João:

— *Inhô!*

Terrivel decepção! Manoel fica *tiririca* e nada diz. O inglez fica sorridente e diz-lh tudo:

— *Sí dione nó está burra, eu vai mórta in transaçam!*

De Constancio Vigil (Filho)

Poderá dizer. Ella é bôa; é uma santa. Nunca me enganou. Nunca teve um só pensamento máo... Até que, um dia, essa vibora se atravessou em seu caminho... E a pobrezinha foi sua victima! Perguntei-lhe a ella: verão si estou mentindo! Verão si não tive razão ao matál-o!

No paroxismo da dor, o réo bate seu corpo contra as paredes da cella.

Suas narinas dilatadas, sua bocca entreaberta, seus olhos franzidos e o sangue que lhe ferve nas faces enrugadas dão a seu rosto um aspecto feroz.

— Era meu amigo de-confiança. Meu melhor amigo! Conheciamo-nos desde meninos. Frequentavamos a mesma escola. Trahiu-me como um cão.

Dá uns passos. Dois ou tres. Os que permitte a estreiteza da cella. Serena-se.

— Era corretor commercial... Eu era livreiro: trabalhava com um tio. Todas as noites elle ia buscar-me em minha casa. A's vezes ia mais cêdo do que eu... antes do jantar... Esperava-me... Minha mulher o attendia...: Coitadinha! Era tão bôa!... Nunca suspeitou que aquelle typo pudesse ser um canalha! Muitos dias ficava a jantar comnosco. Depois, davamos um passeio, entravamos num café, iamos assistir a uma sessão de cinema... Como podia suspeital-o? Era para mim... quasi irmão! Pois si foi elle mesmo quem me enthusiasmou para que eu me casasse com ella! Foi elle quem ma apresentou: era sua conhecida!...

Mil idéas se lhe agrupavam no cerebro. Desejaria espressál-as todas a um tempo. Vacilla, protesta...

— Canalha!... E ella tão bôa!... Matei-o! Elle bem o merecia. Parti-lhe o coração! Pouco a pouco, elle foi envenenando-a, tornando-a má, mettendo-lhe no sangue o veneno de seu sangue. A pobrezinha quiz defender-se. Falou-me: disse-me, um dia, que não lhe parecia bem fosse elle tão frequentemente comer em nossa casa!... E eu nada percebia... Não podia perceber. Como ia suspeitar? Era impossivel!... Ah, mas de pouco lhe serviu! Não tardei em saber, e então tudo acabou. Nem tempo de fugir lhe dei...

Sua mão crispada aperta algo que só elle vê, e com que dá pancadas imaginarias no espaço.

— Era um sabbado. Recordo-me muito bem! Um sabbado de maio... Atrazei-me um pouco... Tive que ficar até tarde no centro, e falei para casa pelo telephone. Sempre que ia tarde o fazia... Attenderam e... alguem tapava o phone, com a mão, para que eu não escutasse... No emtanto, ouvi que se dizia: "—E' elle..." E, em seguida, com calma que comprehendi fingida: "Alô! Quem fala?... Ah! E's tú?... Vou chamar Clara. Está na cozinha". Mentira!... Clara, minha mulherzinha adorada, a victima desse cão, estava alli, ao lado delle! Eu a sentia respirar, a ouvia falar em vóz baixa. Tremendo de dôr e de medo, ella tomou o phone, e tentou enganar-me. Pobrezinha! Ella sabia quanto eu a amava e quiz evitar-me a dôr enorme de sabêl-a má por culpa de outro.

"—Sim... sim..., querido... Que dizes?! Já vens?..."

Seu rosto illumina-se. Elle sorri com doçura. Evoca aquella vóz tão querida, e conclúe:

— "Estava na cozinha... Vim correndo!" Desliguei o telephone... Aquillo era superior a minhas forças...

A LUNETA D

(Sherlock Holmes)

(Continuação do numero anterior)

"E' urgente procurar uma mulher bem vestida, de nariz excessivamente grosso, com os olhos piscos, muito proximo um do outro e a testa cheia de rugas. Tem as costas um pouco abauladas. Foi por duas vezes ao oculista. Os estabelecimentos de optica não abundam em Londres, e além disso os vidros da luneta são muito espessos; ha de ser facil portanto descobrir a criminosa."

Holmes sorria, com ar prazenteiro, da estupefacção que se notava no rosto do funccionario.

— Não ha nada mais simples, accrescentou. E' mesmo difficil encontrar um objecto que possa fornecer tão preciosos pormenores. A elegancia da luneta dá logo a perceber que a possuidora della era uma mulher... o que concorda inteiramente com as ultimas palavras do secretario. O facto de ser de ouro a armação, faz concluir, com segurança, que essa mulher não é de baixa classe. O afastamento dos aros é demasiado para um nariz de mediana espessura. O nariz é, por conseguinte, muito grosso na sua base. Posso até affirmar, soccorrendo-me da observação, que essas especies de narizes são curtos e arrebitados, mas é escusado ir tão longe. O meu rosto é alongado e estreito. Quando ponho esta luneta, não consigo que as pupillas me fiquem em frente da parte central dos vidros. Dahi, infiro logicamente que os olhos da mulher ficam muito proximos um do outro. Os vidros são extraordinariamente concavos. Ora quem soffre assim duma tão grande myopia, ha de ter por força os signaes physicos correspondentes a esta especie de vistas; testa enrugada, habito de piscar as palpebras e costas abauladas.

— Realmente, disse eu, as suas deducções são exactissimas. O que não percebi foi como chegou á conclusão de que a mulher foi duas vezes ao oculista.

Holmes reapossou se da luneta.

— Ora veja. Os aros teem uns pequenos envolucros de caoutchouc, para tornarem a pressão menos incommoda. Um delles está novo. O outro ganhou uma côr differente. O primeiro foi, portanto, collocado recentemente. E mesmo o outro não deve ter sido collocado ha muitos mezes. Tanto o caoutchouc novo, como o mais antigo, teem ambos a mesma espessura e são da mesma qualidade. Presumo, portanto, que a mulher tenha ido de ambas as vezes ao mesmo estabelecimento.

— Maravilhoso! exclamou Hopkins no auge da admiração. E lembrar-me eu que tive nas minhas mãos tão preciosos indicios e que nem siquer dei por elles. Devo, comtudo, dizer que já era intenção minha percorrer todos os oculistas de Londres.

— Naturalmente! Tem alguma coisa a accrescentar ao que nos contou?

— Nada, sr. Holmes. Disse-lhe tudo quanto sabia. Bem pouco era, afinal. Ah! Já me esquecia: procurei saber se na estação se tinham apeiado al estrangeiros. Nenhum resultado, porém, colhi de averiguações. O que me espanta é a falta de indicio determinante do crime. Para isso é que acho uma sombra siquer, de explicação...

— A tal respeito nada lhe posso dizer agora; se deseja que o acompanhemos ao local do acon cimento...

— Tenho nisso o maior empenho, sr. Holmes. não houvesse receiado abusar dos seus obsequios nha-lhe pedido já que me acompanhasse. Ha comboio para Chattam ás cinco horas da manhã. oito horas para as nove estamos em Yoxley Place.

— Pois bem, iremos. A investigação é interess Tenho desejo de examinar o local, para obter dencias. A noite vae adiantada e o melhor que a fazer, agora, é descançar um pouco. Com este e a'guma roupa, improvisamos-lhe uma cama. manhã, antes da partida faremos na machina alcool uns goles de café.

* * *

A tempestade apaziguara-se. O dia appareceu moso e frigido. O sol mortiço dos invernos londrin espalhava uma luz baça sobre as margens do Tamisa. O curso do rio era torvo e rapido.

Depois de um trajecto fatigante e longo, apeiamo nos numa pequena estação, a tres milhas de Chattam.

Emquanto atrelavam os cavallos a uma carruagem almoçamos frugalmente e ás pressas. Partimos seguida para Yoxley Old Place e iniciamos logo nossos trabalhes.

A' porta estava um policia.

— Ha alguma coisa de novo, Wolson? pergun Hopkins.

— Nada.

— Foi visto algum estrangeiro nas proximidades

— Nenhum. Interroguei os empregados da estação ninguém notou qualquer estrangeiro que se ap ou comprasse bilhete.

— Procurou nas hospedarias e nos quartos aluguel?

— Procurei, mas sem resultado.

— Affinal, isso pouco importa. A distancia Chattam é curta, e como lá o movimento de sageiros é grande, facil se tornava erbarcar desp cebidamente.

Entramos no jardim e Hopkins disse:

AROS DE OURO

Por Conan Doyle

— E' este o caminho de que lhe falei, sr. Holmes. Hontem não havia nelle o menor vestigio de passagem.

— Em que sitio estava a herva amassada?

— Aqui nesta tira de verdura que vae do bordo do canteiro aos massiços das flores. Agora, nada se nota já, mas hontem havia indicios manifestos.

— Sim, sim, disse Holmes, abaixando-se. Alguem passou por aqui. A mulher caminhou muito cautelosamente, porque senão o rasto della teria ficado impresso.

— Vê-se que é uma creatura de grande serenidade, aventou Hopkins.

— Hum!... exclamou Holmes muito baixinho e por maneira que só eu o ouvi.

— A sua opinião é de que a mulher sahiu de casa muito cautelosamente pelo mesmo caminho por onde entrou, não?

— De certo, sr. Holmes.

Sherlock retorquiu com ar de incredulidade:

— Não me parece... Mas vamos adeante. O caminho está sufficientemente vistoriado. Esta porta de communicação com o jardim está sempre aberta, não é verdade? Portanto, a mulher que procuramos penetrou na casa sem a menor difficuldade. Quando entrou, decerto não lhe passava pela cabeça a idéia de um crime, aliás ter-se-ia munido de uma arma qualquer e não se aproveitaria, ao acaso, do estylete collocado sobre a secretária. Atravessou o corredor sem deixar rasto algum na esteira e encontrou-se no gabinete do professor. Quanto tempo se demoraria lá?... Isso é que não ha meios de se averiguar.

— Pouco tempo, com certeza, por uma circumstancia que me esqueceu dizer-lhe. Um quarto de hora antes do crime, tinha estado a creada a arrumar o gabinete.

— Bem. Já temos um limite. A mulher entrou, pois, aqui. E que fez? Dirigiu-se á secretária. Com que fim? Não foi para tirar qualquer coisa das gavetas, porque não estavam fechadas á chave, nem continham papeis de importancia. Logo, foi o armario que ella procurou... Mas que sulco é este aqui? Watson accenda um phosphoro para examinarmos melhor. Oh! Hopkins, como demonio se esqueceu o senhor de me falar nisto?

A arranhadura que Holmes examinava partia do rebordo da fechadura e estendia-se pelo verniz do armario, numa extensão diminuta, para o lado direito.

— Eu reparei effectivamente nesse pequeno signal, mas é tão vulgar encontral-os, em torno das fechaduras, que não dei importancia á observação.

— Mas este é recente. Veja como o metal do espelho brilha ainda no ponto em que foi tocado. Se a mossa fosse mais antiga, teria agora um tom egual ao de toda a parte restante da chapa. Examine a madeira com esta lente. Não vê que ha fragmentos brilhantes de verniz, erguidos aos lados, numa disposição similhante á da terra levantada pelo arado, quando se abre um rego? Chamem a governante.

Pouco depois, entrou no gabinete uma mulher edosa, de aspecto triste.

— Diga-me uma cousa; limpou hontem este movel?

— Limpei sim, senhor.

— E, ao limpal-o, notou que tivesse esta arranhadura?

— Não tinha.

— Tambem estou convencido disso. Senão o panno da limpeza teria levado o pó brilhante que se vê de ambos os lados do sulco. Quem guarda a chave deste armario?

— O sr. Coram. Trazia-a sempre presa na cadeia do relogio.

— E' uma chave ordinaria, de feitio commum?

— Não, senhor. E' uma chave especial, dessas que chamam Chubb.

— Obrigado. Póde retirar-se.

E continuou, voltando-se para nós:

— A investigação vae fazendo progressos. A mulher entrou aqui e abriu o armario, ou, pelo menos, tentou abril-o. Nesse momento foi colhida de surpreza pelo apparecimento do secretario. Na pressa de retirar a chave, arranhou o espelho da fechadura e o verniz. O secretario agarrou-a, e ella, armando-se do estylete que lhe estava á mão, feriu-o no intuito de o obrigar a largal-a. Willaughby Smith cahiu inanimado e ella, então, poz-se em fuga. Levou algum papel do armario? Não levou? Depois o saberemos. Chamem Suzanna.

A creada appareceu.

— Acha possivel que pudesse sahir alguem por esta porta, depois do grito que a senhora ouviu?

— Não era possivel. De contrario, eu teria visto essa pessoa no corredor, quando desci a escada, a toda a pressa. Além disso, a porta estava fechada. Se estivesse aberta, teria ouvido tudo quanto se passou.

— Bem, commentou Holmes, avançamos mais um passo. Não foi por aqui que a mulher fugiu. Conseguintemente, fel-o pelo mesmo lado por onde entrou. Este outro corredor conduz ao quarto de dormir de Coram, não, é sr. Hopkins? Não ha outra sahida para fóra?

(Continúa na pag. seguinte)

— Não ha, sr. Holmes.

— Vamos ter com o homem. Repare nisto, Hopkins, que é importante: este corredor está tambem coberto com uma esteira.

— E então?

— Então?!... Pois não vê a importancia que ha nisto? Mas, como me posso enganar, não insistirei. Em todo o caso, a coisa cá me fica de reserva e parece-me bem que havemos de tirar della optimas conclusões. Venha dahi apresentar-nos ao homem.

Descemos por um corredor que tinha a mesma largura do que dava serventia para o jardim. Na extremidade havia uns degraus e uma porta. O nosso guia bateu e, dahi a instantes, davamos entrada no quarto de dormir do professor.

Era um vasto aposento, pejado de livros. Os que não cabiam nas estantes atulhadas, jaziam aos cantos, em pilhas.

Coram estava sentado na cama, com o tronco amparado pelos travesseiros.

Era um homem deveras extraordinario.

Tinha o rosto emmagrecido e pallido, o nariz aquilino, e, quando, ao entrarmos, se voltou para nós, os seus olhos penetrantes e sombrios fixaram-nos longamente. A barba era inteiramente branca, a não ser em torno da bocca onde tinha um tom amarellado. Nos labios brilhava o fogo de um cigarro e toda a atmosphera do quarto estava impregnada do cheiro de tabaco.

Quando estendeu a mão a Holmes para o cumprimentar, notei que tinha os dedos ennegrecido pela nicotina.

Num inglez muito correcto, mas em que transparecia um leve accento estrangeiro, disse:

— Eu sou um fumante incorrigivel, senhor Holmes. Acceite um cigarro dos meus... e o senhor tenha tambem a bondade... E' uma especialidade este tabaco. Recommendo-lh'o. Mando fabricar meus

cigarros em Alexandria. Vem-me de lá um milheiro delles de cada vez. E, tenho até vergonha em confessal-o, remettem-m'os de quinze em quinze dias. Eu sei que o uso do tabaco é anti-hygienico, e até perigoso. Mas que querem? Sou um velho, e como vê, só tenho dois prazeres: o fumo e o trabalho! É o que me resta!

Holmes acceitou um cigarro e poz-se a examinar todo o aposento, de junto do leito. Este erguia-se ao centro do quarto.

— O fumo e o trabalho! Agora, porém, só o fumo, murmurou o professor. Foi um acontecimento bem desgraçado esse que se passou aqui... Quem havia de imaginar uma tamanha catastrophe? Um rapaz tão bondoso e tão intelligente!... Bastou-me a sua convivencia durante alguns mezes, para que elle se me tornasse um collaborador insubstituivel. Que pensa a respeito desta tragedia, sr. Holmes?

— Não tenho, por emquanto, idéias assentes sobre o caso.

— Pois ficar-lhe-ia reconhecidissimo se esclarecesse o caso. O golpe foi tão inesperado que quasi arruinou esta minha pobre cabeça, fatigada já pelos alfarrabios. Quanto mais penso no assumpto, menos entendo. Parece que se me obscureceu o raciocinio. O senhor Holmes, porém, que é um homem de acção prompta e de intelligencia rapida, decerto vae desvendar todo este mysterio. De mais a mais o caso faz parte dos que constituem a especialidade dos seus estudos. E' uma felicidade para mim, a sua intervenção, creia.

Em quanto o velho professor se lamentava, Sherlock passeava ao longo do quarto, fumando com uma rapidez extraordinaria. Via-se que compartilhava o enthusiasmo do professor pelo tabaco de Alexandria.

— Foi um terrivel golpe, continuou o velho. Ali, naquella mesa está a minha obra magna. E' a analyse de uns documentos descobertos nos mosteiros Cophtas da Syria e do Egypto, um trabalho que fará ruir inteiramente os preconceitos que ainda restam acerca da revolução religiosa.

Mas como a doença não me abandona, e como o meu grande collaborador me faltou, decerto não poderei concluil-a! Agora reparo, o sr. Holmes fuma ainda mais do que eu!...

Holmes sorriu-se.

— Sou um apreciador, disse elle e sem ceremonia tirou da caixa do professor outro cigarro. Antes desse tinha já fumado tres.

— Não quero fatigal-o com muitas perguntas, sr. Coram, sei que estava ainda na cama quando o crime foi praticado, e é natural por isso que nada saiba. Peço-lhe, portanto, que me diga apenas aquillo que pensa a respeito das ultimas palavras pronunciadas pelo seu secretario: "O professor... Era ella..."

— Suzanna é uma camponeza, boçal como quasi todas as mulheres da sua egualha. A minha opinião é que o desgraçado tenha pronunciado num subitaneo accesso de delirio varias palavras desconnexas. Com ellas, a creada engendrou, depois, essa pretensa phrase, que é inteiramente vazia de sentido.

— Bem, já vejo que não póde dar-me nenhuma explicação a respeito deste drama.

— Na verdade, o caso é confuso. Mas não é verosimil a supposição de um accidente ou de um suicidio?... A vida de um rapaz oculta por vezes profundos mysterios. Aqui para nós: Quem nos afiança que esta morte não seja o resultado de um desgosto de amor? Pensando bem, acho a hypothese do suicidio muito mais acceitavel do que a do assassinato.

— E a luneta?

— Sim... A luneta é realmente um argumento que abala um pouco a supposição que fiz. Mas diga-me: a luneta não será uma lembrança querida, a recordação de alguma namorada? Digo isto por dizer. A minha actividade mental tem-se exercido sempre em assumptos especulativos e reconheço, por isso

sou incompetente para analysar as coisas da vida pratica...

— Tire outro cigarro, sr. Holmes, tire. E' um prazer para o vicioso como eu, encontrar um apreciador de bom tabaco...

Voltando ao assumpto: Os namorados guardam até ao fim da vida, como thesouros inestimaveis, os objectos mais futeis... O seu amigo disse-me que tinham encontrado, em baixo, na relva, uns vestigios quaesquer. Isso, porém, é uma indicação sem importancia, porque não é facil averiguar a causa delles. Quanto ao estylete, é provavel que o homem o atirasse fora, depois de se ferir com elle, e que tenha, portanto, ficado bastante distante, e alguns metros do local onde estava o cadaver. Todas estas considerações são, provavelmente, meros devaneios da imaginação de um velho-caduco: não obstante, persisto na minha opinião: Smith suicidou-se.

Holmes pareceu impressionado com a hypothese do professor e continuou a passear, com um olhar abstracto ao longo do gabinete, fumando cigarros sobre cigarros...

De repente, voltou-se para o velho e disse:

— O que havia no armario da secretária?

— Nada que tentasse um ladrão... Papeis de familia... cartas de minha pobre mulher e os diplomas com que nas universidades me recompensaram. Aqui tem a chave. Abra-o e verifique.

Holmes pegou na chave, examinou-a por alguns segundos e tornou a entregal-a a Coram.

— E' excusado abrir o armario. Nada adeantaria com isso. Prefiro ir dar uma volta pelo jardim. A hypothese de um suicidio precisa ser maduramente estudada. Desculpe-nos o incommodo que lhe causamos; não voltaremos a importunal-o senão depois do seu almoço. Si alguma coisa de novo tivermos descoberto, contar-lh'a-emos então.

Deixamos o professor e encaminhamo-nos silenciosamente para o jardim. Holmes parecia distrahido.

— Achou algum novo indicio? perguntei-lhe.

— A coisa está dependente dos cigarros que fumei. Ou eu me engano muito, ou essas cigarros é que hão de indicar tudo.

— Essa agora! Mas como?!

— Como? Vel-o-á em breve pelos seus proprios olhos. De resto, se o que eu supponho não tiver importancia, resta-nos ainda o recurso do oculista. Uma investigação, bem conduzida, através dos diversos estabelecimentos da especialidade ha de dar resultados seguros. Mas como esta investigação se tornaria fatigante e longa, acho preferivel tomar pelo caminho mais curto. Ah! Está além a governante. Vou conversar uns momentos com ella.

Já noutra parte disse que Sherlock tinha um geito especial para captar a confiança das mulheres.

A de Mrs. Marker conquistou-a tão rapidamente que, passados uns curtos instantes de dialogo, já falava com ella como si fossem amigos velhos.

— Sim, senhor Holmes, disse a governante. O meu amo fuma durante o dia inteiro como uma chaminé... Muitas vezes fuma tambem durante a noite e de tal modo que, quando pela manhã entro no quarto, a fumaceira é tão cerrada como os nevoeiros em Londres. O desgraçado do sr. Smith era tambem um viciado pelo tabaco, mas não podia-se comparar com o meu amo. Dizem que faz grande mal á saude.

— E' um vicio pessimo, observou Holmes. Um tal abuso deve tirar-lhe o appetite.

— Não sei...

— Ha de comer pouquissimo, sem duvida nenhuma.

— O appetite delle é muito variavel, senhor Holmes.

— Pois eu atrevia-me a apostar como o seu amo não almoçou hoje quasi nada, e que, daqui a pouco, mal toca no lunch. Fumou tanto...

— Está enganado. Esta manhã almoçou com uma vontade que até me causou admiração, e recommendou-me logo que lhe arranjasse costelletas com fartura, para o seu lunch. Nem sei como elle pode comer assim logo hoje! A mim, desde que vi o cadaver do sr. Smith, tem-me feito repugnancia a comida. Elle, então, come e bebe como se nada houvesse. Muito diffrentes são as naturezas!

O resto da manhã passamol-o no jardim.

Stanley Hopkins tinha partido para uma das aldeias proximas á cata de pormenores relativos a uma estrangeira que havia sido encontrada por varias creanças na estrada de Chattam.

Quanto ao amigo Sherlock, aparentava a maxima indifferença. Nunca, em inquerito algum, lhe notara um tamanho desinteresse.

Quando Hopkins regressou, disse-lhe, com um aspecto radiante, que os signaes da estrangeira encontrada plos pequerruches em Chattam condiziam inteiramente com os que o celebre policia amador previra na vespera. Holmes ouviu a informação sem o minimo commentario e com um ar aborrecido e apathico.

Pouco depois, Suzanna, entre outras coisas, contou-lhe que o professor sahira a passear no seu carro de paralytico, na manhã do crime, e que tinha recolhido á casa uma meia hora, se tanto, antes da sanguinolenta occorrencia.

Ouviu este esclarecimento com certa attenção.

Confesso, porém, que não attingi a razão disso, embora ficasse concluindo que elle tinha importancia para Sherlock e que, de alguma fórma, favorecia o plano de investigação que formara.

Continuamos por algum tempo ainda sentados no jardim, quando Sherlock ao vêr as horas no seu chronometro, exclamou repentinamente, erguendo-se da cadeira.

— Duas em ponto, meus caros. Vamos até o quarto do homem.

O professor estava agora sentado numa poltrona.

(Continúa na pag. seguinte)

em frente ao fogão. Acabara de fazer o seu lunch e a terrina inteiramente vazia, que se avistava ao centro de uma pequena mesa, comprovava o bom appetite a que a governante alludira.

Ao entrarmos no quarto, voltou para nós a face rugosa, onde os olhos chammejantes com um fulgor estranho. Nos labios fumegava-lhe o eterno cigarro.

— Então, sr. Holmes, encontrou a chave do mysterio?

E ao dizer isto, apresentou-lhe a cigarreira, num gesto de offerecimento amavel. Sherlock estendeu o braço, e ao pegar nella, deixou cair no chão todos os cigarros que continha. Poz-se de joelhos solicitamente a apanhal-os do chão. Eu e Hopkins ajudamol-o na tarefa. Ao erguermo-nos, notei na physionomia do meu amigo uma vermelhidão intensa, o que nelle era signal de que o acontecimento ia ter, a breve trecho, o desenlace que calculara.

— Effectivamente, sr. professor, achei a chave do mysterio!

Hopkins e eu olhamos para elle cheios de espanto. O velho Coram, esse teve um leve sorriso de ironica descrença e replicou:

— Onde? No jardim?

— Não senhor. Aqui mesmo.

— Aqui?... Mas quando?

— Agora, precisamente.

— Ora... Ora... meu caro Sr. Sherlock, o senhor está a divertir-se comnosco. O caso, porém, é muito grave para que se preste a gracejos...

Sherlock gravemente retorquiu:

— Estou na posse de todos os dados. Os meus raciocinios, sobre estes acontecimentos, têm entre si a mesma concatenação que os elos de uma forte corrente de aço. Tenho, pois, a certeza de que não me enganei. Que papel representou o senhor Coram Smith neste acontecimento? Aqui está uma pergunta a que, por ora, não posso responder; espero, porém, que daqui a alguns instantes, o senhor mesmo nol-o diga. No emtanto, deixe-me contar como a tragedia se desenrolou:

Uma senhora entrou hontem no seu gabinete, com a intenção de se apoderar de diversos documentos arrecadados no armario da secretária.

Trazia uma chave comsigo. E digo isto porque a sua não servia para esse fim; aliás teria qualquer vestigio que explicasse os sulcos que se encontraram no espelho da fechadura. A circumstancia de vir munida de uma chave falsa, leva-me á conclusão de que o sr. Coram não é cumplice dessa mulher e de que ella entrou nesta casa com a intenção de o roubar e sem que o senhor a esperasse.

O velho, deitando com lentidão uma baforada de fumo, commentou:

— E' deveras curioso tudo isso. Curiosissimo, até. Mas visto affirmar tão convictamente que essa mulher entrou aqui e o fim que cá a trouxe, não lhe será talvez difficil explicar-nos para onde é que ella se foi...

— Vou tentar reconstituir o caminho que seguiu. O seu secretario decerto a agarrou para lhe cortar a sahida, e ella apunhalou-o, não porque tivesse qualquer intenção homicida, mas com o intuito de se escapar a salvo. Claro está que, quem quer matar, não entra, numa casa desarmado. Perturbada com a morte do rapaz, poz-se pricipitadamente em fuga. Mas como tinha perdido a luneta, emquanto lutava com o secretario e como é excessivamente myope, não atinou com a sahida. Seguiu pelo corredor que conduz ás sacadas deste quarto, suppondo que percorria aquelle por onde tinha entrado. Ambos elles, como sabem, estão egualmente esteirados. Era já tarde quando deu pelo engano. Haviam-lhe cortado a retirada. Era-lhe, portanto, impossivel retroceder. Se estacionasse, apanhavam-n'a tambem! Decidiu-se, portanto, a avançar. Subiu as escadas, empurrou a porta e entrou para este quarto.

Nos olhos e no rosto do professor estampou-se um intenso pasmo. Encarou por instantes Sherlock, com os labios entreabertos e as pupillas dilatadas. Depois, num manifesto esforço, encolheu os hombros e franziu a bocca num sorriso contrafeito.

— Tudo o que contou é, com effeito maravilhoso de perspicacia. Ha, todavia, um pequeno entrave: eu estive sempre aqui durante todo o dia de hontem.

— Sei isso muito bem, professor Coram.

— Então como quer o senhor que eu, tendo ficado todo o dia na cama, não desse pela entrada dessa creatura no meu quarto?

— Peço perdão, professor. Eu não affirmei tal coisa. O senhor não só deu pela entrada della, como tambem a reconheceu e lhe proporcionou um esconderijo.

O velho poz-se novamente a rir, mas de um modo mais constrangido ainda. Havia se soerguido da cadeira e os olhos brilhavam-lhe como duas chammas no escuro.

— Decididamente, o sr. Sherlock endoideceu! Sim, só um doido pode engendrar tudo isso! Se a occulto, diga então onde está ella. Ande, diga.

— Está ali! exclamou Sherlock, apontando para um grande armario que estava a um dos cantos do quarto.

O velho attonito, alçou o braço ao ar e cahiu sobre o assento da poltrona, num movimento convulsivo. Immediatamente, o armario abriu-se e uma mulher avançou para nós.

— Tem razão, senhor, disse ella, dirigindo-se a Holmes, com uma pronuncia estrangeira. Aqui me tem!

Tinha o cabello e o fato cobertos de poeira e de teias de aranha. O seu rosto era retalhado de rugas precoces e todo o seu physico correspondia ao que Holmes tinha previsto.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Dores nas Cadeiras

As dores agudas como punhaladas nas cadeiras, podem revelar graves Desordens dos Rins!

As dores nas cadeiras ao curvar-se ou mover-se, revelam que existe algum mal no organismo. Provavelmente é começo do Lumbago, Rheumatismo ou Affecções da Bexiga.

Esses males podem ter a sua origem no excesso de bacterias ou venenos que se acham no sangue. Os rins não levam a cabo a sua missão de filtrar as impurezas do sangue e estes venenos a não ser que sejam expulsos do organismo, são arrastados pela circulação do sangue a todas as partes do corpo excitando os nervos sensitivos.

Pontadas agudas e curtas ao levantar-se da cama; tortura ao endireitar o corpo depois de se haver inclinado. Não acredita V.S. que esses symptomas podem ser provocados por desordens dos rins?

É sua vida uma tortura diaria?

É necessario activar os rins assegurando-se do seu bom funccionamento. Para este fim, aconselhamos um curto tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Este medicamento fortalece os Rins, limpa as vias urinarias, expellindo, assim, todos os venenos existentes no organismo.

AS PILULAS
DE WITT
PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 11).
Caixa do Correio 834. Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARAES - RUA ARISTIDES LOBO, 115 - Telephone 8-3957

DIARIAS DESDE 15$000

S. Paulo: PRAÇA DA SÉ, 9-E. — Tel. 2-5212. CAIXA 211.